

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

A RÁDIO NO ESPAÇO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO
COMPARATIVO

ZENEIDA ALVES DE ASSUMPÇÃO

57

CURITIBA/PARANÁ

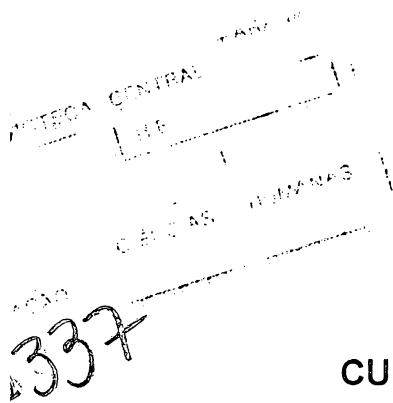
MARÇO/2001

1.

ZENEIDA ALVES DE ASSUMPÇÃO

**A RÁDIO NO ESPAÇO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO
COMPARATIVO**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de especialista em Organização do Trabalho Pedagógico à Comissão Julgadora da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação da Professora Cristina Azra Barrenechea.



CURITIBA/PARANÁ

MARÇO/2001

"Haverá um dia - talvez este já seja uma realidade - em que as crianças aprenderão muito mais - e muito mais rapidamente - em contato com o mundo exterior do que no recinto da escola"

MARSHALL MCLUHAN

AGRADECIMENTOS

À professora Ms. Cristina Azra Barrenechea, pela orientação, confiança e liberdade.

Ao amigo de jornada profissional, jornalista Sergio Luiz Gadini, pela contribuição valiosa.

À amiga Irvana Chemin Branco, pelas palavras sábias nos momentos difíceis.

À amiga santista Vera Lúcia Chaves Alonso, pelas trocas de conhecimentos/saberes virtuais.

Às professoras Ângela Denise Stemberg Cardoso, Áurea S. Souza, Bernardete Lovato Binda, Itálica Bettega Joaquim, Maria Odisséia Casagrande D'Angelis e Sandra Mara Lopes Martins, pela relevante colaboração.

Ao professor Vicente Gentili, pela responsabilidade e competência.

A todos os amigos que acompanharam este processo, pelo estímulo.

DEDICATÓRIA

o meu amado filho, Rafael, pela compreensão, paciência e incentivo.

SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
INTRODUÇÃO.....	1
JUSTIFICATIVA.....	2
OBJETIVOS.....	4
GERAL.....	4
ESPECÍFICOS.....	4
HIPÓTESES.....	5
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	6
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	6
SUJEITOS.....	8
1 COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE PLANETÁRIA.....	9
1.1 SITUANDO A QUESTÃO.....	9
1.2 A COMUNICAÇÃO E O DISCURSO PEDAGÓGICO.....	12
1.3 AS NOVAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO: UMA ESCOLA SEM PAREDES.....	14
1.4 O RÁDIO, A EDUCAÇÃO E A CULTURA.....	15
1.4.1 Escolas radiofônicas.....	18
2 FAZENDO RÁDIO NA ESCOLA.....	28
2.1 UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CURITIBA.....	28
2.2 A PRODUÇÃO INFORMATIVA DA RADIOESCOLA.....	31
3 A RÁDIO NO ESPAÇO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO.....	33
3.1 ANÁLISE DOS DADOS.....	33
3.2 ABORDAGEM TEMÁTICA DAS ENTREVISTAS.....	34
3.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	39
3.4 ABORDAGEM TEMÁTICA DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DA ESCOLA A.....	41
3.5 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES.....	47
3.6 ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS.....	49
3.6.1 Alunos de quarta série da <i>escola A</i>	49
3.6.2 Alunos da quarta série da <i>escola B</i>	50
3.7 ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS.....	54
3.7.1 Análise dos relatos.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67
ANEXOS.....	72
ANEXO 1 - FOTOS DA RADIOESCOLA E SCRIPTS DA PROGRAMAÇÃO.....	73
ANEXO 2 - INAUGURAÇÃO DA RADIOESCOLA – MATÉRIA DO JORNAL.....	74
ANEXO 3 - PRODUÇÃO DOS ALUNOS (REDAÇÃO) – ESCOLA A E B.....	75
ANEXO 4 - CURRÍCULO BÁSICO SOCIOINTERACIONISTA E RADIOESCOLA COMO PROJETO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CURITIBA.....	76
ANEXO 5 - QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES.....	77

RESUMO

O presente trabalho teve como objeto suscitar a discussão sobre a rádio no espaço escolar e sua contribuição com a questão pedagógica. Além disso, pretendeu levantar alicerces para a construção de um novo espaço de articulação entre comunicação e educação na sala de aula imprescindíveis para a atual sociedade planetária. Para a realização deste trabalho, optou-se pela pesquisa qualitativa e pelo estudo de caso comparativo. A pesquisa qualitativa visou conhecer a opinião dos sujeitos (professores e alunos) sobre a contribuição da rádio para o desenvolvimento da comunicação dos educandos por meio de entrevistas e questionário. O estudo de caso comparativo foi realizado entre duas escolas públicas municipais de Curitiba/PR para verificar a influência e contribuição da rádio em sua aprendizagem e desenvolvimento social e cultural da programação radiofônica. Para avaliação da produção de textos escritos, tomou-se como referencial o Currículo Básico da Rede Municipal de ensino de Curitiba, Capítulo V, Língua Portuguesa, considerando a estrutura textual, sintaxe, morfologia e apresentação. Para a avaliação da oralidade (fluência verbal), trabalhou-se com a leitura de um texto informativo radiofônico e relato de um fato ou história do cotidiano do aluno, considerando a objetividade, clareza, uso de elementos de coesão, coerência, consistência argumentativa de pontos de vista e adequação ao interlocutor e à situação (altura, tonalidade, timbre, postura e grau de formalidade). Apresentou-se um histórico da Radioeducação brasileira, pressupostos sobre a comunicação e o sociointeracionismo de Vigotski. Na análise dos resultados, procurou-se apontar as diferenças entre os dois grupos estudados (um grupo com experiência em rádio e outro sem experiência).

ABSTRACT

The present work had as object raises the discussion on to radio in the school space and your contribution with the pedagogic subject. Besides, he/she intended to lift foundations for the construction of a new articulation space between communication and education in the indispensable class room for the current planetary society. For the accomplishment of this work, she opted for the qualitative research and for the study of comparative case. The qualitative research sought to know the opinion of the subjects (teachers and students) about the contribution of the radio for the development of the students' communication through interviews and questionnaire. The study of comparative case was accomplished among two municipal public schools of Curitiba/PR to verify the influence and contribution of the radio in your learning and social and cultural development of the programming radiofônica. For evaluation of the production of written texts, it was taken as referencial the Basic Curriculum of the Municipal Net of teaching of Curitiba, Capítulo V, Portuguese Language, considering the textual structure, syntax, morphology and presentation. For the evaluation of the oralidade (verbal fluency), one worked with the reading of a text informative radiofônico and report of a fact or history of the daily of the student, considering the objectivity, clarity, use of cohesion elements, coherence, argumentative consistence of point of view and adaptation to the speaker and the situation (height, tonality, emblem, posture and formality degree). he/she Came a report of Brazilian Radioeducação, presupposed on the communication and the sociointeracionismo of Vigotski. In the analysis of the results, if it points the differences among the two studied groups (a group with experience in radio and other inexperienced).

INTRODUÇÃO

A proposta dirige-se aos educandos de terceiras e quartas séries do ensino fundamental, entre 9 e 12 anos, faixa etária para a qual não existem programações radiofônicas educativas.

O trabalho, fruto da minha experiência como docente e jornalista, parte do pressuposto de que o aluno, como produtor e locutor da Radioescola, poderá:

- 1) compreender de maneira crítica o discurso subliminar dos produtos simbólicos;
- 2) desenvolver a habilidade de organização da fala e da escrita (produção de textos) com fluência verbal;
- 3) dominar o processo de comunicação radiofônica.

JUSTIFICATIVA

O presente trabalho originou-se da dissertação que defendi na Universidade Metodista de São Paulo, em outubro de 1994, com o título: *Radioescola: uma proposta para o ensino de primeiro grau*, para obtenção do título de mestre em Teoria do Ensino da Comunicação Social.

A Secretaria Municipal da Educação de Curitiba interessou-se pela proposta da Radioescola e a implantou, em dezembro de 1994, em algumas escolas de período integral.

Na *Escola A* foi instalado o estúdio (estação geradora) e nas transreceptoras microfones, maletas de transmissão e as linhas LSP para produzir e transmitir informações para as escolas interconectadas no sistema.

Desde a implantação dessas rádios, os alunos são os produtores, locutores e difusores da comunicação, com orientação de professores treinados.

A rádio no espaço escolar, além de interagir e interferir no cotidiano pedagógico, possibilita aos educandos o conhecimento e a construção das linguagens, das culturas e realidade social. A compreensão desses processos perpassa pela familiarização e domínio da linguagem radiofônica. Professores e alunos precisam compreender o verdadeiro papel da rádio na sociedade planetária e o seu papel no processo educativo, cultural e social. Compreendendo o processo de comunicação de forma desmistificada, o aluno torna-se sujeito ativo da sua própria comunicação, produzindo as pautas que vão gerar as informações, editando e

transmitindo as informações que ele mesmo produziu. Rádio é oralidade. Por isso é importante que o educando participe da Radioescola, produzindo textos escritos e orais.

A Radioescola atuou no espaço escolar por cinco anos, ininterruptamente (1994/1999). Atualmente, a escola trabalha esporadicamente com a Radioescola devido a falta de professores.

Por ser projeto meu, decidi pesquisá-la e verificar se ela desenvolve no aluno habilidades de produção de textos escritos e orais da língua à luz da perspectiva pedagógica sociointeracionista adotada pelas escolas públicas municipais de Curitiba.

A escola deixou de ser a legitimadora do saber e precisa respeitar a bagagem cultural que o aluno traz para a sala de aula advinda, especialmente, da mídia eletrônica (rádio e televisão) e saber se comunicar no espaço escolar e pedagógico.

OBJETIVOS

GERAL

Identificar, a partir do estudo de caso comparativo, se a Radioescola contribui para o desenvolvimento de habilidades, como: a produção de textos escritos e orais.

ESPECÍFICOS

- Verificar se o aluno (como produtor e locutor) da programação da Radioescola estrutura textualmente a produção escrita com clareza, sintaxe, morfologia e apresentação adequadas.
- Analisar a oralidade (fluência verbal) dos alunos pelos relatos e mensagens lidos ao microfone com objetividade, clareza, elementos de coesão, coerência, consistência argumentativa, adequação ao interlocutor e à situação (altura, tonalidade, timbre, postura e formalidade).

HIPÓTESES

- A produção e locução de programas sistemáticos da Radioescola contribuem para o desenvolvimento de habilidade para a construção de textos escritos e orais.
- O educando (produtor e locutor) da programação da Radioescola estrutura textualmente a produção escrita com clareza, sintaxe, morfologia e apresentação adequadamente.
- A locução na Radioescola possibilita o aluno desenvolver a oralidade (fluência verbal).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Esta pesquisa é qualitativa, visando conhecer a opinião dos sujeitos sobre a contribuição da Radioescola para o desenvolvimento da comunicação dos alunos na produção de textos. Os sujeitos são professores e alunos de duas escolas públicas municipais de Curitiba/PR.

Apresenta-se um histórico das escolas radiofônicas, pressupostos sobre a comunicação e o sociointeracionismo de Vigotski (fundamenta o Currículo Básico da Rede Municipal de Ensino de Curitiba) e realiza-se um estudo de caso para identificar sua aplicação. Na análise dos dados, procurou-se apontar as diferenças entre dois grupos de alunos: um grupo de 14 alunos que participou e outro grupo controle, o qual não participou dessa experiência.

Pesquisa de campo: a) entrevistas semi-estruturadas com ex-alunos participantes da Radioescola, no período de dezembro de 1994 a 1999; e b) questionário: com os professores que atuam com a Radioescola.

Estudo de caso: comparação entre a *Escola A* e *Escola B* (período letivo de 2000) para verificar a influência e contribuição da Radioescola em sua aprendizagem e desenvolvimento social e cultural da programação radiofônica.

Para avaliação da produção de textos escritos e orais, tomou-se como referencial o Currículo Básico da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, Capítulo V, Língua Portuguesa, considerando os aspectos:

1. Estrutura textual (produção escrita da língua):

a) Clareza:

- unidade temática;
- argumentação;
- pontuação;
- paragrafação;
- seqüência lógica e
- clareza de idéias.

b) Coerência - sem contradições

c) Discurso direto/indireto

- discurso direto: pontuação (travessão, interrogação, exclamação, dois pontos).

d) coesão: (conjunção, pronomes, preposição, sinônimo, tempos verbais, advérbios).

2) Sintaxe:

a) concordância verbal e nominal;

b) regência..

3) Morfologia: vocabulário, ortografia, acentuação gráfica, divisão silábica.

4) Apresentação:

- legibilidade e
- disposição formatação do texto

Entende-se por oralidade a fluência verbal na leitura do texto informativo e relato de um fato ou história do cotidiano, ao microfone.

Para avaliação da fluência verbal, considera-se:

- Objetividade;
- Clareza;
- Uso de elementos de coesão;
- Coerência;
- Consistência argumentativa de pontos de vista;
- Adequação ao interlocutor e à situação (altura, tonalidade, timbre, postura, grau de formalidade).

SUJEITOS

Foram sujeitos do estudo dois grupos de alunos do Ensino Fundamental pertencentes a duas escolas públicas municipais de Curitiba:

- 14 alunos da quarta série (ano letivo 2000), da *Escola A* que participaram da Radioescola como produtores e locutores em 1999.
- 14 alunos da quarta série (ano letivo 2000), da *Escola B* que nunca trabalharam com a Radioescola.

1 COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE PLANETÁRIA

1.1 SITUANDO A QUESTÃO

A discussão sobre a interface comunicação e educação no ensino fundamental e médio rendeu, nestas últimas décadas, inúmeros encontros, seminários e congressos. O tema foi e continua objeto de estudo e debate de muitos teóricos das áreas da Educação e da Comunicação, além de artigos, ensaios, monografias, dissertações de mestrado, teses de doutoramento... Apesar das novas tecnologias de comunicação, especialmente, a mídia eletrônica (rádio e televisão) e a multimídia (internet), a escola continua a instituição do saber elaborado, que valoriza a visão crítica e reflexiva do aluno. Os meios de comunicação sociais contribuem para o conhecimento das diversas linguagens e compreensão da realidade social de forma atraente e agradável no espaço escolar.

O aluno poderá produzir um programa de rádio, de televisão, um jornal, uma revista ou um site na internet em um trabalho interdisciplinar ou multidisciplinar.

A linguagem do rádio consiste em um sistema de signos. As palavras, os sons e os silêncios constroem códigos para uma comunicação compreensível e coerente.

A voz do locutor, modelizada pelo aparato tecnológico, dá vida, colorido e

ritmo aos gêneros ¹. Rádio é apenas sonorização, o que exige apenas a audição.

A voz do locutor de rádio que chega aos ouvintes não tem nenhuma ligação, no sentido mecânico, com o fenômeno acústico, ocorrido no estúdio da emissora, que a originou. A rádio transmite o som por um processo de transformação de energia que envolve a desconstrução e a reconstrução do fenômeno acústico. Ao final desta última etapa, o fenômeno sonoro originalmente desconstruído está substancialmente modificado quando chega ao ouvinte (MEDITSCH, 1999:105).

O contato do locutor com o ouvinte acontece de forma direta, pessoal, informal, amistosa e atraente, envolvendo-o e levando-o ao mundo dos sonhos, da quimera, dos devaneios e a "construir" mentalmente o que ouve. "A técnica radiofônica extraiu a voz do mundo dos cinco sentidos e a fez penetrar num espaço preferencial acústico estruturado temporalmente. A voz, enquanto fala, emite palavra, articula-se com ruídos e sons" (KLIPPERT in NUNES, 1993:41).

A linguagem não serve apenas para etiquetar a realidade, confirmando processos e fatos sociais em classificações estéticas. Cada signo, cada palavra transporta a carga de valores que aquela sociedade lhe atribuiu. Cada palavra materializa a prática social do grupo ou classe social que a utiliza que a modifica permanentemente no seu cotidiano, a partir de suas vivências. Logo, os estudos de linguagem dialogam obrigatoriamente com Sociologia, Antropologia e outras áreas do conhecimento. Alicerçada na linguagem, temos a comunicação: seu suporte mais democrático é o aparelho fonador, que todo ser humano possui. Hoje, essa comunicação, graças ao avanço da tecnologia, ampliou-se (BACCEGA, 2000).

A comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. Não se pode, evidentemente, isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução. Graças a esse vínculo concreto com a situação, a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não-verbal (gestos no trabalho, atos simbólicos de um complemento, ritual, cerimônias, etc.), dos quais ela é mais vezes apenas o desempenho de um papel meramente auxiliar (BAKTHIN, 1992: 110).

As novas tecnologias de comunicação fazem parte do cotidiano de todos.

Convive-se e respira-se comunicação na "aldeia global", na expressão de McLuhan.

¹ Gêneros são propriedades discursivas, ou seja, o que constitui um ponto de partida seguro para descrever a essência da mensagem (forma/conteúdo/temática) e permitir avanços na análise das relações sócio-culturais (emissor/receptor) e politicoeconômicas (empresas jornalísticas/estado/instituições mercantis/movimentos sociais) que perpassam pelo jornalismo (TEODOROV in BARBOSA).

ritmo aos gêneros ¹. Rádio é apenas sonorização, o que exige apenas a audição.

A voz do locutor de rádio que chega aos ouvintes não tem nenhuma ligação, no sentido mecânico, com o fenômeno acústico, ocorrido no estúdio da emissora, que a originou. A rádio transmite o som por um processo de transformação de energia que envolve a desconstrução e a reconstrução do fenômeno acústico. Ao final desta última etapa, o fenômeno sonoro originalmente desconstruído está substancialmente modificado quando chega ao ouvinte (MEDITSCH, 1999:105).

O contato do locutor com o ouvinte acontece de forma direta, pessoal, informal, amistosa e atraente, envolvendo-o e levando-o ao mundo dos sonhos, da quimera, dos devaneios e a "construir" mentalmente o que ouve. "A técnica radiofônica extraiu a voz do mundo dos cinco sentidos e a fez penetrar num espaço preferencial acústico estruturado temporalmente. A voz, enquanto fala, emite palavra, articula-se com ruídos e sons" (KLIPPERT in NUNES, 1993:41).

A linguagem não serve apenas para etiquetar a realidade, confirmando processos e fatos sociais em classificações estéticas. Cada signo, cada palavra transporta a carga de valores que aquela sociedade lhe atribuiu. Cada palavra materializa a prática social do grupo ou classe social que a utiliza que a modifica permanentemente no seu cotidiano, a partir de suas vivências. Logo, os estudos de linguagem dialogam obrigatoriamente com Sociologia, Antropologia e outras áreas do conhecimento. Alicerçada na linguagem, temos a comunicação: seu suporte mais democrático é o aparelho fonador, que todo ser humano possui. Hoje, essa comunicação, graças ao avanço da tecnologia, ampliou-se (BACCEGA, 2000).

A comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. Não se pode, evidentemente, isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução. Graças a esse vínculo concreto com a situação, a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não-verbal (gestos no trabalho, atos simbólicos de um complemento, ritual, cerimônias, etc.), dos quais ela é mais vezes apenas o desempenho de um papel meramente auxiliar (BAKTHIN, 1992: 110).

As novas tecnologias de comunicação fazem parte do cotidiano de todos.

Convive-se e respira-se comunicação na "aldeia global", na expressão de McLuhan.

¹ Gêneros são propriedades discursivas, ou seja, o que constitui um ponto de partida seguro para descrever a essência da mensagem (forma/conteúdo/temática) e permitir avanços na análise das relações sócio-culturais (emissor/receptor) e politicoeconômicas (empresas jornalísticas/estado/instituições mercantis/movimentos sociais) que perpassam pelo jornalismo (TEODOROV in BARBOSA).

Para interagir com outros povos não se precisa mais percorrer longas distâncias. O contato é imediato pelas novas tecnologias da comunicação.

Atualmente, é possível o que - há 40, 50 anos - fazia parte apenas da fantasia, do mundo da ficção, como a comunicação telefônica entre continentes, caixas automáticas, pagamentos eletrônicos, pesquisas on-line, bibliotecas virtuais, etc.

A globalização do mundo está sendo acelerada pelo desenvolvimento dos meios de comunicação, compreendendo as condições de informação, interpretação, decisão e implementação, devido à multiplicação e à generalização das tecnologias eletrônicas. A informática, passando pelas telecomunicações, as redes e as multimídias não só influenciaram decisivamente as condições da produção material e espiritual como agilizam a desterritorização e a miniaturização das coisas, gentes e ideais. Em poucas décadas, a realidade social, em sentido lato e em âmbito mundial, tem sido escalada ou recoberta pelas mais diversas produções da realidade virtual. O globo terrestre revela-se geistórico, transforma-se em um todo simultaneamente real e virtual, organizado em termos de uma fábrica global, um shopping center global e uma aldeia global. Esse é o universo em que os indivíduos e as coletividades, as nações e as nacionalidades, as culturas e as civilizações parecem distantes e próximas, distintas e semelhantes, presentes e pretéritas, reais e imaginárias (IANNI, 1996:197).

A globalização torna as pessoas "cidadãs do mundo". Diuturnamente, recebem-se em casa, saberes e informações, palavras e imagens, entretenimento e idéias dos pontos mais distantes do planeta trazidos pelas tecnologias do rádio, da televisão, internet, jornais, TV a cabo/satélite, etc.

Os personagens que se apresentam nos filmes e nos programas de televisão se tornam pontos de referência comuns para milhões de indivíduos que podem nunca interagir um com o outro, mas que partilham, em virtude de sua participação numa cultura mediada, de uma experiência comum e de uma memória coletiva (THOMPSON, 1995:219).

A escola não pode desconsiderar as novas tecnologias de comunicação e a sua influência no cotidiano do aluno e do professor e porque elas fazem parte da realidade mundial e da própria escola.

A mídia se constitui no intelectual orgânico dos grupos, classes ou centros de poder dominantes na sociedade global. Desde que alcançou envergadura mundial, a mídia impressa e eletrônica passou a monopolizar ou influenciar decisivamente grande parte das informações e interpretações sobre o que ocorre no mundo, em todo canto e recanto do novo mapa do mundo. Isso significa que ela pode operar de modo seletivo: localizando, priorizando, desprezando, enfatizando ou interpretando fatos, situações, configurações, movimentos, entendimentos, conjunturas, rupturas. Nada lhe escapa, mas em tudo ela passa. Devido aos limites de espaço e tempo, à definição do que é momentoso e irrelevante, aos compromissos dos diretores dos meios de comunicação como empresas e corporações, governos e partidos, igrejas e outras injunções, a mídia impressa e eletrônica pasteuriza a economia e a sociedade, a política e a cultura, a geografia e a história do indivíduo e do mundo. Revela-se um intelectual orgânico ainda pouco conhecido, surpreendente e insólito, capaz de reunir dezenas, centenas e milhares de intelectuais espalhados diferentemente do que narraram, ou às avessas do que narraram (IANNI, 1996:146).

1.2 A COMUNICAÇÃO E O DISCURSO PEDAGÓGICO

A comunicação, como processo de interação humana, é o fundamento do processo educativo. A relação educador-educando ocorre em mão-dupla, horizontalmente: um fala, o outro responde e o diálogo acontece de forma natural e interativa. A comunicação torna-se mediadora do diálogo, do conhecimento e da cultura.

Infelizmente, na escola, ainda, predomina a comunicação vertical e o "discurso pedagógico," respaldados e legitimados no saber do professor como poder e autoridade. Muitos não aceitam que o educando possua ou traga na sua bagagem experiencial a cultura e o conhecimento não-sistematizado, adquirido pelo contato com as mídias e se impõem com poder absoluto na sala de aula. Tal postura impede a comunicação dialógica e bidirecional entre educador e educando para que o processo ensino-aprendizagem aconteça de forma prazerosa e motivada. A escola acredita ser a única instituição detentora do saber elaborado e do conhecimento científico. Torna-se a sede da reprodução cultural, fazendo do sistema escolar o

meio mais disfarçado para a transmissão de poder, ao contribuir para a aparência de neutralidade e cumprimento da função de ensinar (BORDIEU, 1974).

O professor é institucional e idealmente aquele que possui o saber e está na escola para ensinar, o aluno é aquele que não sabe e está na escola para aprender. O que o professor diz se converte em conhecimento, o que autoriza o aluno, a partir de seu contato com o professor, no espaço escolar, na aquisição da metalinguagem, a dizer que sabe: a isso se chama escolarização (ORLANDI, 1996:31).

A professora não se questiona, quando interroga um aluno, assim como não se questiona, quando ensina uma regra de gramática ou cálculo. Ela ensina, dá ordens, comanda. Os mandamentos do professor não são exteriores nem se acrescentam ao que ele nos ensina. Não provêm de significações primeiras, não são a consequência de informações; a ordem, por isso é redundância. A máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe à criança coordenadas semióticas com todas as bases duais de gramática (DELEUZE E GUATTARRI, 1997:11-12).

A legitimação do conhecimento pela escola gera descontentamento e indisciplina.

(...) hoje senta-se um alunado que, por osmose com o meio ambiente comunicativo, está embebido de outras linguagens, saberes e escrituras que circulam pela sociedade. Estes configuram os saberes/mosaicos, como os chamou A.Moles, porque são feitos de pedaços, fragmentos, o que não impede os jovens terem, com freqüência, um conhecimento mais atualizado em Física, Geografia, História que seu próprio professor. Isso está trazendo para a escola um fortalecimento do autoritarismo, como reação à perda da autoridade do professor e não de uma abertura para novos saberes. Em lugar de ser percebida como uma chamada a que se reformule o modelo pedagógico, a difusão descentralizada de saberes, possibilitada pelo ecossistema comunicativo, resulta no endurecimento da disciplina do colégio para controlar esses jovens, cada vez mais frívolos e desrespeitosos com o sistema sagrado do saber escolar (BARBERO, 2000:55).

Agindo dessa maneira, a escola impede que seus educandos tenham visão crítica do mundo e da realidade. É na interlocução e na comunicação interativa que se possibilita ao aluno partilhar e compartilhar o conhecimento sistematizado no contexto escolar e na comunidade.

1.3 AS NOVAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO: UMA ESCOLA SEM PAREDES

O professor não pode subestimar as novas tecnologias da comunicação no contexto pedagógico. As mídias eletrônicas são mais dinâmicas, atraentes, sedutoras e rápidas do que a dinâmica escolar. “Os meios de comunicação são a extensão do homem” (MCLUHAN, 1971:36).

“A escola deixou de ser o local exclusivo do saber. A criança, ao chegar à escola, já sabe ler histórias complexas, como uma telenovela, com mais de 30 personagens e dezenas de cenários diferentes. Essas habilidades são praticamente ignoradas pela escola” (MORAN, 1992:183).

Um dos desafios da escola é procurar maneiras mais criativas e motivadoras de interação com as linguagens das mídias impressas e eletrônicas, integrando a cultura tecnológica no espaço educativo, desenvolvendo nos alunos habilidades para utilizar os instrumentos dessa cultura. Deixar o conteudista e trabalhar outras linguagens. “Nos dias de hoje já não se pode continuar pensando em uma escola encerrada entre quatro paredes e completamente desvinculada do processo de comunicação” (GUTIERREZ, 1978:33).

As novas tecnologias da comunicação constituem uma segunda escola sem paredes. Com sua linguagem subliminar encantam, atraem, motivam, seduzem e prendem mais a atenção das crianças e dos adolescentes do que a própria escola.

Há uma interação notável entre os meios de comunicação e o homem atual: os meios espelham e aceleram o ritmo do homem moderno, não o causam simplesmente, porque a comunicação é a expressão de relações culturais e sociais que não dependem só da televisão, mas da organização da vida, do trabalho, da economia. Os meios expressam essa dinâmica da rapidez e a expressam com a própria rapidez. No trabalho, as reuniões de assessoria de uma empresa não podem ser cheias de retórica, de grandes preâmbulos; procura-se rapidez, a síntese... exatamente o que os meios fazem. Os meios são a expressão do homem contemporâneo; por isso há uma afinidade cada vez maior com as crianças e os jovens, mais identificados com esse ritmo urbano (a linguagem do clipe, dos musicais) (MORAN, 1993:181).

O educador precisa conhecer outras linguagens e o educando, saber ler e produzir textos sonoros, imagéticos, escritos e hipertextos. A leitura e a produção desses textos conduz o aluno à compreensão das linguagens jornalística, radiofônica, televisiva e do computador (radiojornal, telejornal, jornal impresso e jornal on line), levando-o a distinguir e compreender o discurso simbólico. Segundo NILDECOFF, um outro ver, compreender e interpretar a sociedade globalizada.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, as Diretrizes Curriculares e os novos Parâmetros Curriculares Nacionais incluem os meios de comunicação social no espaço escolar, propondo ao educador trabalhá-los interdisciplinarmente.

1.4 O RÁDIO, A EDUCAÇÃO E A CULTURA

No Brasil, a história do rádio está relacionada com a educação e a cultura. O pioneiro do rádio brasileiro, o antropólogo e professor Edgard Roquete Pinto, nos anos 20, já defendia a transmissão educativa e cultural pelo rádio.

Durante treze anos, Roquete Pinto dedicou-se à Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, emissora fundada em 1923, com proposta educativa e cultural, comentando as notícias diárias apresentadas no Jornal Falado. Além dos noticiários eram

transmitidas aulas de Português, Francês, História do Brasil, Geografia Natural, Física e Química.

Roquete Pinto acreditava no potencial educativo e cultural do rádio, “o rádio é o jornal dos que não sabem ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre, é o animador de novas esperanças; o consolador dos enfermos, o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito gratuito e elevado” (ELECTRA, 1926:14).

O rádio produz e reproduz a cultura. “A cultura é inerente à comunicação, pois na cultura toda entidade pode tornar-se um fenômeno semiótico. As leis da comunicação são as leis da cultura” (ECO in SANTAELLA, 1996:29).

A cultura é a totalidade dos sistemas de significação através dos quais o ser humano, ou um grupo humano particular, mantém a sua coesão (seus valores e identidade e sua interação com o mundo). Esses sistemas de significação, usualmente referidos como sendo sistemas modeladores secundários (ou a linguagem da cultura), englobam não apenas todas as artes (a literatura, cinema, pintura, música, etc.) as várias atividades sociais e padrões de comportamento, mas também os métodos estabelecidos pelos quais a comunidade preserva sua memória e seu sentido de identidade (mitos, história, sistema de leis, crença religiosa, etc.). Cada trabalho particular de atividade cultural é visto como um texto gerado por um ou mais sistemas (SHUKMANN in SANTAELLA, 1996:26).

Apostando neste potencial, em 1926, Roquette Pinto na revista *Electra*, impressa pela rádio Sociedade do Rio de Janeiro, projeto para organizar a radiodifusão educativa. Naquele ano, por sua iniciativa, a Sociedade lançava diversos cursos ministrados por intelectuais de renome nacional sob forma de aulas, conferências, palestras, que marcaram o início da radiodifusão na educação popular. Além dos cursos, as emissoras transmitiam concertos, espetáculos teatrais, temporadas líricas, os programas infantis *Quarto de Hora* e *Hora Infantil*, pelas rádios Sociedade e Guanabara, conselhos de higiene, notícias gerais e esportivas, jornal falado, dramatização, radiodramas, narrativas e reportagens educativas.

Por proposta de Roquete Pinto, em 1933, foi criada a Comissão de Rádio Educativo para promover a radiodifusão como meio de cultura e de educação direta para divulgar informações técnicas e profissionais à rede pública sobre saúde e higiene, artes e notícias gerais.

As primeiras atividades da Comissão foram a difusão do programa infantil *Quarto de Hora*, veiculado diariamente das 18h45 às 19h pelas emissoras filiadas do Rio de Janeiro, que divulgavam palestras sobre Psicologia, Direito, Artes, Higiene, Geografia, História, Língua Pátria e Estrangeira.

Associou-se a essa iniciativa o Departamento de Educação Municipal do Rio de Janeiro, montando a Rádio PRD 5, que transmitia diariamente dois programas: *Hora Infantil*, das 13h30 às 14h sob a coordenação da professora Ilka Labarthe, com lições de Ciência, Português (narrativas, prosa ritmada, poesia), Matemática, Ciências Naturais e Música. “A programação destinava-se às crianças e contava com centenas delas inscritas como correspondentes. Diariamente, elas entravam em contato com a estação de rádio através de cartas, telefonemas ou pessoalmente” (ESPINHEIRA, 1952:104).

Outro programa - *Jornal do Professor* - transmitido das 19 às 20h era apresentado pelo professor Roquete Pinto, que divulgava e comentava notícias, notas e conferências sobre Ciências, Artes, Literatura e Educação.

Em 1936, não conseguindo mais manter a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro sem publicidade, como ocorrera durante os treze anos em que esteve à frente da emissora, Roquete Pinto cedeu a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ao Ministério da Educação mediante compromisso de a emissora continuar com sua proposta de transmitir educação e cultura. Passou, então, a denominar-se Rádio do Ministério da

Educação e Cultura (Rádio MEC), iniciando o sistema de Rádios Educativas no Brasil.

1.4.1 Escolas radiofônicas

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE

A Igreja Católica também utilizou o rádio na educação, pelo Movimento de Educação de Base (MEB), que surgiu em algumas dioceses do nordeste com escolas radiofônicas supervisionadas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Em 1961, o movimento foi oficializado por decreto presidencial. Esse tipo de atividade já existia desde 1950, quando Frei Gil Bonfim, da Ordem de São Francisco, apresentou às autoridades eclesíásticas uma proposta sobre alfabetização com aulas diárias.

O rádio acompanhou e viveu experiência mais significativa de educação popular, utilizando como principal meio as telecomunicações no Brasil que foi o das emissoras de Educação Rural, cujo pioneirismo cabe à Rural de Natal, quando o arcebispo era Dom Eugênio de Araújo Salles. A experiência da Rádio Sutatenza, na Colômbia, serviu de modelo para o Brasil no período pré-1964. Os grupos organizadores de escuta e debate, a participação dos ouvintes na dinâmica das emissoras, o desenvolvimento de uma consciência crítica através do rádio foram os momentos singulares dessa experiência, que veio a ser mais estruturada no MEB (MORAN, 1993:77).

O Movimento de Educação de Base, em 1961, coordenou mais de sete mil escolas radiofônicas, especialmente no meio rural. As escolas radiofônicas visavam, na época, à conscientização, mudança de atitudes e instrumentaliza as comunidades. Conscientização, para o MEB, significava o reconhecimento pelo educando de seus valores, da significação vivencial de seu trabalho e de si próprio no mundo. A mudança de atitudes era entendida como disposição à ação consciente e livre, a partir da compreensão e crítica de situações concretas.

A instrumentação representava a informação e a habilitação: ler, escrever e interpretar textos com situações e vocabulários específicos da área rural, distinguir e identificar relações entre as instituições e estruturas sociais, econômicas, políticas e religiosas, operações matemáticas essenciais, conhecimento e utilização de legislação e as potencialidades econômicas da comunidade onde viviam. O MEB trabalhava, ainda, com instrumentos de organização: técnicas de trabalho em grupo, legislação básica sobre associações, clubes, cooperativas, sindicatos e organizações políticas (INSTITUTO DE PLANEJAMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. CENTRO NACIONAL DE RECURSOS HUMANOS, 1976).

Os programas envolviam treinamentos, cursos, encontros, congressos, animação popular, reuniões de comunidade e festas populares, assessorias técnicas diversas, grupos de representação e publicações.

O MEB chegou a atingir mais de 242 municípios do norte e nordeste do Brasil, principalmente no Amazonas, Pará, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Sergipe. Seu trabalho era extensivo às Secretarias de Educação, Saúde, Agricultura e Sindicatos. Envolvido nessas organizações, possibilitava a realização de projetos, não separando as atividades radiofônicas da educação e da política.

Durante os dez primeiros anos (1961/1971), o MEB ministrou cursos de equivalência do antigo primário (primeira a quarta série) para mais de quinhentos mil participantes. Somaram-se, neste período, mais de sete mil radiopostos com três mil monitores.

Em 1972, mais de quinhentas mil pessoas participaram dos cursos pelo rádio. Em 1974, mais de vinte mil se inscreveram na primeira fase do curso supletivo do

primeiro grau e onze mil na segunda fase (SUPLEMENTO DA REVISTA BRASILEIRA DE TELEDUCAÇÃO - 2 - 1975).

Além do MEB, outras experiências radiofônicas educativas foram propostas, em 1964, pelo governo federal, que acreditava no rádio como meio para difundir a educação, a cultura e reduzir o analfabetismo que assolava o País. Surgiram diversas "escolas radiofônicas" mantidas pelo poder público: IRDEB (Instituto de Radiodifusão da Bahia), FEPLAM (Fundação Padre Landell de Moura), FPA (Fundação Padre Anchieta), Projeto Minerva, Projeto Samaúma e a Fundação Roquete Pinto.

INSTITUTO DE RADIODIFUSÃO EDUCATIVA DA BAHIA

O Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (IRDEB) teve origem no Setor de Rádio e TV Educação, quando este iniciou suas atividades em 1965, transformando-se, em dezembro de 1969, no IRDEB, fundação de direito privado, vinculado à Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

Sua finalidade era executar os serviços educativos do governo estadual pela rádio e televisão. Trabalhava com o ensino por correspondência e oferecia à população cursos nos níveis pré-primário, médio e universitário.

O IRDEB transmitiu, de 1965 a 1969, cinco cursos de madureza ginasial e dois de preparação de professores para concurso de magistério. Desde que se transformou em fundação, ministrou cursos supletivos e programação cultural, acrescidos, em 1974/75, de informação profissional. Sua programação era, fundamentalmente, informativa.

O IRDEB atuou em diversas regiões baianas: Irecê, Juazeiro, Jacobina, Itaberaba, Vitória da Conquista, Paulo Afonso, Serrinha, Feira de Santana, Jequié, Itapetinga, Alagoinhas, Salvador, Santo Amaro e Santo Antônio de Jesus. Por não possuir emissora própria, utilizava-se da rede comercial de rádio.

Em 1969, o Instituto foi reconhecido pelo governo baiano como sistema de Educação à Distância com articulação direta com o ensino público. Seu objetivo é programar, experimentar, promover e coordenar a utilização de tecnologias educacionais no âmbito estadual, visando participar do processo integrado da população no desenvolvimento econômico e sociocultural, utilizando-se com exclusividade, para fins educativos e culturais, do rádio, televisão, impressos e audiovisuais.

O IRDEB a Rádio Educadora, que veicula programas instrucionais, culturais, músicas e informações jornalísticas.

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL PADRE LANDELL DE MOURA

Em 1967, foi criada, no Rio Grande do Sul, a Fundação Educacional Padre Landell de Moura (FEPLAM), instituição privada que tem como objetivo difundir a educação pelas mídias.

Na época, o departamento pedagógico da FEPLAM dedicava-se ao planejamento, análise e supervisão dos cursos educativos pelo rádio e televisão.

A FEPLAM operava para uma recepção organizada nas comunidades. Aos poucos, foi aumentando a sua rede de recepção e supervisão e diversificando os meios de comunicação utilizados. Trabalhava com o rádio, material impresso e televisão.

Uma de suas preocupações era a capacitação de recursos humanos. Realizou inúmeros de cursos e seminários com verbas próprias ou apoiada por organizadores como MEC/DSU, MOBRAL, FUNDAÇÃO KONRAD ADENAUER (Alemanha). Utilizava para suas programações os horários da Portaria Interministerial MEC/MINICOM 408/70, que determinava a sistematização do uso do rádio educativo, além de horários patrocinados. Na época, suas emissões radiofônicas totalizaram 136 horas semanais. Em julho de 1975, foram 9500 horas anuais por emissora nos horários da Portaria 408/70, e 250 horas veiculadas por nove emissoras em horário pago (SUPLEMENTO DA REVISTA BRASILEIRA DE TELEDUCAÇÃO, op.cit.).

Na década de 90, a FEPLAM consolida-se como organização não-governamental (ONG) e continua desenvolvendo atividades de ensino destinadas à educação não-formal, cursos e programas educacionais diversos, realizados através do uso dos meios de comunicação social, da promoção da integração comunitária, da experimentação e da aplicação de novas metodologias de ensino; da realização de programas de desenvolvimento sociocultural, da implantação de processos específicos e da execução de programas educativos de baixo custo (FEPLAM, 1993).

Atualmente, a FEPLAM conta com a sua própria emissora, a Rádio Educadora.

FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA

A Fundação Padre Anchieta foi criada no Estado de São Paulo, no governo Roberto Costa de Abreu Sodré, pela Lei Estadual 9849, de 26 de setembro de 1967.

Inicialmente, a Fundação providenciou equipamentos para montar os estúdios de rádio e televisão, preparou equipes para a operação e manutenção técnica, realizou pesquisas para a elaboração e adaptação de textos para as linguagens radiofônica e televisiva, inclusive produção, gravação e emissão de programas radiofônicos sem fins lucrativos.

Em abril de 1969, a TV Cultura foi ao ar, em caráter experimental, porém, somente em junho daquele ano, iniciou sua programação regular.

Atualmente, a Fundação Padre Anchieta veicula programação educativa pela Rádio Cultura e pela TV Canal 2 de São Paulo. Em 1992, a estação transmissora, que, desde 1971, encontrava-se no Pico do Jaraguá, foi transferida para o Sumaré, região onde se concentra a maioria das emissoras radiofônicas FMs, proporcionando melhor qualidade de som.

Desde 1993, a Rádio Cultura FM está integrada ao sistema Radiosat, que possibilita recepção de melhor qualidade na grande São Paulo e território nacional.

Hoje, a Rádio Cultura atinge via satélite todo o País, sendo grande parte de sua programação retransmitida por outras emissoras educativas brasileiras.

PROJETO MINERVA

Criado em 1970, o Projeto Minerva veio atender aos anseios do governo militar brasileiro que, desde 1964, propunha modificações radicais no processo educativo com a utilização do rádio e da televisão. Na concepção governamental, as mídias eletrônicas (rádio e televisão) solucionariam imediatamente os problemas educacionais.

Cogitou-se, a implantação de cadeia de rádio e televisão educativas para educação de massa com métodos e instrumentos não convencionais de ensino.

O Ministério da Educação e Cultura, utilizando-se do Serviço de Radiodifusão Educativa, desenvolveu um projeto radioeducativo nacional, em atendimento ao Decreto 236/67, à Portaria Interministerial MEC/MINICOM 408/70 e à Portaria 32/70.

A proposta contemplava quatro formas de uso dos programas radiofônicos educativos pelos alunos.

. Recepção Organizada

Os alunos compareciam, diariamente, a um radioposto e, com um monitor, acompanhavam as aulas pelo rádio. Após a emissão, discutiam os assuntos tratados, realizavam os exercícios com o material de apoio e as avaliações de aprendizagem. Os radiopostos eram organizados em diferentes locais: salas de aula, sindicatos, igrejas, clubes e até residências.

. Recepção Controlada

O aluno acompanhava o curso à distância no Centro de Atendimento Específico ou no Centro de Estudos Supletivos, sanando as dúvidas quanto ao conteúdo das matérias e realizando exercícios escolares acompanhados por orientadores.

. Recepção Isolada

O educando acompanhava o curso individualmente, utilizando-se das emissões radiofônicas de sua livre escolha, devendo inscrever-se no curso para efeitos estatísticos, o que, às vezes, não acontecia.

. Recepção Integrada

Utilização das emissoras de rádio em sistemas formais de ensino, com o professor desenvolvendo uma atividade suplementar na sala de aula.

Por não contar com equipe técnico-pedagógica, o Projeto Minerva utilizou, na sua primeira fase (novembro/70 a abril/71), cursos produzidos por outras entidades. Na segunda fase (setembro/71 a janeiro/72), apesar de continuar se utilizando dessas instituições, passou a supervisionar o trabalho, mediante sua própria equipe (LEOBONS, 1984).

Além de usar o rádio para fins educativos e culturais, o Projeto Minerva tinha como meta atingir a pessoa onde ela estivesse para desenvolver suas potencialidades. Era de competência:

- . planejar e realizar programas e materiais de apoio, conforme diretrizes do MEC;

- . executar e controlar a distribuição dos programas nos horários da Portaria 568/80;

- . realizar treinamentos de recursos humanos necessários para o sistema de educação pelo rádio.

O Projeto Minerva voltava-se, também, à divulgação e à orientação educacional, pedagógica e profissional, à programação cultural de interesse das audiências. Seus programas se concentraram nas áreas do ensino supletivo e de educação de base.

PROJETO SAMAÚMA

Outra experiência de Radioeducação refere-se ao Projeto Samaúma, da Secretaria de Educação do Amazonas, criado em 1972. Seu objetivo era qualificar, via rádio, os professores leigos do interior do Estado.

O Curso Primário Dinâmico era transmitido no horário da Portaria 408/70, distribuído pelo Projeto Minerva e realizado pela Fundação Padre Anchieta. Em 1973 ocorreram as transmissões do ginásio intensivo, fundamentado no curso de Madureza da Fundação Padre Anchieta. As aulas eram irradiadas por duas emissoras de Manaus, de segunda a sexta-feira, das 19h às 19h30 e aos sábados às 20h, com duração de quinze meses, chegando a totalizar 390 emissões e 75 horas.

A proposta permitiu a qualificação de centenas de professores leigos, além da realização de encontros com supervisores nos radiopostos, envolvendo a recepção controlada em muitos municípios amazonenses.

FUNDAÇÃO ROQUETE PINTO

Com a Portaria 19, de 25 de março de 1982, o governo federal aprovou o regimento do Centro Brasileiro de Radioeducação Roquete Pinto, no Rio de Janeiro, cuja finalidade era “produzir, gerar e apoiar programas de formação e informação consoantes os objetivos da Fundação para suporte à política nacional de educação, cultura e desportos” (LEOBONS, op.cit.).

Hoje, a Organização Roquete Pinto transmite, diariamente, para todo o Brasil, programação variada pela Rádio MEC.

Tais experiências de Radioeducação apontam que a escola precisa urgentemente ultrapassar os limites de seus muros e levar as mídias para dentro das salas de aula. Nesse aspecto, o rádio ocupa lugar privilegiado por ser um meio de fácil acesso à população e menos oneroso em comparação às outras mídias. Sempre esteve presente na maioria dos lares brasileiros, principalmente nas periferias das grandes cidades e áreas rurais, devido ao seu alto potencial de penetração e aceitabilidade.

Historicamente, inúmeras experiências radiofônicas se destinaram à difusão da cultura e da educação. Algumas (com mais de quarenta anos de difusão) continuam transmitindo educação e cultura, como o Instituto de Radiodifusão Educativo da Bahia, as Fundações Padre Anchieta e Landell de Moura e a Organização Roquete Pinto.

A escola, ao rejeitar os meios, está reconhecendo a sua incapacidade de entender o homem de hoje, o seu saudosismo de outras épocas, quando o mundo permanecia relativamente estável. O ponto de partida da educação é reconhecer que os espaços e instituições formais de ensino somente preenchem uma parte do processo educacional. Os meios de comunicação são espaços altamente significativos de educação, porque estão próximos da sensibilidade do homem de hoje e porque são voluntários. Então, reconhecemos que os meios educam, não só sobre conteúdos e valores, mas também educam para a sensibilidade (para sentir de uma determinada forma concreta e não abstrata) e educam para expressar-se plasticamente, com imagens, com rapidez, de forma sintética. A escola tem que educar-se para os meios e não tentar domesticá-los, incorporá-los como complemento do seu projeto pedagógico. A escola precisa mais dos meios de comunicação do que estes da escola (MORAN, 1993:182)

2 FAZENDO RÁDIO NA ESCOLA

2.1 UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CURITIBA

Desde dezembro de 1994, algumas escolas municipais de Curitiba desenvolvem trabalhos pedagógicos com a Radioescola, um sistema de comunicação em circuito interno, utilizando-se de som distribuído pelas linhas telefônicas privadas denominadas linhas de som permanente e instaladas nas escolas pelas empresas de telecomunicações. A emissão distribui-se da estação geradora localizada numa escola para as transreceptoras (outras escolas) interligadas simultaneamente no sistema de comunicação.

A Radioescola de Curitiba, originou-se de estudos e pesquisas que realizei no período de 1991/94 nas instituições educacionais, do ensino fundamental e médio no Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo (**ver anexo 2**). Essas instituições desenvolveram experiências radiofônicas educativas de 1985/93, envolvendo as áreas de comunicação e educação. No Mestrado (outubro 1994) apresentei uma proposta de Radioescola para o ensino de primeiro grau (hoje, fundamental), objetivando envolver os educandos e a Radioescola na produção de textos escritos e orais, priorizando o estudo da linguagem e da leitura do rádio.

A proposta está direcionada aos educandos que freqüentam as terceiras e quartas séries do ensino fundamental, entre 9 a 12 anos de idade (faixa etária para a qual não existem programações radiofônicas educativas).

Por acreditar no potencial dialógico do rádio na educação, especialmente, para crianças e adolescentes, apresentei à Secretaria da Educação de Curitiba a proposta de rádio. Aceita a proposta, a Radioescola foi instalada em algumas escolas com período integral.

No início de sua implantação, a Radioescola fundamentou-se na concepção pedagógica histórico-crítica, adotada pelo Currículo Básico de Educação, da época. A opção por essa teoria educacional deveu-se a nossa prática pedagógica em sala de aula e por acreditar que atenderia o objetivo da Rádioescola, "levar o aluno a compreender a sua própria realidade, proporcionando-lhe a formação do senso crítico, mediante a sua participação ativa e permanente como produtor, emissor e receptor de noticiários e programas radiofônicos" (ASSUMPÇÃO, 1994:100).

A Pedagogia Histórico-crítica parte do pressuposto de que a produção do saber social é histórica e não de uma única geração. A realidade escolar implica na compreensão das raízes históricas do desenvolvimento construído pelo homem, a partir do processo de trabalho ao longo do tempo. Nesse sentido, a Radioescola é o elo de comunicação e educação no espaço escolar, desde que a escola saiba resgatar o saber social e histórico na produção de textos escritos e orais para a programação radiofônica.

Lutar contra a marginalidade através da escola significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um ensino de melhor qualidade possível nas condições históricas. O papel de uma teoria crítica da educação é dar substância concreta a esta bandeira de luta de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses dos dominantes (SAVIANI, 1992:93).

A Radioescola se enquadra na visão pedagógica de SAVIANI porque, além da produção de programas contribuir para a compreensão da realidade, o aluno trabalha com a linguagem e a leitura crítica do rádio.

As escolas públicas municipais de Curitiba assumiram a Pedagogia Histórico-Crítica até o ano letivo de 1996. No período de 1997/00, a Secretaria Municipal da Educação de Curitiba adotou a concepção sociointeracionista de L.S.Vygotski (**ver anexo 4**).

Na Pedagogia Histórico-Crítica fica evidenciado o papel da escola como instituição responsável pela transmissão/assimilação dos instrumentos de acesso ao saber elaborado, produzido coletiva e historicamente por toda humanidade.

O objeto da educação é a socialização do saber, e cabe à escola identificar os elementos culturais que se constituem como essenciais para que o homem exerça conscientemente sua cidadania como agente de transformação da realidade; cabe, também, a ela identificar a maneira de atingir essa meta. Isso vale dizer que a escolha de um encaminhamento metodológico traz subjacente uma opção política e, no ensino da língua materna, além desta opção, uma concepção de linguagem.

Esta proposta é permeada pela concepção sociointeracionista de linguagem, cujo enfoque fundamental é a interação verbal como lugar de produção de linguagem e dos sujeitos (SME, 97/00:82).

A Radioescola casa-se, perfeitamente, com a teoria sociointeracionista porque suas atividades são mediadas pelas relações sociais (escola, comunidade, sociedade), pela linguagem, pelo simbólico, pela compreensão da realidade, pela construção e produção de textos (escritos e orais da língua) e pela visão crítica do mundo (pela leitura do rádio). Nesta perspectiva, a Radioescola, como meio de comunicação, de informação e de produção escolar, promove interações sócio-culturais simultâneas e coletivas. "A função primordial da fala é a comunicação e o intercâmbio social" (VIGOSTSKI, 1999:6). Nos trabalhos radiofônicos, o aluno procura imitar o locutor e o radialista, quando produz um texto escrito ou oral. Essa imitação é benéfica e positiva porque o profissional do rádio apresenta-se para o educando como um referencial, como um protótipo de oralidade.

As crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob a orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas. Esse fato, que parece ter pouco significado em si mesmo, é de fundamental importância na medida em que demanda uma alteração radical de toda a doutrina que trata da relação entre aprendizado e desenvolvimento em crianças (VIGOTSKI, 2000:46-47).

2.2 A PRODUÇÃO INFORMATIVA DA RADIOESCOLA

Desde a sua implantação em 1994, a produção informativa e de entretenimento da Radioescola é transmitida pelos alunos sob a orientação de professores preparados para atuar no Projeto. Pela estação geradora/estúdio, a programação é enviada para outras escolas, que possuem as transreceptoras. A difusão dos programas, no período experimental da Radioescola, ocorria pela manhã e à tarde, nos 15 minutos que antecediam o horário do recreio das escolas interconectadas. Não havia improvisações, os educandos planejavam, pesquisavam, estabeleciam pautas e elaboravam os scripts. Preocupados com o desempenho, preparavam a locução antes de o programa ir ao ar. A programação experimental era constituída de quadros. Os escolares criavam os nomes e as vinhetas que anunciavam os quadros: Curiosidades; Você Sabia?; Cantos e Contos; temas polêmicos, como Aids e drogas, eram tratados na Questão de Opinião. Havia lugar para dramatizações de histórias na hora da Rádio-teatro.

A programação tinha, ainda, os Classificados Poéticos, declamados pelas crianças; Notas e Notícias, extraídas de jornais, com texto adaptado para a linguagem radiofônica; Entrevistas; Programa Musical, com sucessos do momento, solicitados pelos ouvintes das escolas e outros.

Durante o recreio, os alunos produtores faziam pesquisas com os colegas, professores e funcionários da escola para avaliar os resultados, ouvir sugestões, analisar a receptividade e qualidade cada programa.

Com o passar do tempo, a Radioescola procurou difundir temas mais específicos e voltados ao cotidiano, à realidade sociocultural dos alunos. Estes saíam às ruas à busca de informações. Campanhas educativas de prevenção foram assuntos que mais agradaram a criançada. Produziram e veicularam programas sobre a educação de trânsito, prevenção de tuberculose, dengue e outras enfermidades, fundamentados nas entrevistas (com pedestres, motoristas e agentes de saúde) e pesquisas bibliográficas. Participavam "in loco" de inaugurações e difundiam as informações. Produziam programações sobre datas comemorativas (pais, mães, professores, escola e outras).

A Radioescola localizada na *Escola A* (ver anexo 1), objeto desta pesquisa, foi ao ar, ininterrupta e periodicamente, de dezembro de 1994 a dezembro de 1999. No período letivo de 2000, a programação tornou-se esporádica devido a falta de professor orientador para "coordenar" o Projeto. A professora orientadora precisou assumir turma regular na escola e não conseguiu conciliar a regência e a orientação de alunos-radialistas da Radioescola.

3 A RÁDIO NO ESPAÇO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO

Para a realização desse estudo, valeu-se dos seguintes instrumentos metodológicos:

- 1) Entrevista semiestruturada para diagnosticar a participação dos ex-alunos como produtores e locutores da Rádioescola e, também, verificar a experiência radiofônica deles no contexto pedagógico e sociocultural. Localizou-se, então, apenas seis alunos remanescentes que residem próximo à escola, os quais se propuseram a fazer entrevista, que foi gravada.
- 2) Questionário aplicado aos docentes da *Escola A*, que atuam na Rádioescola (**ver anexo 5**), com o intuito de investigar o interesse, a relevância e a utilidade da Rádioescola para a educação escolar.
- 3) Produção de textos escritos (**ver anexo 3**) e orais. Neste item, procurou-se sondar se a Rádioescola possibilita ao aluno desenvolver habilidade de produção de textos escritos e orais, a partir do trabalho da Rádioescola.

3.1 ANÁLISE DOS DADOS

- a) **Abordagem temática e análise das entrevistas (18)** realizadas com seis ex-alunos da *Escola A*, no período de 1994/99, que participaram como produtores e locutores da Rádioescola.

- b) Abordagem temática e análise do questionário** respondido por um diretor, um supervisor, um orientador e dois professores que trabalham na Radioescola desde a sua implantação (1994).
- c) Análise comparativa das produções de textos escritos e orais** dos 14 alunos que freqüentaram as quartas séries na *Escola A*, no período letivo/2000 e que trabalharam como produtores e locutores da Rádioescola; e 14 alunos, da *Escola B*, que desconhecem o trabalho com a rádio.

Os nomes das crianças que aparecem nas entrevistas são fictícios.

3.2 ABORDAGEM TEMÁTICA DAS ENTREVISTAS

TEMA 1 - PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO RADIOFÔNICA

- Entrevista 1 (Ricardo, 12 anos, sétima série, Ensino Fundamental/1999)

"Produzimos vários programas na Radioescola: Dia dos Pais, das Mães. Conforme a data comemorativa, a gente se programava. A gente combinava, pesquisava e fazia o programa"

- Entrevista 2 (Cecília, 11 anos, quarta série, Ensino Fundamental/1999)

"A gente fazia vários trabalhos. Um deles foi sobre o trânsito".

- Entrevista 3 (Sibele, 11 anos, quarta série, Ensino Fundamental/1999)

"Eu fiz a locução sobre a dengue. A gente foi nas salas de aula e pedimos aos nossos colegas para que escutassem a Radioescola e todos eles gostaram".

- Entrevista 4 (Elza, 15 anos, segunda série, Ensino Médio/1999)

“A gente não produziu programas. Produzimos a vinheta para a Radioescola. A era uma musiquinha que marcava a Radioescola. O tema era Lá vem o Negão, da Raça Negra. Ela era sempre tocada na abertura e no encerramento da programação da Radioescola. Além dos programas de informações e notícias fazíamos radionovela. Brincávamos muito disso. Cada participante fazia um papel. A Karin e o Alexandre contracenavam comigo. Eu e o Alexandre desempenhávamos o principal papel. Éramos os artistas preferidos da turma. Para fazer a radionovela nós nos comunicávamos muito. Escrevíamos o roteiro para que não esquecemos um detalhe. A professora dizia, apenas, o tema. Às vezes pesquisávamos na biblioteca. Mas, geralmente, criávamos o texto de cabeça. Muitas vezes trouxemos o roteiro pronto de casa e interpretávamos na Radioescola. Cada aluno decorava o seu personagem e se esforçava para interpretá-lo conforme o roteiro”

- Entrevista 5 (Aroldo, 14 anos, oitava série, Ensino Fundamental/1999)

“Eu fazia a locução na Radioescola. Na quarta série às vezes saíamos ruas para entrevistar pedestres e motoristas sobre a educação para o trânsito”.

- Entrevista 6 (Caroline, 10 anos, quarta série, Ensino Fundamental/1999)

“Produzi um texto sobre a dengue. Fiz entrevistas com os agentes de saúde e pesquisei, também, o tema com outros colegas da minha sala”.

TEMA 2 - DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE

- Entrevista 7 (Elza, 15 anos, segunda-série, Ensino Médio/1999)

“Eu era assim,... nossa... (risos). Eu era aquela menininha quietinha, tímida e temia me expor. Eu tinha muita vergonha. Com a Radioescola perdi a vergonha de me expor. Hoje, eu não tenho mais vergonha de chegar perto do microfone ou como mexer nele. No colégio onde eu estudo agora, tem a Semana de Talentos. Cada aluno tem que mostrar o seu talento através de uma atividade interessante. Os alunos precisam usar o microfone para apresentar os temas. Todos têm vergonha de falar ao microfone. Eu não tenho essa vergonha porque eu já tive experiência com a Radioescola. Eu já sei como mexer com o microfone, como ligar o microfone. Então sou eu que sempre apresento ao microfone os trabalhos dos meus colegas sobre a Semana dos Talentos, no Colégio”

- Entrevista 8 (Cecília, 11 anos, quarta série, Ensino Fundamental/1999)

“Aprendi a ler melhor, a soltar mais a voz. Aprendi na Radioescola que quando a gente for ler algum assunto ao microfone, não pode sentir vergonha e ler mais alto e com entonação”.

- Entrevista 9 (Ricardo, 12 anos, sétima série, Ensino Fundamental/1999)

“No início dos trabalhos com a Radioescola, senti muito medo e vergonha. Tinha medo de falar ao microfone e que meus amigos rissem de mim. A professora me incentivou muito. Comecei a produzir textos orais, a ler textos ao microfone, quando acontecia inaugurações. Participei muito tempo da

locução da programação da Radioescola, isso fez com que eu perdesse a vergonha de falar e o medo que meus colegas me ouvissem e rissem de mim. Com a locução na Radioescola perdi a vergonha e o medo”.

- Entrevista 10 (Sibele, 11 anos, quarta série, Ensino Fundamental/1999)

“Com a Radioescola perdi o medo e a vergonha de falar ao microfone. Agora eu leio ao microfone qualquer texto e sei como usar o microfone para a leitura”.

- Entrevista 11 (Aroldo, 14 anos, oitava série, Ensino Fundamental/1999)

“Na Radioescola, eu fiz a locução e a produção de programas. Gostei muito da locução. Aprendi que não se deve sentir medo ou vergonha para ler um texto ao microfone. Na primeira vez que fiz a leitura ao microfone, senti medo e vergonha. Vergonha de não saber ler direito, de errar. Hoje, não tenho mais esse medo e nem vergonha. Sei como se usa um microfone e como se lê ao microfone”.

- Entrevista 12 (Caroline, 10 anos, quarta série, Ensino Fundamental/1999)

“Eu tinha muita vergonha e medo de errar o texto. Quando li, pela primeira vez, um texto ao microfone na Radioescola, tive muito medo de errar, de gaguejar e de não conseguir terminar a leitura. A professora sempre dizia que ninguém podia sentir medo. Por isso, a gente tem que treinar a leitura e depois ler ao microfone. Fiz isso e não tenho mais medo e nem sinto mais vergonha”.

TEMA 3 - PRODUÇÃO ESCRITA DE TEXTO

- Entrevista 13 (Ricardo, 12 anos, sétima série, Ensino Fundamental/1999)

“A Radioescola ajudou muito o meu desempenho nos estudos, e, também, o porquê de fazer pesquisas. A Radioescola me ajudou como fazer pesquisas e entrevistas”.

- Entrevista 14 (Caroline, 10 anos, quarta série, Ensino Fundamental/1999)

“Olha, eu aprendi ler melhor. Eu aprendi, escrever melhor também. Quando eu não participava da Radioescola, algumas palavras eu não sabia ler e nem sabia escrever”.

- Entrevista 15 (Cecília, 11 anos, quarta série, Ensino Fundamental/1999)

“Bom, eu aprendi muitas coisas. Quando entrei na Radioescola, eu não sabia criar um texto. Eu ficava com medo de errar as palavras. A professora da Radioescola foi falando para que a gente não sentisse medo. Ela foi ensinando a gente a pensar mais e melhor. Hoje, eu sei criar um texto”.

- Entrevista 16 (Caroline, 10 anos, quarta série, Ensino Fundamental/1999)

“Aprendi muita coisa. Por exemplo: eu aprendi a escrever bastante. Eu já escrevia, mas, aqui na Radioescola, a gente começou a forçar a memória”.

- Entrevista 17 (Elza, 15 anos, segunda série, Ensino Médio/1999)

“Fazíamos toda a programação. O trabalho era realizado com as terceiras e quartas-séries em equipe. Cada um pesquisava o tema que gostava. Esse

trabalho nos ajudou a escrever, a pesquisar e a pensar os temas. Nós não podíamos transmitir qualquer tema e de qualquer jeito, sem pesquisá-lo. Era preciso produzir o texto com clareza e objetividade para que as pessoas entendessem o nosso texto. Nós não podíamos errar e nem falar errado ao microfone. Tínhamos a orientação da professora. Por isso, fazíamos pesquisa na nossa biblioteca, em casa e depois no Farol do Saber (quando foi inaugurado)”.

- Entrevista 18 (Aroldo, 14 anos, oitava série, Ensino Fundamental/1999)

“Eu e outros alunos fazíamos pesquisas sobre o tema para produzir os textos para as programações da Radioescola. Fizemos pesquisas e entrevistas sobre a tuberculose, dengue, trânsito e, também, para os Dias dos Pais, das Mães e da Escola. As pesquisas eram feitas na biblioteca da escola, em casa ou no Farol do Saber. Depois da pesquisa, produzíamos o texto para a programação da Radioescola. Como eu sempre gostei de escrever, gostava muito de produzir para a Radioescola. Até hoje, não tenho dificuldades para escrever um texto”.

3.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

TEMA 1 - PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO RADIOFÔNICA

As entrevistas indicam o interesse da escola pela interface comunicação e educação. Desde 1994 (instalação da Radioescola), os alunos vêm trabalhando a questão pedagógica como produtores e locutores.

A produção, no início da implantação da Radioescola, estava mais voltada à educação e à cultura. Os educandos construíam histórias dramatizadas, radionovelas, peças de teatro e campanhas educativas (tuberculose, dengue, trânsito), recorrendo a pesquisas e entrevistas com especialistas e conhecimentos adquiridos sobre a linguagem do rádio. Eles mesmos criaram as vinhetas² da Radioescola.

TEMA 2 - DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE

Para os entrevistados, a construção de textos orais ao microfone leva o aluno-locutor a *perder a vergonha* de falar e se expor publicamente, elimina a timidez e possibilita a utilização adequada da voz (na leitura e na interpretação) de noticiários, informações educativas e culturais e dramatização de histórias.

Aprenderam a linguagem do rádio (sonorização, efeitos sonoros, voz e palavra) como códigos e processos de significação. É preciso ter entonação e soltar a voz, para perder o medo.

TEMA 3 - PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS

Os educandos admitem que a participação como produtores da programação da Radioescola contribuiu para o desenvolvimento da escrita e leitura. O trabalho interdisciplinar leva os alunos a sentirem-se mais motivados e interativos no convívio com a professora orientadora da Radioescola. As entrevistas são um espaço de interação e diálogo entre os participantes, daí a facilidade para produção do texto

² VINHETA: identificação breve da emissora, do programa, do patrocinador, no início ou no fim de cada intervalo ou entre dois anúncios. Pode ser uma frase musical ou qualquer efeito sonoro, com ou sem texto (BARBOSA, 1992:77).

escrito. Os trabalhos são realizados com responsabilidade de forma dialógica, prazerosa, não imposta.

3.4 ABORDAGEM TEMÁTICA DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DA ESCOLA A

A análise do questionário foi respaldado nas seguintes temáticas:

TEMA 1 - MUDANÇA NA PRÁTICA ESCOLAR, A PARTIR DA EXPERIÊNCIA RADIOFÔNICA

“A Rádioescola desenvolve, melhora e desperta no aluno o hábito pela pesquisa e o gosto pela leitura” (Professora).

“Observa-se uma acentuada mudança de caráter, melhoria na auto-estima e conseqüente melhora no aprendizado” (Professora).

“Percebe-se que a Rádioescola embasa todas as atividades da escola em termos de comunicação social” (Professora).

“Na observação do crescimento e desenvoltura principalmente oral, na cooperação em atividades do grupo entre os alunos participantes” (Professora).

“A Radioescola centraliza todas as atividades ligadas a oralidade e informações na escola” (Professora).

TEMA 2 - A RADIOESCOLA E A EDUCAÇÃO COMO EXERCÍCIO DA CIDADANIA

“Através da Radioescola, o aluno pesquisa e faz o programa de acordo com os temas que são do seu interesse, fazendo com que o aluno se sintam melhor” (Professora).

“A criança participante do projeto da Radioescola conscientiza-se do seu direito à comunicação e dos seus deveres e direitos, enquanto cidadão, porque se descobre como cidadão” (Professora).

“Quando o aluno vê o seu trabalho realizado e valorizado cada vez mais, ele vai tentar superar seus próprios limites pesquisando e lendo mais. Com isso melhora sua visão de mundo” (Professora).

“Temas debatidos e opiniões construídas após pesquisas e locuções nos programas da Radioescola, organizam e incentivam o exercício da cidadania” (Professora).

“A Radioescola é um projeto que envolve a escola e o aluno. Todas as campanhas desenvolvidas pela Radioescola têm ampla participação do aluno” (Professora).

TEMA 3 - AVALIAÇÃO DA RADIOESCOLA

“Eles (alunos) demonstram o gosto e a responsabilidade com as atividades da Rádioescola” (Professora).

“É uma atividade interessante e que fascina os alunos. Isto faz com que busquem a perfeição no falar, na pesquisa e até na escrita. ‘Não posso falar errado, pois estão me ouvindo’. ‘Não posso escrever sem clareza, pois não consigo ler’. ‘Tenho que ler como eu falo e eu não falo em sílabas’ ” (Professora).

A participação no Projeto Rádioescola estimula o aprendizado em sala de aula” (Professora).

“Os alunos vêem que sua produção tem valor e é utilizada (diferente de uma produção em sala de aula)” (Professora).

TEMA 4 - A SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE CURITIBA E O PROJETO DA RADIOESCOLA

“Sempre que possível, buscamos a participação da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba” (Professora).

“A princípio envolveram-se, mas em seguida ausentaram-se. Nunca entendi por que” (Professora).

“Em parte. Nos primeiros anos do projeto, sim. Ultimamente, o esforço maior é da escola para que o projeto prevaleça, embora a Secretaria Municipal da Educação de Curitiba reconheça o valor do trabalho realizado pela Radioescola. Para que o trabalho se efetive em prol do desenvolvimento do aluno é necessário que o professor permaneça com dedicação exclusiva ao projeto e mais um profissional (ou estagiário voluntário) que cuide da parte técnica (edição, gravação, produção e arquivo da Radioescola)” (Professora).

“Nos primeiros anos, aconteceu. Ultimamente, tem valido o da escola em manter o projeto da Radioescola em termos de manutenção. Mas todos concordam que o projeto da Radioescola tem valor” (Professora).

“A escola tornou-se autônoma no caminhar do projeto Radioescola e possui admiração do setor público, confirmada pelo constante interesse na divulgação deste trabalho” (Professora).

TEMA 5 - ÁREAS DE CONHECIMENTOS TRABALHADAS NA RADIOESCOLA

“Todas. Porque os temas utilizados para os programas da Radioescola são os mais variados” (Professora).

“Todas. A Radioescola é um projeto abrangente e qualquer assunto pode ser pesquisado e transformado em programa de rádio” (Professora).

“Todas do currículo básico. A informação e a pesquisa abrangem todas as áreas” (Professora).

“Basicamente, o Português. Mas, em se tratando de informação e pesquisa, a Radioescola trabalha todas as áreas de conhecimento” (Professora).

“Todas as áreas do conhecimento são envolvidas na organização das programações” (Professora).

TEMA 6 - ALUNO-PARTICIPANTE DA RADIOESCOLA POSSUI VISÃO MAIS CRÍTICA DA REALIDADE

“Sim, porque ele é um aluno que lê, conversa e pesquisa mais” (Professora).

“Sim. Após pesquisa, escrita, reescrita de texto e vivência de situações, o aluno é capaz de fazer comparações e tirar suas próprias conclusões a respeito do que foi tratado na Rádioescola” (Professora).

“Sim. O aluno tem que analisar todas as informações sobre o tema que está tratando e ser absolutamente imparcial e verdadeiro” (Professora).

“Sim e acredito nisso, porque o aluno percebe que os meios de comunicação possuem uma ideologia e o aluno acaba criando a sua própria visão da realidade diante de tantos pontos de vista” (Professora).

“Sim. Esses alunos possuem maiores oportunidades de pesquisas, troca de opiniões, o que favorece o desenvolvimento de análise crítica de seu contexto” (Professora).

TEMA 7 - INTERESSE DA ESCOLA A EM CONTINUAR O PROJETO DA RADIOESCOLA

“Sim, porque a Radioescola já faz parte do nosso dia-a-dia e só acreditamos num ensino de qualidade, quando é dado ao aluno a oportunidade de participar de todos os recursos a que temos acesso” (professora).

“Sim. Temos visto o quanto as crianças progridem em sua formação total, após o trabalho com a Radioescola. Em poucas semanas é possível ver o resultado” (Professora).

“Na nossa escola, a falta da Radioescola provocaria uma grande lacuna. Neste último mês de novembro houve necessidade de que a professora responsável assumisse uma turma. Algumas crianças se organizaram para montar um abaixo-assinado, exigindo a volta do seu funcionamento” (Professora).

“A Radioescola faz parte do cotidiano desta escola. Seria uma grande perda, se o projeto acabasse” (Professora).

“A participação dos alunos nas programações da Radioescola auxiliam o desenvolvimento cognitivo e psico-social dos alunos” (Professora).

3.5 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

TEMA 1 - MUDANÇA NA PRÁTICA ESCOLAR, A PARTIR DA EXPERIÊNCIA RADIOFÔNICA

Os educadores admitem que a Radioescola desperta no aluno o hábito e o gosto pela leitura e a responsabilidade. O trabalho radiofônico não se esgota nas pesquisas e entrevistas, é necessário decodificar as informações. Na Rádioescola, o educando torna-se sujeito ativo do processo de comunicação, produzindo textos escritos e orais conforme a linguagem do rádio.

TEMA 2 - A RADIOESCOLA E A EDUCAÇÃO COMO EXERCÍCIO DE CIDADANIA

Segundo os professores, a Radioescola possibilita a construção de programas interativos e de interesse dos educandos, que se conscientizam de seu verdadeiro papel na sociedade porque participa do contexto social, ao transmitir informações aos colegas, ao produzir textos escritos e orais. A Radioescola propicia ao aluno visão ampla dos meios de comunicação social e de sua função na sociedade globalizada, a defesa e cumprimento de seus direitos e deveres. Como produtores e locutores percebem que seu trabalho é respeitado e valorizado pelos ouvintes. Com a responsabilidade de produtor e locutor, o aluno pesquisa e lê mais, o que amplia sua visão de mundo. O aluno aprende a debater, a questionar, a discutir, o que configura exercício e desenvolvimento da cidadania.

TEMA 3 - AVALIAÇÃO

Os alunos tornam-se mais responsáveis em suas atividades escolares porque a Radioescola exige o trabalho em equipe, a concentração e a participação. O trabalho com a Radioescola é motivador. Os colegas vão ouvir na Radioescola o seu texto escrito ou oral. Por esta razão, é necessário escrever com clareza, objetividade e simplicidade para que sua mensagem atinja o ouvinte.

TEMA 4 - A SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE CURITIBA E O PROJETO DA RADIOESCOLA

Para alguns educadores, a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba participou do projeto e da sua manutenção somente no início da implantação. Outros enaltecem a Escola pela manutenção dos equipamentos, acreditando, todos, no potencial da Radioescola.

TEMA 5 - ÁREAS DE CONHECIMENTO TRABALHADAS NA RADIOESCOLA

A Radioescola é um projeto abrangente, pois atinge todas as áreas de conhecimento, em um trabalho interdisciplinar: alunos e professores participam do processo educativo-comunicacional.

TEMA 6 - ALUNO-PARTICIPANTE DA RADIOESCOLA POSSUI VISÃO MAIS CRÍTICA DA REALIDADE

Os educadores acreditam no potencial dialógico e interativo da Radioescola que torna o aluno participante mais criativo e crítico que os outros, devido à pesquisa e análise de informações.

TEMA 7 - INTERESSE DA ESCOLA A CONTINUAR O PROJETO DA RADIOESCOLA

Para os professores, a continuidade do Projeto é importante, porque a Radioescola contribui para o desenvolvimento cognitivo e psico-social do aluno.

3.6 ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS

Para esta análise, respeitou-se a concepção pedagógica sociointeracionista adotada nas escolas municipais de Curitiba. As professoras das escolas *A* e *B*, usaram o mesmo método, porém temas distintos, o que afetou os resultados porque o que foi observado foi a metodologia.

3.6.1 Alunos de quarta série da escola *A*

A professora escreveu na lousa as palavras: **MUNDO** e **FUTURO**, solicitando aos alunos dizerem o que eles lembravam (brain-storming: tempestade de idéias).

MUNDO: brigas, movimento, cidadania, alegria, opiniões, morte, amizade, drogas, miséria, favela, amor, pobreza, água, paz, riqueza, vida, pessoas, terra,

egoísmo, trabalho, lazer, fauna, flora, plantas, animais, país, família, colega, comunicação, rádio, jornal, violência, paz, desilusão.

FUTURO: *futebol, palavra, extraterrestre, economia, digitais, crise, melhoria, emprego, salário mínimo, desenvolvimento, filhos, educação, arte, responsabilidade, dinheiro, lazer, esportes, esperança, respeito, carro, valores, tecnologia, saúde, liberdade.*

A professora distribuiu aos educandos o nosso material de pesquisa, pedindo que produzissem um texto com as palavras **MUNDO - FUTURO**.

3.6.2 Alunos da quarta série da escola B

Na *Escola B*, após os mesmos procedimentos, a professora exibiu um documentário sobre drogas comentando o assunto, os alunos deram depoimentos sobre pessoas que conhecem, membros da família, amigos e vizinhos que consomem entorpecentes. Muitos levantaram questões sobre o programa televisivo *Linha Direta*. Após isso, a educadora solicitou palavras que lembrassem o documentário. Os alunos citaram: *cocaína, cheirinho, tiner, remédio, cigarros, cerveja, cola, massinha, crack, destruição, prisão, família, penitenciária, desemprego, bêbado, separação, sarjeta, divórcio, polícia*. A professora escreveu no quadro as palavras. Em seguida, distribuiu o material de nossa pesquisa e solicitou-lhes que produzissem um texto a partir do documentário utilizando as palavras grafadas na lousa.

QUADRO 1 - ESTRUTURA TEXTUAL

1 CLAREZA	ESCOLA A	ESCOLA B
1.1 Unidade Temática	14 construíram os textos respaldados no tema trabalhado na sala de aula pelo professor. Houve "aliança" entre texto e tema	14 construíram os textos respaldados no tema trabalhado na sala de aula pelo professor. Houve "aliança" entre texto e tema
1.2 Argumentação	8 produziram os textos utilizando-se de outras informações para fundamentá-los e persuadir os leitores.	nenhum produziu os textos utilizando-se de outras informações para fundamentá-los e persuadir os leitores.
1.3 Pontuação e Paragrafação	12 utilizaram pontuação e paragrafação correta e adequadamente na produção dos textos.	5 utilizaram pontuação e paragrafação correta e adequadamente na produção dos textos.
1.4 Seqüência Lógica	9 apresentaram idéias ordenadas e com seqüência lógica na produção de textos.	4 apresentaram idéias ordenadas e com seqüência lógica na produção de textos.
1.5 Clareza de Idéias	9 apresentaram precisão de idéias e clareza de raciocínio na produção de textos.	5 apresentaram precisão de idéias e clareza de raciocínio na produção de textos.
1.6 Coerência	9 apresentaram coerência entre o título, desenvolvimento e conclusão da produção de textos.	4 apresentaram coerência entre o título, desenvolvimento e conclusão da produção de textos.
1.7 Discurso Direto e Discurso Indireto	Todos usaram o discurso indireto na produção de textos.	11 usaram o discurso indireto e 3 usaram o discurso direto na produção de texto.

1.8 Coesão	13 utilizaram adequadamente os recursos de coesão (conjunções, pronomes, preposições, sinônimos, advérbios, adjetivos, tempos verbais, etc.) nas produções de textos.	3 utilizaram adequadamente os recursos de coesão (conjunções, pronomes, preposições, sinônimos, advérbios, adjetivos, tempos verbais, etc.) nas produções de textos.
-------------------	---	--

No Quadro 1, a maioria dos alunos da *Escola A* demonstra domínio da *estrutura textual: clareza, coerência e coesão*, usando o *discurso indireto*.

Metade dos alunos da *Escola B* demonstraram o domínio da *estrutura textual: clareza, coerência e coesão* usando, o *discurso indireto e direto*.

QUADRO 2 - QUANTO À SINTAXE

	ESCOLA A	ESCOLA B
2.1 Concordância Verbal e Nominal e Regências	13 usaram adequadamente a concordância verbal (verbo e sujeito), concordância nominal (gênero e número) e regência verbal na produção de textos.	5 usaram adequadamente a concordância verbal (verbo e sujeito), concordância nominal (gênero e número) e regência verbal na produção de textos.

Treze alunos da *Escola A* demonstraram possuir domínio da produção de textos escritos quanto à *sintaxe*. Na *Escola B*, somente cinco usaram adequadamente a concordância verbal, nominal e a regência na produção de textos escritos.

QUADRO 3 - QUANTO À MORFOLOGIA

	ESCOLA A	ESCOLA B
3.1 Vocabulário	14 usaram o vocabulário de seu cotidiano.	14 usaram o vocabulário de seu cotidiano.
3.2 Ortografia	8 grafaram corretamente as palavras.	13 cometeram erros ortográficos.
3.3 Divisão Silábica	Todos separaram corretamente as palavras.	4 separaram incorretamente as palavras.

A maioria dos alunos da *Escola A* domina a *morfologia: ortografia e divisão silábica*, o que não ocorre com os alunos da *Escola B*. Os dois grupos utilizam o *vocabulário* do cotidiano na sua produção de textos escritos.

QUADRO 4 – APRESENTAÇÃO

	ESCOLA A	ESCOLA B
4.1 Legibilidade	14 apresentaram textos legíveis.	12 apresentaram textos legíveis.
4.2 Disposição Gráfica no Texto	11 apresentaram traçado correto de letra, disposição correta das partes do texto. Não houve rasuras.	10 apresentaram traçado correto de letra, disposição correta das partes do texto. Não houve rasuras.

Todos os alunos da *Escola A* produziram textos com *legibilidade e disposição gráfica* adequada, não ocorrendo o mesmo na *Escola B*.

3.7 ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS

Terminada a produção de texto escrito, solicitou-se aos alunos a leitura oral: poucos parágrafos, palavras conhecidas, de fácil compreensão e o relato de um fato do cotidiano do educando. Ambos seriam lido e gravado ao microfone.

Texto informativo lido pelos alunos ao microfone

A SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE CONSEGUIU NOVAMENTE SUPERAR AS SUAS METAS, VACINANDO UM MILHÃO DE CRIANÇAS COM MENOS DE CINCO ANOS.

NO ÚLTIMO FINAL DE SEMANA, NA SEGUNDA ETAPA DA CAMPANHA NACIONAL DE VACINAÇÃO CONTRA A PARALISIA INFANTIL SEIBIN CERCA DE 968 MIL CRIANÇAS, O QUE CORRESPONDEU A CEM POR CENTO DA POPULAÇÃO PARANAENSE NESTA FAIXA ETÁRIA, SEGUNDO DADOS DO IBGE.

NOS 84 MUNICÍPIOS ONDE FOI POSSÍVEL ATINGIR A META DE VACINAR NOVENTA POR CENTO DA POPULAÇÃO COM ATÉ QUATRO ANOS DE IDADE, A SECRETARIA DE SAÚDE VAI CONTINUAR O TRABALHO ATÉ A PRÓXIMA SEXTA-FEIRA.

Ao microfone, os pesquisados da *Escola A* demonstraram fluência verbal e domínio de leitura, observaram os parágrafos, a pontuação, pronunciaram corretamente as palavras, deram entonação, vida e ritmo à leitura. Em nenhum momento demonstraram timidez, hesitação ou medo. Utilizaram corretamente o microfone, um palmo de distância da boca, imitando os profissionais do rádio. Ao receberem o texto, leram e anotaram as palavras mais significativas para dar ênfase à leitura como o fazem os locutores radiofônicos.

Os alunos da *Escola B* não fizeram a leitura com entonação, ênfase e pronúncia correta. Não respeitaram a pontuação e os parágrafos, leram o texto silabicamente e com pausas para "decifrar" as palavras, sobretudo os numerais. Não se preocuparam com a leitura correta do texto.

Os participantes da Radioescola demonstraram responsabilidade e motivação com a leitura ao microfone, o que não ocorreu na *Escola B*. O texto foi distribuído antes da gravação ao microfone. Solicitou-se que fizessem uma pré-leitura antes da gravação definitiva. Nada disto os alunos da *Escola B* fizeram.

3.7.1 Análise dos relatos

Para a realização desta análise, solicitou-se aos alunos que revelassem ao microfone um fato ou história do cotidiano deles para que fosse possível a gravação.

- **Relato 1 (Cristina, quarta série, Ensino Fundamental, *Escola A* 2000)**

"Eu trabalhei na Radioescola e fiz a locução. Interpretava e lia os textos produzidos por outros colegas. Um fato importante está chamando a atenção

da população de Curitiba. Hoje, às 10 horas, o Banco Banestado vai parar, vai entrar em greve. Os meus padrinhos trabalham lá. Ele vai assumir suas funções no Banestado de São João do Triunfo porque fez concurso lá. A minha madrinha fica em Curitiba. O meu padrinho nos disse que está com medo de perder o concurso devido à greve do banco”.

- Relato 2 (Fabiana, quarta série, Ensino Fundamental, Escola A 2000)

“O trabalho na Radioescola foi legal. Trabalhei na terceira série, em 1999 e fiz programações sobre os Dias dos Pais, das Mães e da nossa Escola. Nós não trabalhamos com a rádio na quarta série. A professora teve que assumir turma e não havia outra professora para substituí-la. Fizemos apenas alguns programas”.

- Relato 3 (Joelma, quarta série, Ensino Fundamental, Escola A 2000)

“Ontem, os ladrões entraram aqui na escola e roubaram a televisão da quarta série ‘A’. Eles entraram debaixo do muro, lá nos fundos que está quebrado. Na Radioescola, eu fiz produção de programas para o Dia das Mães e das Crianças”.

- Relato 4 (Edmauro, quarta série, Ensino Fundamental, Escola A 2000)

“O Brasil foi para as Olimpíadas de Sidney para jogar e não para fazer burrada. Ele foi para jogar com firmeza, com garra e não para perder com um time como o Camarões que está quase desclassificado. Por isso, perdeu sua

vaga nas Olimpíadas. Poxa! Brasil, nós tomamos, assim, de cara, com vocês e Luxemburgo não faz mole. Agora tiveram que trocar e não tem ninguém. Quando participava da Radioescola, eu achava muito legal. Eu fazia a locução e produzia a programação. Aprendemos a falar corretamente ao microfone e produzir textos radiofônicos. Um dia a gente pode seguir a profissão de repórter e levar aos outros aquilo que a gente sente. A Radioescola oferece essa oportunidade”.

- Relato 5 (Rodrigo, quarta série, Ensino Fundamental, Escola A 2000)

“As quartas séries vão participar do campeonato de vôleibol aqui na escola. Mas só que tem um problema: as quartas séries não podem participar do campeonato durante o horário de aula. A participação dela deverá ser na quinta-feira, horário de aulas de Educação Física. Então, quarta-série, o campeonato será na quinta-feira. Não esqueçam!”

Eu participei da Radioescola no ano passado, quando estava na terceira série. Produzíamos temas para a programação. Pesquisávamos os temas no Farol do Saber. Eu fiz, também, a locução. Produzimos e transmitimos homenagens para o Dia dos Pais e para o Dia das Mães”.

- Relato 6 (Carlos Eduardo, quarta série, Ensino Fundamental, Escola A 2000)

“No último debate entre os candidatos Cássio Taniguchi e Vanhoni, o Cássio foi muito melhor que o Vanhoni. Dessa maneira, o Cássio conseguiu ser melhor que Vanhoni. Ele tirou alguns pontos do Vanhoni. Com isso, o Vanhoni caiu um pouco, baixou um pouco a intenção de votos e deu uma apertada no

Vanhoni antes das eleições. Na Radioescola eu falava ao microfone. Eu fazia a locução. Eu dava informações, notícias. Às vezes, até pesquisa”.

- Relato 7 (Maria Simone, quarta série, Ensino Fundamental, Escola A 2000)

“Um caminhão bateu num carro e deixou-o todo esmagado. Dentro do carro tinha duas moças. Elas ficaram mais ou menos uma hora lá dentro. Os bombeiros conseguiram salvá-las. Uma delas estava só com um arranhãozinho e a outra tinha quebrado o braço. Isso foi um verdadeiro milagre.

Eu participei da Radioescola e fiz produção e locução de programas sobre o Dia dos Pais, dos Professores e das Crianças. Fiz pesquisa também”.

- Relato 8 (Maria, quarta série, Ensino Fundamental, Escola A 2000)

“No dia 20 de outubro, a professora de Educação Física estará realizando exame biométrico, medindo a pressão e o peso dos alunos. Ela avisa que nenhum aluno pode faltar à aula nesse dia.

Eu participei da Radioescola no ano passado, quando eu estava na terceira série. A gente fez muitos trabalhos na rádio. Trabalhamos com datas comemorativas: trânsito, comemorações dos Dias dos Pais, Criança e Professores. Eu fiz pesquisa dos temas que iam ao ar. Fiz, também, a locução de programas”.

- Relato 9 (Joana, quarta série, Ensino Fundamental, Escola A 2000)

“Neste final de semana eu estava andando com meu primo Carlos numa rua aqui, perto da escola. Vimos dois caras brigando. Ficamos com medo e fomos por outra rua para chegarmos em casa”.

- Relato 10 (Carmem, quarta série, Ensino Fundamental, Escola A 2000)

“A Radioescola é muito legal. Ela ajuda muito a gente a produzir textos. Ajuda bastante. Eu fiz locução e produção de textos escritos para os programas sobre homenagens. Uma delas foi sobre o Dia dos Professores”.

- Relato 11 (João, quarta série, Ensino Fundamental, Escola A 2000)

“Não foi, ainda, divulgado o técnico da seleção brasileira. O Brasil continua sem técnico. No próximo jogo, o Brasil vai estar sem técnico.

Na Radioescola produzi textos escritos para a programação. Eu escrevi sobre animais. Fiz pesquisas no Farol do Saber. Mas nunca participei da locução”.

- Relato 12 (Margarida, quarta série, Ensino Fundamental, Escola A 2000)

“Vocês sabiam que a chupeta faz mal para o raciocínio? A chupeta desenvolve menos raciocínio, dizem os especialistas, porque a criança fica muito folgada com a chupeta.

Na Radioescola, eu participei, cantando no coralzinho. Fiz, também, um teatrinho. Treinamos bastante. Fiz a locução de alguns programas”.

- Relato 13 (Márcia, quarta série, Ensino Fundamental, Escola A 2000)

"No último feriado de outubro, um ladrão entrou aqui na escola. Ele arrombou o muro perto do Farol do Saber, e, também, a porta da sala da quarta série 'A'. Ele levou uma televisão.

Particpei da Radioescola ensaiando uma música para o Dia dos Pais, das Crianças e dos Professores. Eu e meus colegas de classes fizemos trabalhos sobre o Detran".

- Relato 14 (Marcelo, quarta série, Ensino Fundamental, Escola A 2000)

"Como o crime cresceu em nosso país, hem! Todo dia acontece um tipo de assassinato, morte e roubo. Vários tipos de roubos estão acontecendo no nosso país. Só em 1997 a 1998 foram calculados cerca de 13339 assassinatos, estupros e vários tipos de vandalismos contra as pessoas. E agora imagine em 2001, hem? Como o nosso país está indo?

Eu participei da Radioescola faz pouco tempo. Acho que há uns três meses, quando fiz a locução do programa sobre os aniversários de Curitiba e do aniversário da escola. Particpei, também, na produção dos programas dos Dias dos Pais e das Mães".

- Relato 15 (Jonas, quarta série, Ensino Fundamental, Escola B 2000)

"Eu briguei no recreio".

- Relato 16 (Jéssica, quarta série, Ensino Fundamental, Escola B 2000)

"Assisti no Gugu o caminhão que caiu em cima do carro e amassou o carro".

- **Relato 17 (Fabiola, quarta série, Ensino Fundamental, Escola B 2000)**

"Eu assisti na Eliana..."

A aluna não concluiu o pensamento.

- **Relato 18 (Mônica, quarta série, Ensino Fundamental, Escola B 2000)**

"Hoje no recreio, eu estava brincando com meus amigos de mãe-árvore".

- **Relato 19 (Franciele, quarta série, Ensino Fundamental, Escola B 2000)**

"Em Laços de Família, o Edu e Camila estão namorando".

- **Relato 20 (Mariane, quarta série, Ensino Fundamental, Escola B 2000)**

"Eu assisti o Pateta. O Pateta acabou sendo preso (risos)".

- **Relato 21 (Clinton, quarta série, Ensino Fundamental, Escola B 2000)**

"Eu assisti o jogo de futebol Vasco e Santos".

- **Relato 22 (Israel, quarta série, Ensino Fundamental, Escola B 2000)**

"Eu assisti o jogo do Atlético e do Coxa".

- **Relato 23 (Washington, quarta série, Ensino Fundamental, Escola B 2000)**

"Estou fazendo um texto do Chapeuzinho Vermelho"

- **Relato 24 (Sérgio, Quarta série, Ensino Fundamental, Escola B 2000)**

"Eu assisti Malhação e a Joana disse que vai embora. O Marcelo ficou triste"

-Relato 25 (John, quarta série, Ensino Fundamental, Escola B 2000)

“Eu assisti um filme na televisão”

- Relato 26 (Marilze, quarta série, Ensino Fundamental, Escola B 2000)

“Eu vi na televisão a mulher que sofreu um acidente e não morreu”.

QUADRO 5 - ORALIDADE (FLUÊNCIA VERBAL)

	ESCOLA A	ESCOLA B
Objetividade	<p>14 apresentaram objetividade nos relatos.</p> <p>A maioria relatou fatos da mídia, mas contextualizados.</p> <p>Fatos retirados das mídias e do contexto escolar com objetividade.</p> <p>Buscam a objetividade na linguagem radiofônica.</p>	<p>A maioria não conseguiu produzir um texto com introdução, desenvolvimento e conclusão.</p> <p>Muitos relataram fatos das mídias e do contexto escolar.</p>
Clareza	<p>Todos escreveram com clareza de idéias e argumentos.</p> <p>Extraíram fatos narrados pelas mídias e os contextualizaram de forma clara.</p> <p>Relataram fatos do cotidiano de forma clara.</p>	<p>Todos mostraram pouca clareza de idéias e argumentos</p> <p>Extraíram fatos narrados pelas mídias e não os contextualizaram, nem decodificaram.</p> <p>Frases soltas e sem embasamento.</p>
Elementos de Coesão	<p>A maioria utilizou os elementos de coesão nos relatos orais.</p>	<p>Os 14 demonstraram dificuldade no uso dos elementos de coesão.</p>

Coerência	Os 14 produziram com coerência seus relatos orais.	Os 14 não conseguiram produzir o relato oral, limitando-se a frases soltas, sem coerência.
Consistência Argumentativa	Os 14 demonstraram consistência argumentativa.	Os 14 não demonstraram consistência argumentativa.
Adequação ao Interlocutor	Os 14 usaram a linguagem do rádio, adequada ao interlocutor (receptor).	Os 14 usaram frases soltas respaldadas nas mídias (programação de entretenimento).
Adequação à Situação (altura, tonalidade, timbre, postura, formalidade)	Os 14 mostraram fluência verbal.	Os 14 não têm fluência verbal.

COMENTÁRIOS COMPARATIVOS E ANALÍTICOS DOS RELATOS

Os alunos produtores e locutores da Radioescola possuem fluência verbal e buscam informações nas mídias e apresentam seus relatos de forma objetiva, clara e coerente. Três relatos merecem destaque:

- a) as Olimpíadas de Sidney;
- a) debate sobre os prefeituráveis de Curitiba e
- b) o índice de criminalidade no Brasil.

No relato sobre o índice de criminalidade, o locutor narra com fluência verbal invejável, cita estatísticas dos últimos anos, mostrando a gravidade do problema, tudo resultado de pesquisa em revistas especializadas.

O trabalho com a Radioescola leva o educando à busca de informações nas mídias despertando o gosto pela leitura, o desenvolvimento da oralidade e a compreensão do conteúdo.

“Em virtude de a produção envolver sempre mais conhecimentos do que a mera percepção, parece provável que, uma vez, que as crianças tenham tido experiências como produtoras, elas serão consumidoras mais exigentes” (GREENFIELD, 1988:144).

A maioria dos alunos criou textos orais a partir de fatos do cotidiano: jogos, roubos e exames biométricos na escola. Os fatos foram narrados com clareza, objetividade, simplicidade, rapidez e concisão, prendendo a atenção do interlocutor.

Os pesquisados se preocupam com a linguagem do rádio quanto entonação uso adequado da voz ao microfone.

Os alunos aprenderam a codificar e a decodificar a linguagem como processo de comunicação. Já os alunos da *Escola "B"* desconhecem o processo comunicativo: frases soltas, informações e referenciais de programas de entretenimento: Gugu, Laços de Família, Malhação e outros. Não sabem decodificar as mensagens das mídias, talvez porque desconheçam sua funcionalidade e linguagem, falta a seus relatos objetividade, clareza, coesão, coerência, consistência argumentativa, frases soltas, sem significação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rádio na escola pode contribuir para a educação desde que a escola saiba utilizá-la de forma interativa e dialógica. É imprescindível que o trabalho radiofônico esteja voltado ao contexto sociocultural sem perder de vista a formação da consciência crítica do aluno emissor/receptor. "A consciência crítica busca ir além das aparências, percebe a realidade como mutável, é investigadora, alimenta-se do diálogo, examina o velho e o novo sem preconceito" (MORAN, 1993).

Os participantes da Radioescola demonstraram habilidades de produção de textos escritos: clareza (unidade temática, argumentos, pontuação, paragrafação, seqüência lógica e clareza de idéias); coerência (sem contradições); discurso direto e indireto; coesão (conjunção, pronomes, preposição, sinônimo, tempos verbais, advérbios, etc.); sintaxe (concordância verbal, nominal e regências); morfologia (vocabulário, divisão silábica correta) e apresentação (legibilidade e disposição gráfica do texto).

Como locutores, demonstraram fluência verbal na leitura e relato ao microfone, dando vida e entonação aos textos e usando adequadamente a voz. A leitura foi realizada com objetividade, clareza, elementos de coesão, coerência, consistência argumentativa, adequação ao interlocutor e à situação (altura, tonalidade, timbre, postura, grau de formalidade).

Os professores, nas respostas ao questionário, consideram que a rádio leva os alunos à produção de programações interativas e de seu interesse, à leitura e

pesquisa além de aprender a debater e questionar os assuntos que são transmitidos pela rádio. O mesmo não aconteceu com os alunos da *Escola B* que desconhecem o trabalho radiofônico.

Tais dados confirmam as hipóteses levantadas de que a produção e a locução dos programas da Radioescola contribuem para que o aluno (produtor/locutor) desenvolva habilidades de produção de textos e fluência verbal.

Percebe-se, então, o grande potencial do rádio dentro e fora da escola. Não é sem razão que o rádio sempre foi alvo de interesse de alguns ditadores. Conhecendo a sua força, os governantes a utilizaram para a disseminação de ideais políticos (Hitler, na Alemanha; Mussolini, na Itália; Perón, na Argentina e Vargas, no Brasil). Eles souberam utilizar com maestria as características e a linguagem radiofônica e os resultados desse uso indevido a história já contou, ou seja, foi desastroso à humanidade.

Por esta razão e para que isto não mais se reprise, a escola precisa trabalhar conscientemente com esse meio de comunicação. Para que isso aconteça, torna-se necessário que a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, mantenedora da Radioescola, crie mecanismos para preparar educadores para atuarem com ela. Dessa forma, haverá multiplicadores desse intento e, certamente, a continuidade do projeto proporcionará uma educação mais crítica e os beneficiados serão os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSUMPÇÃO, Zeneida. Radioescola: uma proposta para o ensino de primeiro grau. São Paulo : Annablume, 1999.
- BAQUERO, R. Vygotski e a aprendizagem escolar. Porto Alegre : Artes Médicas, 1998.
- BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo : Hucitec, 1992.
- BARBOSA, André. Gêneros radiofônicos. São Paulo, 1994. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista.
- BARBOSA, Moacir. Dicionário de rádio e som. João Pessoa : Idéia, 1992.
- BORDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa : Difel, 1989.
- BRASIL. INSTITUTO DE PLANEJAMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. INSTITUTO DE PLANEJAMENTO/CENTRO DE RECURSOS HUMANOS. Rádio educativa no Brasil. Brasília, 1976.
- CÉSAR, Cyro. Rádio: inspiração, transpiração e emoção. São Paulo : Ibrasa, 1996.
- _____. Como falar no rádio: prática de locução AM/FM, dicas e toques. São Paulo : Ibrasa, 1990.
- CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. Trad. Ephraim F. Alves. 4 ed. Rio de Janeiro : Vozes. Vol. 1 (Artes de fazer), 1994.
- _____. Morar, cozinhar, 2 ed. Vol. 2, 1996.
- CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: a linguagem em movimento. São Paulo : Senac, 2000.
- CUNHA, Luiz Antônio. Educação, estado e democracia no Brasil. 3 ed. São Paulo : Cortez, 1999.
- CURITIBA, SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO. Currículo Básico: compromisso para a melhoria da qualidade do ensino da escola pública. Curitiba, 1997/2000.

- CURY, Carlos Roberto Jamil. Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo : Cortez, 1986.
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. Mil platôs: a linguagem seria informativa e comunicativa. Rio de Janeiro : Editora 34 (Nova Fronteira), 1995.
- DUARTE, Newton. Vygotski e o "aprender a aprender": crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigostkiana. Campinas : Autores Associados, 2000.
- ELLIOT, T.S. Notas para uma definição de cultura. São Paulo : Perspectiva, 1988.
- ESPINHEIRA, Ariosto. Rádio e educação. São Paulo : Melhoramentos, 1934.
- FEPLAM - FUNDAÇÃO PADRE LANDELL DE MOURA. Um modelo educativo: sistema de avaliação para rádio educativo. Porto Alegre, 1980.
- FREITAS, M. T. A. O pensamento de Vygotsky e Bakthin no Brasil. Campinas : Papyrus, 1994.
- GARCIA, W. E. Educação: visão teórica e prática pedagógica. São Paulo : McGraw-Hill do Brasil, 1977.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro : LTC, 1989.
- GREENFIELD, Patrícia M. O desenvolvimento do raciocínio na era eletrônica e os efeitos dos computadores e videogames. São Paulo : Summus, 1988.
- GUTIERREZ, Francisco. Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação. São Paulo : Summus, 1978.
- HARRIS, Paul C. Radiojornalismo. Trad. Téc. Laurindo Leal Filho. São Paulo : Summus, 1998.
- HAUSSEN, Dóris F. Rádio e criança: um estudo sobre audiência de programação infantil nas emissoras de Porto Alegre. São Paulo, 1988. Dissertação de Mestrado. ECA/USP.
- HOLZAMER, Carlos. A criança e o rádio. São Paulo : Paulinas, 1956.
- IANNI, Octávio. A era do globalismo. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1999.
- _____. A sociedade global. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1999.
- LEENHARDT, Pierre. A criança e a expressão dramática. 3 ed. Estampa Ltda., 1974.
- LEOBONS, Solange. Delegação, descentralização, diversificação: pontos básicos para otimizar-se a radiodifusão educativa. Rio de Janeiro : ABT, 1984.

- LIBÂNEO, José C. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 6 ed. São Paulo : Loyola, 1990.
- LUCKESI, Carlos C. Filosofia da educação. São Paulo : Cortez, 1990.
- MACLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensão do homem. São Paulo : Cultrix, 1971.
- MATTUCK, Artur. O potencial dialógico da televisão: comunicação e arte na perspectiva do receptor. São Paulo : Annablume, 1995.
- MEDITSCH, Eduardo. A rádio na era da informação. Coimbra : Minerva, 1999.
- MORAIS, Regis. Educação em tempos obscuros. São Paulo : Cortez, 1991.
- MORAN, José M. Leituras dos meios de comunicação. São Paulo : Pancast, 1993.
- MOREIRA, Sônia V. O rádio no Brasil. Rio de Janeiro : Rio Fundo, 1991.
- MIZUKAMI, M.G. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo : EPU, 1986.
- NIDELCOFF, Maria T. Uma escola para o povo. 33 ed. São Paulo : Brasiliense, 1992.
_____. A escola e a compreensão da realidade. 19 ed. São Paulo : Brasiliense, 1991.
- NUNES, Mônica R. O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo : Annablume, 1993.
- ORLANDI, Eni. A linguagem e seu funcionamento. 4 ed. Campinas : Pontes, 1996.
_____. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. São Paulo : Editora da Unicamp, 1997.
- ORTRIWANO, Gisele S. A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo : Summus, 1985.
- ORTIZ, R. Mundialização e cultura. São Paulo : Brasiliense, 2000.
- PACHECO, Elza (Org.) Comunicação-Educação e arte na cultura infanto-juvenil. São Paulo : Loyola, 1991.
- PARADA, Marcelo. Rádio: 24 horas de jornalismo. São Paulo : Panda, 2000.
- PENIN, Sônia. A aula: espaço de conhecimento, lugar de cultura. São Paulo. : Papyrus, 1994.
- PRADO, Emílio. Estrutura da informação radiofônica. São Paulo : Summus, 1989.

RIFFATERRE, Michael. A produção do texto. Trad. Eliane P. Paiva. São Paulo : Martins Fontes, 1989.

RUBIM, Albino (Org.) Produção e recepção dos sentidos mediáticos. Petrópolis : Vozes, 1998.

SAMPAIO, Mário F. História do rádio e da TV no Brasil e no mundo: Memória de um pioneiro. Rio de Janeiro : Achiamé Ltda., 1984.

SANTAELLA, Lúcia. Cultura das mídias. São Paulo : Experimento, 1996.

_____. Produção de linguagem e ideologia. São Paulo : Cortez, 1996.

SAVIANNI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

SCOTT, Sussman. Asi se crean programas de radio. Barcelona : Artyplan S.A, 1995.

SFEZ, Lucien. Crítica da comunicação. São Paulo : Loyola, 1994.

SOUSA, Mauro W. (Org.) Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo : Brasiliense, 1995.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social na era dos meios de comunicação. Rio de Janeiro : Vozes, 1990.

_____. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Rio de Janeiro : Vozes, 1998.

TUCHMANN, Gaye. Le producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona : Gustavo Gilli, 1983.

VANOYE, Francis. Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral escrita. Trad. Clarice M. Sabóia e outros. 11 ed. São Paulo : Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L.S. Pensamento e linguagem. São Paulo : Martins Fontes, 1999.

_____. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo : Ícone, Universidade de São Paulo, 1998.

_____. A formação social da mente. São Paulo : Martins Fontes, 1998.

Artigos:

BACCEGA, Maria A . Comunicação/educação e transdisciplinaridade: os caminhos da linguagem <http://www.moderna.com.br/comunicacao/artigos/art15.htm>.

_____. Tecnologia, escola, professor
<http://www.moderna.br/comunicacao/artigos/art07.htm>.

_____. Comunicação e cultura
<http://www.moderna.com.br/comunicacao/artigos/05.htm>.

BARBERO, Jesus. M. Desafios culturais da comunicação à educação. Revista Comunicação & Educação. São Paulo, USP : Segmento, nº 18, maio/ago.2000.

CITELLI, Adilson. Meios de comunicação e práticas escolares. Revista Comunicação & Educação. São Paulo, USP : Segmento, nº 17, jan.abr/2000.

SAMPAIO, Roosevelt P. O rádio e a escola. Revista da Tecnologia Educacional. ABT. Maio/jun/1980.

Revistas:

CONTATO - Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação. Brasília, ano 2, nº 7, abr/jun/2000.

Revista Comunicação & Educação. São Paulo, USP Segmento, nº 17, jan./abril/2000.

_____. nº 18, maio/agosto/2000.

_____. nº. 19, set./dez/2000.

Revistas de Teleducação. 50 anos de teleducação. Suplemento da Revista de Teleducação. Rio de Janeiro : ABT, 1975.

Revista Electron - impressa pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1926.

Voces y culturas. Modelos de radio: transformacion y continuidad. Revista de Comunicación. Nº. 2 e 3, junio/1991

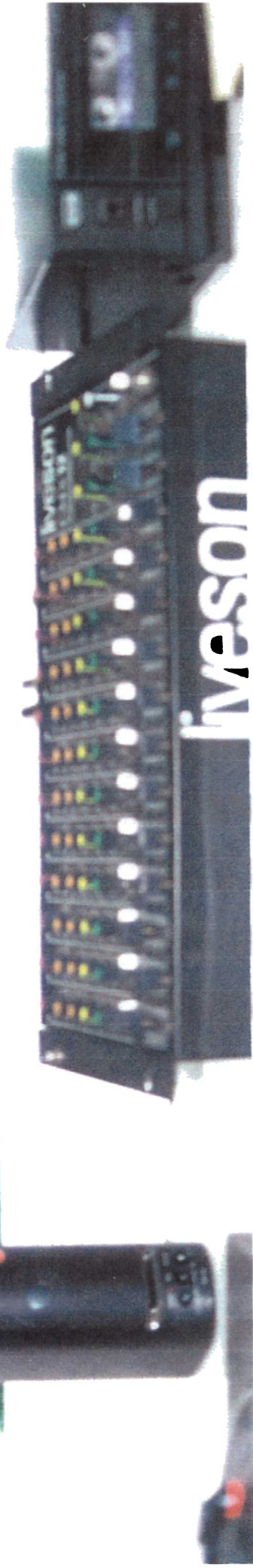
ANEXO 1

FOTOS DA RADIOESCOLA

SCRIPTS DA PROGRAMAÇÃO

PHOTO

1



NO AR









RÁDIO ESCOLA

▲ Rádio Escola surge com o objetivo de criar condições para tornar o aluno um produtor de mensagens, reflexivo e crítico. Ao vencendo essa nova prática, o aluno é levado a produzir oralmente e por escrito, a partir de seus referenciais culturais, sobre temas que envolvam o seu dia-a-dia, preparando-o para uma participação organizada e consciente na sociedade.



Rádio Escola

PROGRAMA: ESPECIAL	DATA: 29 novembro 95	PÁGINA: 01	PRODUTOR: grupo RENASCER
-----------------------	-------------------------	---------------	-----------------------------

DURAÇÃO DO PROGRAMA: 9 minutos	OBSERVAÇÃO: PROFª IVANI E PROFª ANDREA
-----------------------------------	---

TÉCNICA	LOCUÇÃO
FITA 20" LAMPEJO	
LOC Adriana 7" BG	BOA NOITE, AMIGOS QUE NOS OUVEM.
	A PARTIR DE AGORA A RÁDIO ESCOLA DO CEM
	DAVI CARNEIRO ENTRA NO AR.
FITA 8" LAMPEJO	
De Adriana Freitas 5" BG	TRAZENDO UM PROGRAMA CHEIO DE ALEGRIA E
	OTIMISMO PARA VOCÊ.
FITA 10" BG	
CORAL 5" BG	
	QUE ENSINO MANEIRO
FITA 5" LAMPEJO	
LOC Marta 15" BG	OFERECEMOS O PROGRAMA DE HOJE A TODOS AQUI
	PRESENTES. O GRUPO RENASCER MANDA UM ABRAÇO BEM
	CARINHOSO.
fita 10" LAMPEJO	
loc Adriana de Mello.	O FINAL DO ANO ESTÁ AÍ.
13" BG	TEMPO DE RENOVAR A ESPERANÇA NO NOVO ANO QUE CHEGA.
	POR ISSO PREPARAMOS UMA MENSAGEM QUE FALA
	DISSO TUDO PARA VOCÊ.
FITA 25" LAMPEJO	
LOC Adriana Freitas	NATAL É NASCER.
1:10 BG	E O QUE É NASCER?
	NASCER É ACORDAR A CADA DIA,
	SABENDO QUE AQUI ESTÁ O MILAGRE.
	NASCER É PERCEBER A VIDA SEMPRE DE MODO DIFERENTE.
	NASCER É PURO " RE ".
	RENOVAR, REVIVER , RESTITUIR, REFAZER.
	RECOMPOR, REALIZAR, REANIMAR, REASSUMIR,
	REBRILHAR, RECOBRAR, RECOMPENSAR E RECONHECER.
	RECONQUISTAR , RECORDAR, REEDIFICAR E RECUPERAR.
	REFLETIR, REFORMAR, REGULAR, REGOZIJAR e REAVER.
	REVELAR, RELUZIR, REFAZER, REMEMORAR E REMODULAR.

"REDIGIR EM ESPAÇO 2 (DOIS); NÃO CORTAR PALAVRAS DE UMA LINHA PARA OUTRA; TERMINAR A LAUDA SEMPRE EM PONTO FINAL."

DURAÇÃO DO PROGRAMA:

OBSERVAÇÃO:

APOIO PROFª IVAN I E PROFª ANDREA

TÉCNICA	LOCUÇÃO
	REENCONTRAR, REPARAR, REPOR, RESSARCIR E RESOLVER
	RESPEITAR, RETORNAR E REFORMAR.
	REVELAR...
	NASCER É REVELAR. REVELAR É REVIVER.
FITA 15" LAMPEJO	
TODOS 7" BG	GRUPO RENASCER
	ALEGRIA DE VIVER.
FITA 10" LAMPEJO	
LOC Maria 10" BG	O AMOR É UMA RIQUEZA QUE NÃO SE VENDE,
	NEM SE COMPRA. DÁ-SE.
	PAUSE
TODOS 11" sem fita	QUERO VER VOCÊ NÃO CHORAR
	NÃO OLHAR PRÁ TRÁS
	NEM SE ARREPENDER DO QUE FAZ
	QUERO VER VOCÊ RESISTIR
	QUANDO A DOR BATER, SORRIR
	SE VOCÊ PODE SER ASSIM
	TÃO ENORME ASSIM EU VOU CRER
	QUE O NATAL EXISTE
	QUE NINGUÉM É TRISTE
	QUE NO MUNDO EXISTE AMOR
	BOM NATAL. UM FELIZ NATAL
	MUITO AMOR E PAZ PRA VOCÊ
	PRÁ VOCÊ.
FITA 20" LAMPEJO	
LOC Alcebiades - 15" BG	AJUDE O BARCO DO TEU IRMÃO A FAZER A TRAVESSIA
	DA VIDA; PORQUE QUANDO VOCÊ MENOS ESPERAR A
	SUA ESTARÁ FEITA TAMBÉM.
FITA 10" LAMPEJO	
LOC Josefa - 4" BG	E COM VOCES Maria COM
	O POEMA DE FIM DE ANO.

"REDIGIR EM ESPAÇO 2 (DOIS); NÃO CORTAR PALAVRAS DE UMA LINHA PARA OUTRA; TERMINAR LAUDA SEMPRE EM PONTO FINAL."

TÉCNICA	LOCUÇÃO
LOC <i>Mania</i> 60" BG	LÁ BEM NO ALTO DO DÉCIMO-SEGUNDO ANDAR DO ANO MORA UMA LOUCA CHAMADA ESPERANÇA. E QUANDO TODAS AS BUZINAS FONFONAM E QUANDO TODOS OS RECO-RECO MATRACAM QUANDO TUDO BERRA QUANDO TUDO BRIGA QUANDO TUDO APITA. A LOUCA TAPA OS OUVIDOS E ATIRA-SE E - Ó MIRACULOSO VÔO - ACORDA, OUTRA VEZ MENINA , LÁ EMBAIXO, NA CALÇADA, O POVO APROXIMA-SE, AFLITO E O MAIS VELHINHO CURVA-SE E PERGUNTA: COMO É TEU NOME, MENININHA DE OLHOS VERDES? E ELA ENTÃO SORRI A TODOS ELES E LHE DIZ, BEM DEVAGARINHO PARA QUE NÃO ESQUEÇAM NUNCA: O MEU NOME É ES - PE - RAN - ÇA ...
FITA 10" LAMPEJO	
CORAL. 50" PAUSE <i>Patricia 3" -</i>	PESSOAS QUEM SOUBER CANTE CONOSCO. ESSE ANO QUEBRO PAZ NO MEU CORAÇÃO QUEM QUISER TER UM AMIGO QUE ME DÊ A MÃO O TEMPO PASSA E COM ELE CAMINHAMOS TODOS JUNTOS SEM PARAR NOSSOS PASSOS PELO CHÃO VÃO FICAR MARCAS DO QUE SE FOT SONHOS QUE VAMOS TER COMO TODO DIA NASCE NOVO EM CADA AMANHECER
LOC 3" -	<i>Agora vamos pensar na importância da família</i>

"REDIGIR EM ESPAÇO 2 (DOIS); NÃO CORTAR PALAVRAS DE UMA LINHA PARA OUTRA; TERMINAR A LAUDA SEMPRE EM PONTO FINAL."

PROGRAMA:

DATA:

PAGINA:

PRODUTOR:

DURAÇÃO DO PROGRAMA:

OBSERVAÇÃO:

TÉCNICA

LOCUÇÃO

FITA PADRE ZEZINHO

(?)

TODOS

FITA ATÉ O FINAL DA MÚSICA.

602

○ GRUPO RENASCER SE DESPEDE, DESEJAMOS
A TODOS UM FELIZ NATAL UM ANO NOVO
CHEIO DE PAZ.

“REDIGIR EM ESPAÇO 2 (DOIS); NÃO CORTAR PALAVRAS DE UMA LINHA PARA OUTRA; TERMINAR A LAUDA SEMPRE EM PONTO FINAL.”

Dia da Amizade 20 de julho

PROGRAMA: especial	DATA:	PÁGINA: 01	PRODUTOR: 4º C - Profs BERNADETE
DURAÇÃO DO PROGRAMA:		OBSERVAÇÃO: GRUPO ALGODÃO DOCE	
TÉCNICA		LOCUÇÃO	
TRILHA DE ABERTURA RE	10"	LAMPEJO	
loc	10"	PROGRAMA ESPECIAL DA RÁDIO ESCOLA SOBRE A AMIZADE QUE É COMEMORADO NO DIA 20 DE JULHO	
	BG		
VINHETA DA RÁDIO ESCOLA	35"	LAMPEJO	
LOC	4"	PROJETO RÁDIO ESCOLA.	
	BG	PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA	
TRILHA DE ABERTURA SCCA	10"	LAMPEJO	
LOC	5"	NO AR A RÁDIO MAIS GOSTOSA A MINHA, A SUA, A NOSSA RÁDIO SONHO DE CRIANÇA.	
	BG	HOJE COM VOCÊ O GRUPO ALGODÃO DOCE	
VINHETA ALGODÃO DOCE	20"	LAMPEJO	
LOC		BOM DIA, TUDO BEM COM VOCÊ?	
LOC	12"	BOM DIA. VAMOS FALAR HOJE SOBRE ALGO QUE ACHAMOS DE MUITA IMPORTÂNCIA.	
		CONTE PARA NOSSO AMIGO QUE ESTÁ NA ESCUTA.	
LOC		AMIZADE, ESTE É NOSSO PAPO DE HOJE.	
LOC		TODO MUNDO QUER E PRECISA DE AMIGOS.	
		VOCÊ COM CERTEZA NÃO É DIFERENTE.	
LOC		ALGUNS TÊM MAIS DIFICULDADE EM ARRANJAR AMIGOS DO QUE OUTROS.	
	23"		
LOC	BG	SE VOCÊ SOFRE COM ISSO, TOMARA QUE AS DICAS QUE DAREMOS AGORA AJUDE	
LOC		SE NÃO FOR O SEU CASO, USE AS DICAS COMO UM LEMBRETE VAI VALER A PENA, COM CERTEZA.	
LOC		VAMOS LÁ ?	

"REDIGIR EM ESPAÇO 2 (DOIS); NÃO CORTAR PALAVRAS DE UMA LINHA PARA OUTRA; TERMINAR A LAUDA SEMPRE EM PONTO FINAL."

PROGRAMA: ESPECIAL	DATA:	PÁGINA: 02	PRODUTOR: PROFESSORA BERNADETE
DURAÇÃO DO PROGRAMA:		OBSERVAÇÃO:	
TÉCNICA		LOCUÇÃO	
FITA	10" LAMPEJO		
LOC		SER AMIGO É	
LOC		SER UM SUPER AMIGO	
LOC		RISCAR O EGOÍSMO DO DICIONÁRIO	
LOC		SER COMPANHEIRO	
LOC		SER COMO UM IRMÃO	
LOC	BG	SABER OUVIR	
LOC	45 "	SER SIMPÁTICO	
LOC		PREENCHER AQUELE VAZIO	
LOC		ACEITAR O CUTRO COMO ELE É	
LOC		DAR UM ABRACO BEM FORTE	
LOC		SER DE CONFIANÇA	
LOC		ESTAR JUNTO NAS HORAS ALEGRES E TRISTES TAMBÉM.	
LOC		RESPEITAR A LIBERDADE, A OPINIÃO E O JEITO DAS PESSOAS.	
LOC		PERCEBER SE ALGUÉM ESTÁ TRISTE, PRECISANDO CONVERSAR.	
LOC		LIMBRAR QUE AS PESSOAS SÃO MAIS IMPORTANTES QUE AS COISAS;	
LOC		TER SEMPRE UMA PALAVRINHA PARA LEVANTAR O ASTRAL .	
FITA	10" LAMPEJO		
LOC		TER AMIGOS É MELHOR COISA DO MUNDO, NÃO É?	
LOC	12" BG	É ISSO MESMO!	
LOC		AS NOSSAS AMIGAS E	
LOC		PREPARAM UMA MENSAGEM QUE VAI REFORÇAR AS NOSSAS DICAS.	
FITA	20" LAMPEJO		
LOC		SE FOR PRECISO, EU LHE CARREGO NO COLO ,	
LOC		MAS POR FAVOR, NUNCA TENHA MEDO DE CAMINHAR.	
LOC		SE FOR PRECISO, EU LHE MOSTRO ONDE O SOL NASCE.	
LOC		MAS POR FAVOR, NUNCA TENHA MEDO DE VER A LUZ.	
LOC		SE FOR PRECISO, EU CHORO SUAS LÁGRIMAS.	

"REDIGIR EM ESPAÇO 2 (DOIS); NÃO CORTAR PALAVRAS DE UMA LINHA PARA OUTRA; TERMINAR A LAUDA SEMPRE EM PONTO FINAL."

OBS:
Lauda 1

TECNICA

LOCUÇÃO

Música de entrada DISCO FUNK

Locutor 1

Bom dia, amigos. Está entrando no ar a nossa rádio Sonho de criança. Somos da equipe

Vinheta da rádio ILARIÊ - XUXA

Locutor 2

Pensamento do dia retirado do livro Lições Curitibanas.

Fundo musical DISCO ESPAÇOS P/ PAZ

Narrador

Janela aberta
Para quem está alerta
Simboliza liberdade
de buscar felicidade,
mas tudo tem seu preço
abrir a janela
é apenas o começo
é preciso ter coragem
de sair
voar
viver

REDATOR

REPORTER

PRODUTOR

PROGRAMA

2

OBS:

Lauda 2

TÉCNICA

Aumenta o volume da música de fundo

Música de passagem - Sertaneja

Locutor 1

Música de fundo - Sertaneja

LOCUÇÃO

Um mundo que descortina
surpresas em cada esquina
dando sabor ao amanhecer
e, ao entardecer, quando indagar:
valeu a pena viver?
tudo dependerá do jeito de se ver.

Para alegrar o seu viver, vamos
cantar um pouquinho? Ensaíamos a
música Cana-verde para vocês.

Eu plantei caninha-verde,
sete palmos de fundura,
quando foi de madrugada, a
a cana estava madura.

Uai, uai, sete palmos de fundura
quando foi de madrugada, a cana
estava madura.

Eu tenho um chapéu de palha,
de pano não posso ter,
de palha eu mesmo faço,
de pano, não sei fazer.

TEMPO

OCS:

Lauda 3

TECNICA

LÍBRIDA

Uai, uai, de pano , não posso ter,
de palha, eu mesmo faço,
de pano, não sei fazer.
Eu tenho um chapéu de palha
que custou mil e quinhentos,
quando eu ponho na cabeça,
não me falta casamento.
Uai, uai, que custou mil e quinhentos
quando eu ponho na cabeça,
não me falta casamento.
Pra plantar caninha - verde,
não precisa imaginar, de qualquer
folha de mato,
tiro um verso pra cantar.
Uai,uai,nãoprecisa imaginar,
de qualquer folha de mato,
tiro um verso pra cantar.
Uai...

TECNICA

REDATOR

REPÓRTER

PRODUTOR

PROGRAMA

2

OBS.

lauda 4

TÉCNICA

LOCUÇÃO

locutor 1

Para relaxar um pouquinho, vamos ouvir a história Fernandinho Perguntão

locutor 2

Retirado do livro Viajando com o Saber de Mafalda Martins Andrade.

Fundo musical

Narrador

Logo que começa a aula, Fernandinho levanta o braço e pergunta:

Aluno

_ Professora, posso ir tomar água?

Professora

_ Não, não pode. Porque você não tomou água antes da aula?

Narrador

Dez minutos depois, Fernandinho insiste:

Aluno

_ Professora, agora posso beber água?

Professora

_ Não! Fique no seu lugar.

Narrador

Mais dez minutos se passam.

Aluno

_ Professora, é muita sede.

Narrador

A professora tem uma idéia.

RÁDIO SONHO DE

CRÔNICA

REDATOR

REPORTER

PRODUTOR

PROGRAMA

2

ODS.

lauda 5

TÉCNICA

LOCUÇÃO

Professora

_ pois imagine que você está com frio. Com muito frio. Aí, a sede passa.

Narrador

Dez minutos depois, Fernandinho levanta o braço, tremendo:

Aluno

_ Professora; a senhora tem um cobertor?

Ergue volume da música de fundo

Locutor 2

Vamos ouvir a opinião de alguns alunos sobre esta história de sede bem no meio da aula.

Entrevistar alunos - editar

Locutor 1

Pois é, amigo. Nós também estamos com sede e vamos beber uma aguinha Voltaremos em um próximo programa para animar você.

locutor 2

Enquanto isso você escuta esta música escolhida especialmente para alegrar o seu dia.

locutor 1

música

RÁDIO SONHO DE

CRIANÇA

PROGRAMA	DATA	PÁGINA	PRODUTOR
ANIVERSÁRIO ESCOLA	MARÇO 97	01	BERNADETE
DURAÇÃO DO PROGRAMA		OBSERVAÇÃO	
TÉCNICA	EDUCAÇÃO		
FUNK ABERTURA	<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO PROJETO RÁDIO ESCOLA</p>		
VINHETA DA RE	<p>ATÉ PARECE QUE FOI ONTEM QUE TUDO ACONTECEU MIL IDÉIAS NA CABEÇA NOSSA ESCOLA NASCEU NO CMEÇO TÃO PEQUENA PRECISAVA VER DEPOIS COMEÇOU A CRESCER E RESOLVEU APARECER FOI FICANDO MAIS BONITA CRESCENDO E SE MODIFICANDO FICANDO MAIS COLORIDA FOI CHEGANDO E SE ENTURMANDO GELOBELA VISTA DO PARAÍSO É UM SONHO BOM QUE GANHOU VIDA REAL HÁ MUITOS ANOS NOS ENSINANDO ISTO É MUITO LEGAL .</p>		
SEREIA FAFÁ	<p>A PEQUENA ESCOLA DO OLARIA FOI INAUGURADA NO DIA 29 DE MARÇO DE 1978 , PELO ENTÃO PREFEITO SAUL RAIZ E TINHA APENAS 3 SALAS DE AULA.</p>		
	<p>{ NESTES ANOS RODOS FORAM MUITOS OS PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS QUE POR AQUI PASSARÂM. MAS HÁ PESSOAS QUE ESTÃO CONÔSCO DESDE AQUELE TEMPO.</p>		

PROGRAMA	DATA	PÁGINA	PRODUTOR
ANIVERSÁRIO ESCOLA	MARÇO 97	02	BERNADETE
DURAÇÃO DO PROGRAMA	OBSERVAÇÃO		
TÉCNICA	EDUCAÇÃO		
EFEITO SONORO	<p>A ESTAS PESSOAS QUE ESTÃO RECEBENDO OS FILHOS DOS SEUS EX -ALUNOS, PRESTAMOS A NOSSA HOMENAGEM A PROFESSORA NILCE MIRIAM GALLEGO SANTOS PROFESSORA DIRCE IVAMA PROFESSORA ELIANA CISS E A SENHORA BEATRIZ MARINA DE BRITTO</p> <p>OS ANOS PASSARAM E A PEQUENA ESCOLA FOI CRESCENDO. EM 17 DE ABRIL DE 1992 começou A FUNCIONAR COMO ESCOLA INTEGRAL E NO DIA 19 DE AGOSTO FOI INAUGURADO PELO PREFEITO JAIME LERNER O CENTRO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL. HOJE NOSSA ESCOLA POSSUI MAIS DE 700 ALUNOS NO DIURNO E A DUAS TURMAS NO NOTURNO FREQUENTANDO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, ALEM DA EDUCAÇÃO PERMANENTE TEMOS MAIS DE 70 PROFESSORES, 18 FUNCIONÁRIOS E 6 SERVENTES. GARANTINDO O FUNCIONAMENTO DO CEI BELA VISTA DO PARAÍSO.</p>		
EFEITO SONORO	<p>NESTES ANOS TODOS TIVEMOS COMO DIRETORAS, AS PROFESSORAS IARA JORGE DE MELLO , DE 78 A 86; A PROFESSORA MARIA DE CASSIA LIMA RIBEIRO, DE 87 A 91 e DE 92 até ESTE ANO, A PROFESSORA ANGELA DENISE CARDOSO</p>		
EFEITO SONORO	<p>O C O SEMPRE FOI PRIVILEGIADA COM INOVAÇÕES. É A ÚNICA A POSSUIR UM ESTÚDIO DE RÁDIO COM LINHA PERMANENTE DE SOM. A RÁDIO ESCOLA ATENDE ALUNOS DESTA CEI, DE CURITIBA, INTERIOR DO ESTADO E ATÉ DE OUTROS ESTADOS COMO RECURSO PEDAGÓGICO DE ÓTIMOS RESULTADOS.</p>		

PROGRAMA	DATA	PÁGINA	PRODUTOR
ANIVERSÁRIO ESCOLA	MARÇO 97	03	BERNADETE
DURAÇÃO DO PROGRAMA	OBSERVAÇÃO		
TÉCNICA	EDUCAÇÃO		
EFEITO SONORO	<p>NO DIA 19 DE MAIO DE 95, O PREFEITO RAFAEL GRACA INAUGURA NO PÁTIO DO CEI BELA VIS O FAROL DO SABER GILBERTO FREYRE. NESTE DIA ALÉM DAS AUTORIDADES PRESENTES, CONTAMOS COM A PRESENÇA DA ESPOSA E DO FILHO DE GILBERTO FREYRE , QUE VIERAM DE PERNAMBUCO PARA A INAUGURAÇÃO . REGISTRAMOS TAMBÉM A PRESENÇA DO ATOR MARCON NANINI E DE FABIO DE SOUZA, O TÍBIO DO CASTELO RA-TIM - BUM. A RÁDIO ESCOLA FEZ A COBERTURA DO EVENTO E DESTACA UM TRECHO DE UMA DAS ENTREVISTAS FEITAS NESTE DIA.</p>		
ENTREVISTA DA ESPOSA DE GILBERTO FREYRE			
MÚSICA	<p>É ISTO , MINHA GENTE . NOSSA ESCOLA JÁ TEM HISTÓRIA. MUITA HISTÓRIA. O QUE CONTAMOS AQUI É SÓ UM PEDACINHO , PARA QUE VOCÊ VALORIZE O QUE É SEU e preserve O QUE FOI CONSEGUIDO ATRAVÉS DO TEMPO.</p>		

N →
→

ANEXO 2

INAUGURAÇÃO DA RADIOESCOLA – MATÉRIA DO JORNAL

Uma nova proposta de ensino

Joseane Martins

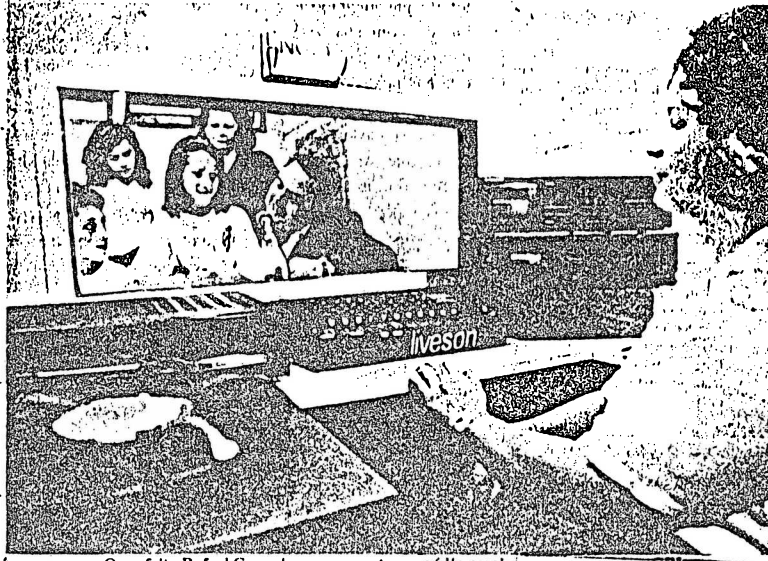
Não há como negar que os meios de comunicação, bem ou mal, têm poder de influência na vida das pessoas, inclusive das crianças. Por isso, usá-los como instrumento educativo é sempre um ponto positivo para a sociedade. Um exemplo, que já está funcionando de forma eficaz é a rádio-escola, uma proposta que já está implantada na Rede Municipal de Ensino de Curitiba.

A rádio-escola, tem por objetivo levar o aluno a compreender a sua própria realidade, proporcionando-lhe a formação do senso crítico, através de sua participação ativa e permanente como produtor, emissor e receptor de noticiários e programas radiofônicos. Esta proposta é uma tese de Mestrado, estudada tanto na sua teoria quanto na prática, através de pesquisas e entrevistas, desde 1991, em São Paulo pela jornalista e mestra em comunicação Zeneida Alves de Assunção. "Conforme estudos na área de Mestrado tive a idéia de apresentar em março de 1993, à Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, um projeto intitula-

do: "Rádio-Escola: Proposta para a Rede Municipal de Ensino de Primeiro Grau de Curitiba", disse.

O projeto foi aceito e já está sendo implantado pela Secretaria da Educação de Curitiba em algumas escolas, trazendo benefícios tanto nos aspectos culturais quanto educacionais. "A finalidade desta tese é oportunizar à criança e à escola o trabalho com seu próprio meio social, comunidade, bairro, enfim, a vivência por meio de sua própria produção radiofônica", observou.

A proposta da rádio-escola está direcionada aos alunos que frequentam o ensino fundamental, entre 8 a 12 anos de idade (faixa etária para a qual não existem programações radiofônicas educativas). A rádio-escola por meio de um sistema de linhas telefônicas privativas, denominadas linhas de som permanente, poderá ser instalada em qualquer unidade escolar. Para isso, o usuário deverá solicitar os serviços técnicos da Companhia de Telecomunicações do seu Estado. Implantadas as linhas, a emissão por circuito interno de comunicação será distribuída de uma única estação geradora ou estúdio para as demais receptoras instala-



O prefeito Rafael Greca inaugurou ontem a rádio-escola.

das nas dependências escolares, simultaneamente.

Através da rádio-escola, a criança poderá desenvolver com maior rapidez determinadas habilidades não manifestadas no seu dia-a-dia: fluência na leitura de pequenos textos ao microfone, interpretação, produção de textos, espírito de equipe e companheirismo, pesquisa de temas, entre outras.

Programação

A programação da Rádio-Escola vai ao ar nos períodos da manhã e à tarde, nos 15 minutos que antecedem o horário de recreio dos CEIs. Não há improvisações e cada programa é preparado com cuidado, sob a orientação de professores especialmente treinados para atuar no projeto. Mas são os alunos que planejam, pesquisam, estabelecem as pautas e elaboram os roteiros. Preocupados com o desempenho, treinam a locução antes de entrar no ar.

A programação experimental é constituída de quadros. As próprias crianças criam os nomes e também as jingles que anunciam esses quadros. Curiosidades, pesquisadas em almanaques e livros, são apresentadas no "Você Sabia?"; literatura infanto-juvenil é o assunto do quadro "Cantos e Contos"; temas polêmicos, como Aids e drogas, são tratados no "Questão de Opinião". Há lugar para dramatizações de histórias na hora da "Rádio Teatro".

A programação tem ainda os "Classificados Poéticos", com criações das próprias crianças; "Notas e Notícias", extratidas de jornais, com texto adaptado para rádio; "Entrevistas"; "Programa Musical", com sucessos do momento, solicitados pelos ouvintes das escolas e outros.

Durante o recreio, os produtores fazem pesquisa com os colegas, professoras e funcionários da escola para avaliar os resultados e ouvir sugestões. Depois, analisam a receptividade de cada programa, com a intenção de melhorar cada vez mais a qualidade do que é oferecido aos ouvintes.



Com a ajuda deste novo equipamento, as crianças da rede escolar do município, serão os grandes beneficiados.

rio Brand

Juarez Távora depõe sobre a Coluna Prestes (10)

se pas governistas, commandadas pelo major do Exército Bertholdo Klinger. Repellido o ataque revolucionário, à ponte da Capella, mas não logrando comunicação com a sua retaguarda, interceptada, havia 24 horas, pelo destacamento Djalma Dutra, tentou o major Klinger, em duas ou três investidas, romper, pelo norte, o cerco que o constringia. Foi, porém, repellido pelas forças de Siqueira Campos, que o con-

de de munição.

"Embora estivesse inteiramente sitiado, desde o meio dia de 19, o major Klinger occupava, com as suas tropas, uma excellente posição defensiva, entre os valles do rio Sucuriú e de seu affluente Dois-Córregos.

"Uma victória da revolução em tal conjuntura, custar-the-ia taes sacrificios de homens e

pea violência...

"Por isso, tendo-se-lhe reunio, ao anoitecer de 20, o destacamento Dutra, que machava pela estrada de autonóveis, desde Paraiso, a Divisão revolucionária levantouquelle cerco, na madrugada de 21, proseguindo a sua marcha, rumo á fronteira goiana.

"Estava assim, terminada a

os da guerra de movimentos, adotada pela Coluna: o de evitar encontros decisivos com as forças officiais. Como affirmo a nosso tenente, "(...) não estava nos intuitos da campanha o esmagamento das forças governistas, pela violência... "Nota-se já a preeminência, no comando da divisão revolucionária, do pensamento de Prestes, em contraste com a orientação de Miguel Costa. Advogava este em favor das grandes bata-

No trecho acima, reapare o então major Bertholdo Klinger como o mais ativo a versário dos revoltosos. Meircerá Klinger, de Juarez Távora e de outros depoentes, como próprio Luis Carlos Prestes (recente livro de Anita Prestes palavras de admiração, p profissionalismo com que combateu em Mato Grosso depois Goiás. Bertholdo Klinger deixou, aliás, a

Rádio Escola, novidade ao estudante

Todas as quartas-feiras, os alunos dos centros de Educação Integral, Júlio Moreira, David Carneiro e Bela Vista do Paraíso, têm um recreio diferente. As 9h20 e às 15 horas vai ao ar o programa da Rádio Escola, produzido pelos próprios alunos, com duração de 10 minutos. Iniciando de forma experimental no segundo semestre de 1994, o projeto deve ser expandido, neste ano, para outras 22 escolas da rede municipal.

“Queremos usar a rádio como uma forma de desenvolver a linguagem oral e a criatividade de nossos alunos”, diz o prefeito Rafael Greca.

Os programas que vão ao ar abordam temas educativos e assuntos que dizem respeito ao cotidiano das escolas. Todo o conteúdo é discutido entre os participantes, que redigem o texto, fazem as entrevistas e pesquisas necessárias, e apresentam o produto final.

Os ouvintes também são envolvidos, pois podem enviar sugestões e participar dos concursos lançados. Além disso, todos os ouvintes são também produtores, em um determinado momento. “Procuramos envolver todos os alunos e a comunidade”, afirma a secretária municipal da Educação, Liette da Rocha Blume. Até agora, dois mil alunos participam do projeto.

AUTONOMIA

Cada escola tem autonomia no desenvolvimento do projeto. No CEI Júlio Moreira, por exemplo, os alunos trabalham com o rádio duas vezes por semana, nas aulas do Centro de Interesse. Já no CEI David Carneiro, é apenas uma hora sema-

NO AR



Projeto Rádio Escola: desenvolvendo a criatividade do estudante.

nal, sob coordenação do professor regente.

É no CEI Bela Vista do Paraíso, no entanto, que se concentra a maior parte das atividades, pois é lá que está montado o estúdio de gravação e transmissão.

As outras duas escolas possuem uma maleta para transmissão e recepção de sinais, via linhas telefônicas. Gravadores portáteis, caixas acústicas, microfone e amplificador completam o equipamento utilizado.

Além de produzirem os programas e vinhetas, os alunos também são guiados em visitas a um estúdio de rádio profissional e ao estúdio instalado no CEI Bela Vista do Paraíso. A idéia é mostrar o cotidiano de uma estação de rádio, para que o trabalho desenvolvido em sala seja enriquecido.

DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

O Projeto Rádio-Escola faz parte da estratégia da Secretaria Municipal da Educação no desenvolvimento integral dos alunos. “O professor ganha um instrumento a mais para reforçar a criatividade, a espontaneidade, a autoconfiança, o espírito crítico e o nível de argumentação dos alunos. Além disso, o projeto ainda favorece o trabalho em grupos”, explica Rafael.

Até agora, os resultados obtidos confirmam as expectativas. “Os alunos estão mais organizados, em todos os sentidos. Eles estão adotando uma postura mais séria para realizar as diversas tarefas escolares e desenvolveram uma sistemática de trabalho que poderão utilizar durante toda a vida”, avalia Liette.

ANEXO 3

PRODUÇÃO DOS ALUNOS (REDAÇÃO) – ESCOLA A E B

PESQUISA: A RÁDIO NO ESPAÇO ESCOLAR: ESTUDO DE CASO

**OBJETO: PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITO E ORAL
DA LÍNGUA (PELOS ALUNOS)**

IDENTIFICAÇÃO DO PESQUISADO:

ALUNO:-----

ESCOLA:-----

IDADE:----- SÉRIE:-----

TURMA:----- TURNO:-----

PROFESSORA:-----

DATA DA REALIZAÇÃO DA PESQUISA:

- PRODUÇÃO DE TEXTO ESCRITO DA LÍNGUA:-----

- PRODUÇÃO DE TEXTO ORAL DA LÍNGUA:-----

- DIRECIONAMENTO DO TRABALHO :-----

A series of horizontal dashed lines, spaced evenly down the page, intended for writing or drawing.

A series of horizontal dashed lines for writing.

PESQUISA: A RÁDIO NO ESPAÇO ESCOLAR: ESTUDO DE CASO

**OBJETO: PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITO E ORAL
DA LÍNGUA (PELOS ALUNOS)**

IDENTIFICAÇÃO DO PESQUISADO:

ALUNO: _____

ESCOLA: B _____

IDADE: _____ SÉRIE: 4º _____

TURMA: _____ TURNO: _____

PROFESSORA: _____

DATA DA REALIZAÇÃO DA PESQUISA:

- PRODUÇÃO DE TEXTO ESCRITO DA LÍNGUA: 20/10/00

- PRODUÇÃO DE TEXTO ORAL DA LÍNGUA: 21/10/00

- DIRECIONAMENTO DO TRABALHO: _____

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

Não use drogas

Não use drogas vocês sabem que as drogas aparecem quando alguém já está drogado e aparece para você e você aceita.

Quando alguém está drogado ele sente uma escuridão no cérebro ele pensa que é mais que o control mas depois se sente mais.

Quando uma pessoa oferecer drogas para você fale assim muito obrigado, não aceite as drogas e fale também manda esta pessoa parar de fazer isto que vai fazer mal para sua saúde e pode morrer.

Na minha família ninguém usa drogas só agora meu pai fumava Maé meu tio e a minha tia que fumava cigarro.

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

Drogas nem pensar

Sabia que tudo que faz mal, para
o organismo é DROGAS!
Mas quais são as drogas de droga?
Cachaça, mocotó, crack, coca, cigarro e álcool.
nunca devia beber, e por que?
Por que não são mais us que faz quando
está vivo.

O cigarro dita, e seu pulmão como
um esponja alho.
Seu pulmão foi feito para respirar
ar puro, não para fumar a sua
limonda, cheia de toxinas.

DROGAS NEM MORTO

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

DRUGAS NEM MORTO

Drugas num morte por que é muito
perigoso e muito forte não quer se
fumar porque é ruim para mim
se fosse gostoso todo mundo gostava
especialmente eu e você especialmente você
você a morte e o esquecimento você fala
para o seu médico a sua última palavra
para o seu pai ou sua mãe para
os meus amigos que um homem elegante
fala com você que você não é homem
Eu vou usar a droga eu e se você
duvida de mim eu vou mais que
você se você mandar eu vou aceitar
a sua troca se acabar eu vou a
mundo coisas para você se eu quiser
passe reular dinheiro e coisa e
meio e muitas coisas que você ma-
notar.

ATENÇÃO!

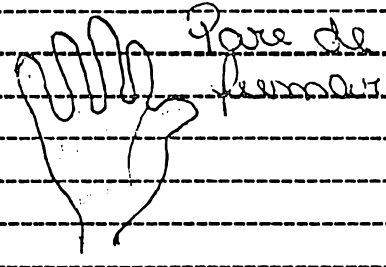
- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

Briga sai fora

Quando alguém falar para você:
 - Não experimentar? Você tem que sair fo-
 ra. O meu irmão quando tinha 13 anos
 ele ia pescar com uns meninos, mas o
 meu pai proibiu que ele brincasse com eles,
 mas um dia ele saiu escondido e ele
 experimentou briga, ele era muito brincalhão,
 ele estava na rua e ele começou a cor-
 tado os seus amigos ficaram rindo pen-
 sando que era mentira só que um ho-
 mem foi lá e viu ele engolindo a língua
 e os olhos entrando para dentro ele levou
 ele para o médico e ele ficou bem.
 Mas o meu pai bateu nele e ele nunca
 mais fez isto. Por isto não fume não
 beba fique com sua memória limpa
 não vá nas conversas dos outros
 fale para ele briga, to fora tente dizer
 para eles que isto é prejudicial a saúde.
 Não beba não fume não vá se arrepender

disto diga abraça num morto faça isto
para ele.



ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

Como Evitar drogas

Para evitar drogas precisamos dizer não, e não dizer que sim, porque se não quisermos usar drogas vai persistir até o fim.

Para isso temos que sair de perto o plano em frente, temos que sair de perto porque se não não dar a chance a droga. Se não usarmos drogas não vai ter muita dor de cabeça, dor no estômago e tuas mais etc.

74

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

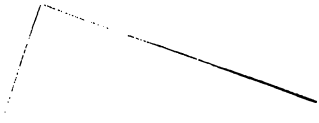
BOA SORTE!

Os Drogas.

Os drogas não muito ruim por que você pode sentir, se você não para de fumar uma foto e se alguém amigo seu oferecer bebida e se você aceitar e tomar pode ficar bêbado.

Se você tiver um amigo que fuma não via mas deles você pode ficar drogado isso pode acabar te deixando longe você pode roubar, matar e ir para a prisão isso é muito ruim tipos de droga maconha, crack, cocaína, cigarro etc. drogas é muito ruim e tem gente que diz que é bom existe bebida que tem droga no meio as pessoas que estão doente vão comprar e fumar e acaba ficando pior e acaba morrendo de tanto fumar beber, churrasco maconha não sei como essas coisas aguenta, leito de daquelas que os outros oferecem essas coisas fumar faz muito mal para os pulmões ele vai empertando

espele merrera



2

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

A cocaína

Um dia eu estava indo fazer lida e encontrei meus amigos. Eles estavam fumando, bebendo, cheirando drogas etc. Eles me perceberam eu não quis (eles) tentaram insinuar. Falaram que eu lia revista e não sabia o que falava. Eu peguei e dei um para

No outro dia eu encontrei o meu primo dormindo na rua. Eu tentei ajudar mas ele recusou e começou a me bater me deixou esticado no chão. Parece engraçado mas só eu sei o que (parece) com dor nas pernas, nos braços, na barriga etc. Quando cheguei em casa tentei descer mas minha mãe desceu e lá me perguntar: - O que aconteceu meu filho? Está estranho eu respondi:

- Foi o Rodrigo. Eu estava indo para a escola e encontrei ele na rua dormindo. Eu tentei ajudar mas ele me bateu.

Minha mãe ficou nervosa e me levou

direto no Médico chegando lá o médico
me examinou e disse que era uma lesão
no baco esquerdo e eu tinha que fazer
raio-X da qui e alguns dias
quando cheguei o dia 12/12/98 eu fui ao
raio-X

chegando lá eu fiz o resultado chegou e
eu tinha quebrado o baco e fui inferir
minha mãe ficou feliz e me deu um
VCD GAME para eu jogar e uma televisão
daquele dia eu e meus irmãos meu pai
e minha mãe tivemos felizes para sempre

AM

DIA 12 AS 12:00

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

Pis Escalmo

Pis Escalmo é um tipo de dança que se realiza em grupos, geralmente em festas populares, como o Carnaval e o São João. É uma dança muito antiga, que vem de tempos atrás. É feita com passos simples e fáceis de aprender. É muito divertida e todos gostam de dançar. É uma dança que se faz em pares e que é muito comum em festas populares. É uma dança que se faz em grupos e que é muito divertida. É uma dança que se faz em grupos e que é muito divertida. É uma dança que se faz em grupos e que é muito divertida.

Em uma festa popular, há muitos grupos de dança.

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

Depois, meu mento

O meu pai fuma e bebe cerveja ele
bebe vinho etc.
A minha mãe bebe no copo de vinho
e minha avó é viciada na cigarra e no álcool.
A metade da minha família bebe e fuma
cigarra.
O meu tio começou a beber com 14 anos e
agora ele tem 18 anos e já é viciado
nas bebidas. meu pai já bebe e fuma
e não aceita não pode parar.
A pessoa que começa experimentar algo
novel de que quando vai se acastar
muito e não odeia drogas drogas e
acho legal usar.

LEIA COM ATENÇÃO!

- Coloque título na sua produção escrita de texto;
- Utilize as folhas números 2 e 3 deste caderno para rascunho;
- Escreva o seu nome e o nome da sua escola no final de cada página deste caderno.

Dragões

Se dragões fossem bem-pessoal talvez
 a classe toda queira saber como são
 como não é bom saber se possuem que
 não possuem quem sabe talvez com alguns
 cigarros, álcool, etc.

Muitas pessoas acham que dragões são
 orgulhosos, mas não são mas de qualquer
 modo não se pode dizer que são os
 melhores.

Em um dia, alguém apareceu dizendo
 dragões não podem falar, mas alguns
 não acreditam e dizem que alguns
 falam e alguns não.

Quando não se sabe se são reais e
 acreditamos alguns dizem que não
 são reais, mas alguns dizem que são
 reais e dizem que são reais e alguns
 a dragão na cabeça, todos que se sentem
 mal mas depois viram a vida e algumas
 etc. pois não são reais, mas alguns
 ainda acreditam e não sabem se são
 reais ou não, mas não se sabe se são
 reais ou não, mas não se sabe se são
 reais ou não, mas não se sabe se são

seus amigos a não usar drogas.

Também é uma coisa por exemplo: se eu ou ela não fumam maconha ou seus irmãos ficam perto deles é a mesma coisa que não estiverem fumando.

Por causa do álcool o que está acontecendo é acidente mortal.

De novo está sendo TV e aparece o comercial de cigarros aparece homens com cachos, mulheres loiras, mas se não tiver o cacho, o homem com cachos e as mulheres é claro que daí quem ninguém irá fumar, por isso diga para seus pais, amigos quem seja para imaginarem como ficaria a cidade sem os cachos, homens com cachos e mulheres a quem você quer eles iriam dizer em? O que eles iriam responder? Então pergunte isso a eles e pergunte também o que faz que eles fumem.

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

Regas num morto.

A minha mãe não fica sem cigarro e um tempo atrás a minha mãe ficou mal e ela não podia mexer os dedos deu falta de ar nela e eu pensei que a minha mãe ia morrer.

E depois da queda da minha mãe tinha parados de fumar e me deu uma tristeza quando eu vi ela fumando de novo eu tentei dizer pra ela ela não ia vir mais tempo.

E as vezes ela diz pra mim comprar cigarro e eu não vou porque não vou enfiar da corda e fica perto de chaminé e daí ela vai fumar com fumada e daí ~~(ela não precisa fumar cigarro)~~ e agora eu conheço um monte de pessoas que fumam cigarro e bebe cerveja etc...

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

Os dragões morder

O meu tia fuma cigarros e a minha
tia também.

O meu tia e compra de sacola de
cigarros.

O meu tia e pega cigarros de minha tia
para fazer maconha.

Quando ele tem cigarros de vender
vende que ele compra maconha.

O minha tia fuma todos os
dias.

Tem uma grua que aprendeu a fumar
drugs com os maconheiros e tiram
ela também a fuma e a fuma com ela

maconha e prima de trabalho
Um maconheiro da parte dos cigarros
morder a mulher.

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

Os Drogas

Esses dias eu li um livro que fala sobre drogas que um rapaz entrou nas drogas:

Ele se chamava Igor, ele era dependente de droga porque um amigo ofereceu, ele não quis, mas ele ~~precisava de dinheiro~~ precisava que não era macho não era homem, e (nessa época) ele aceitou e ~~mas depois~~ ele não quis parar de usar droga.

Os pais dele tinham muito dinheiro e ele pedia muito dinheiro os pais dele chucava muito assustado e desconfiado, cada vez que ele chucava ele ficava mais revoltado e tudo e ele ligou para um número e contou tudo a história e a mulher ajudou ele muito que ele saiu das drogas e esqueceu de contar antes que ele estava nas drogas ele acabou

Uma joia da sua tia

PESQUISA: A RÁDIO NO ESPAÇO ESCOLAR: ESTUDO DE CASO

OBJETO: *PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITO E ORAL
DA LÍNGUA (PELOS ALUNOS)*

IDENTIFICAÇÃO DO PESQUISADO:

ALUNO: -----

ESCOLA: A -----

IDADE: -----

SÉRIE: 4^o -----

TURMA: -----

TURNO: -----

PROFESSORA: -----

DATA DA REALIZAÇÃO DA PESQUISA:

- PRODUÇÃO DE TEXTO ESCRITO DA LÍNGUA: 19/10/00

- PRODUÇÃO DE TEXTO ORAL DA LÍNGUA: 20/10/00

- DIRECIONAMENTO DO TRABALHO : -----

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

O futuro do mundo

O futuro do mundo vai ser muito diferente do que é - hoje. Hoje há muito do tema violência e há sempre pessoas e pessoas, mortes feitas pelos homens. A esperança para os países é a riqueza para os países. Vivemos num mundo sem amor e piedade, mas não pense que o futuro vai ser assim, ninguém quer um futuro assim. Todos querem um futuro melhor.

No futuro, haverá muitas coisas que eu tenho certeza que vai acontecer como a tecnologia, o desenvolvimento, a vida, a saúde, a educação das pessoas, economia, um mundo digital, automático e principalmente o lucro com o dinheiro.

No futuro, haverá vários lugares para a natureza e o bem-estar das pessoas e principalmente dos animais, que alguns (dam) saúde e alimento para as pessoas.

No amanhã, não existe coisa que eu te-

nhos medos que todos os países do mundo
fiarem como um país de Terceiro Mundo
isso é um exemplo Brasil que cobra um
uma grande crise econômica. Se as pes-
soas pensarem e refletirem mais um pouco
verão que podem mudar a história
do mundo. Não queremos um mundo com
violência e destruição entre dois países,
chega de guerra e morte.

Queremos no nosso planeta mais edu-
cação, respeito e principalmente amor entre
duas pessoas.

O futuro das pessoas que elas mei-
mas querem e de se estabelecerem me-
lhor em suas casas ou em outros lu-
gares sem conflitos e conflitos.

O melhor futuro é o de nós mesmos, o
filho está diante de nossos olhos, na pa-
lma da mãe, basta abrir os olhos e en-
chegarem bem que mundo temos e que
mundo queremos. Tudo isso depende de
pessoas unidas, depende de todos nós.

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!O mundo do futuro

O mundo de hoje é um mundo vulgar cheio de mortes, guerras, violências, pobreza e ninguém está mais aguentando tudo isso.

A política no mundo é formada por políticos, prefeituras lotada de corruptos; só para fazer umas 30 times de futebol e tudo pra lá, desvio de dinheiro público ~~para lá~~ pra lá e saltem de quem é todo esse dinheiro? É isso. Com tudo isso vai ficar cada vez mais difícil de imaginar um mundo cheio de paz, trabalho, alegria, riquezas, educação e tecnologia.

Bem, que o mundo poderia ser assim.

Com esportes especiais de última geração, saúde regenerada que não percam e funcionem com

Dico, mas respeito, entre a popula-
ção para com isso fica mais
fácil de decidir as coisas, já imi-
gração Extraterrestres que constroem maqui-
nas do futuro para relembrar os
os velhos tempos.
já pensou se fosse algum que
mágico!

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

O futuro do nosso mundo

O futuro do Planeta fica pior a cada dia.

Em Israel há muita guerra e aqui no Brasil a poluição (suja) cresce a cada dia.

O mundo de hoje está ruim. Imagine no futuro.

Será que no futuro cada pessoa vai ter de ondas com uma máscara de oxigênio porque há muita poluição?

Nos Estados Unidos, no norte da América os cientistas tentam descobrir várias maneiras de combater a poluição, mas (também) também Aids, Câncer e a Ebola uma das mais terríveis doenças.

Mas, no futuro espero que seja melhor do que agora. Espero que descubram o remédio para essas doenças (guerra que não haja guerra e também um planeta) que as pessoas possam viver em outros planetas.

mas não sabem
mas quero que sejam muito felizes

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!O futuro do mundo

O futuro está nas nossas mãos e nas mãos de todos os mundo. Os sonhos que estudam hoje pode-se ser um médico um policial até mesmo um presidente. Os sonhos são o futuro de nosso país assim são as pessoas.

No Brasil já tem gente pensando no futuro. Nós fizemos uma entrevista com uma menina de 5 anos e perguntamos se que ela queria ser quando ela crescer e por que. Ela respondeu que queria ser cirurgiana em algum estado para acabar um pouco com a fome e a violência também. Perguntamos a uma menina de 6 anos a mesma pergunta e ela

responder que quora son
medica para tener dientes.
Esimdaskoimio que fa term
porante suencia pmsion de no
fitero

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

O mundo do futuro

O mundo do futuro vai ter tecnologia, desenvolvimento.

No mundo do futuro as pessoas não vão ter direito de palavra, responsabilidade, respeito, largar a esportar.

No mundo do futuro as pessoas não vão ter em países, dinheiro, filhos, carros, computadores. Os governantes não vão ter autoridade de economia. Sua administração tem o mundo.

O mundo do futuro não vai ter morte, não vai ter doença, muita paz, muita alegria, muita diversidade, muita felicidade e as pessoas não vão ser muito felizes por seu trabalho e por seus bens. O mundo do futuro vai ser ótimo e no mundo do futuro não vai ter mais poluição, muito mais porque não vai ter tecnologia.

A educação do futuro vai ser ótima. Não vai ter ninguém com suas habilidades de aprender. Trabalho é mais importante no mundo do futuro.

Ho não vai ter chissá e nem bone. O mundo do
futuro vai ser bom para todo mundo.

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

O futuro

Eu acho que o futuro vai ser muito legal com muita tecnologia. A gente vai ter coisas que não tem? Será que vai ter computadores? Será que a internet vai continuar crescendo de forma rápida? Será que a educação vai mudar? Será que a gente vai ter mais empregos? Será que a gente vai ter mais saúde? Será que a gente vai ter mais paz? Será que a gente vai ter mais amor? Será que a gente vai ter mais felicidade? Será que a gente vai ter mais vida? Será que a gente vai ter mais tudo?

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!Futuro e o mundo

No futuro o mundo tem bastante
 palavras. Então eu posso colocar
 umas palavras para mim fazer o
 texto.

No futuro tem a palavra liberdade
 ARTE, RESPEITO. Liberdade significa
 uma música para mim e a palavra
 e a palavra arte os penhas ficam
 um monte de casas que eu sei da
 para pintar a mão de tintas que os
 pedregulhos usam para ser colorido e daí
 pega o caco em duas mãos na parede
 e daí tira a palavra respeito que
 eu não tem que ter respeito com
 os professores com os inspetores
 porque (e) eles que atendem os (sim)
 que ter respeito com as crianças =
 não bater nas crianças, tem que ter
 respeito com todos nós e todo mundo.

Na palavra mundo tem morte, país,
liger (trabalha), água, terra, pedras, amizade
animais,
plantas, guerra, briga, paz, fome, e
a palavra morte é muito ruim mas
mãe adianta falar também que é muito
ruim porque agente também sempre
ter uma morte que é muito ruim vi
mas que não tem pensar para palavra
morte porque é muito ruim estar essa
palavra morte. a palavra país é um
mundo que existe que tem um monte de
casas, plantas e foi criado que ajudou
porque se não fosse deus não
existiria e a palavra trabalho é uma
uma, boa coisa porque agente trabalha
e as crianças caem e não trabalha
agente não gosta diabeira e também
quando agente tiver um nomeado e
quizer tomar um servete na banheira
não vai dar porque agente não
trabalhou e não gostou diabeira e
palavra água é muito boa também
porque se não existisse água não
dava para fazer coisas, nem suco
nem bebida água e se não fosse terra
não dava para plantar nem uma
planta e nem grama não dava para
colocar na terra e a palavra pedra
é na rocha e etc a palavra amizade
é a palavra agente para fazer um
monte de amizades com as crianças
animais eles tem que ter uma boa
saída também como nas plantas da
para plantar na terra guerra é
igual briga. briga eles brigam
muito mas sei pro que brigas

LEIA COM ATENÇÃO!

- Coloque título na sua produção escrita de texto;
- Utilize as folhas números 2 e 3 deste caderno para rascunho;
- Escreva o seu nome e o nome da sua escola no final de cada página deste caderno.

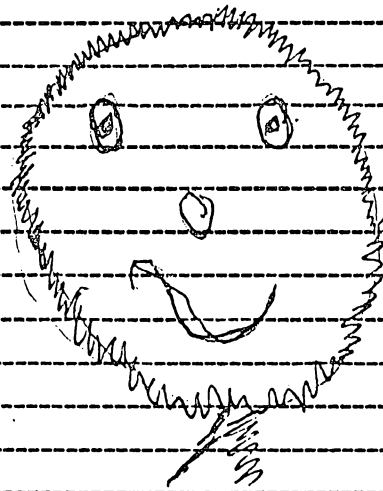
O mundo
e o seu futuro

*- O mundo tinha o seu
próprio futuro. Mas um povo
mundo, não viveu dias, ter
amor no mundo, tem a salvação
das suas, não tem filhos e um
o mundo, não tinha os
animais, não tinha as
plantas e tem muitas e muitas
ferramentas no mundo.

*- Mas um dia ela
desceu porque a população
do mundo, não tinha mais
animais, não tinha as
florestas, não tinha as
plantas, tinha muita
fome e a população
tinha muita fome, as
suas nas ruas, tinha
muita fome, tinha
pobres, tinha muitas
doenças, as suas
pobres, tinha muita
fome e a população.

* Enquanto isso o
futuro estava muito
muito paz, diferente de, diferente

entre os países, muitas mortes
no mundo, os pobres não
têm o direito de dar
suas opiniões nos meios.
Enquanto isso o
futuro pensava que o mundo
tinha muita paz, liberdade,
educação, responsabilidade,
respeito, amor, que a
mundo não era só dos
ricos e dos pobres também,
mas eles estavam enganados.



ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

Futuro e o mundo

No futuro existirá coisas como TV a cabo, casas de
lazer, não terá mais casas de madeira e de tijolo.
As casas eram de aço, palha, folha de bromélias,
e que tinha na janela, coisa de vidro era: bidu-
ta, litas de vidro, litas de alumínio, telefone, mesa, cadei-
ra, guarda, ventilador, rádio, livro, papel, máquina,
televisão, câmara, câmera, campo, colchão, cadeiras, ta-
peta, mala, guarda-roupa, guarda-louca, etc.

No mundo existirá computadores, chuveiro, televisão,
cadeira, folha, couro, casa de madeira e de tijolo,
telha, televisão, mercados, caminhão, etc.

O que tinha de (bita) laranja, uva, manga, pes-
sego, pera, abacaxi, etc.

Eu acho que até eu não sei mais, e que me-
cor crianças como eu? Eu acho que não está e a cri-
ança idô.

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

Mundo futuro

Neste mundo precisa de futuro melhor.

~~Mundo futuro, Mundo futuro,~~

precisa de futuro melhor. Neste mundo precisa de futuro, precisa de fazer missões, precisa de plantar árvores, não jogar lixo, não deixar o planeta pela sujeira etc...

Neste mundo é uma bola de vida. Com o clima da terra por causa da poluição e a temperatura da água, os mares e a terra estão com o clima quente, precisa cuidar do mundo e ter um futuro.

Você só salta e se queima os animais por causa do aquecimento global, os gases que estão no ar, o gás carbônico, os gases das plantas e animais.

Você quer ter futuro? Então, defende seu mundo e seu futuro.

Quem está do lado da terra sempre vai ganhar o que quer e ter futuro.

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

O futuro será muito melhor.

Hoje temos muito no mundo, existem muitos recursos, como o celular, computadores, televisão, internet, rádio, vídeo, música, jogos, etc.

E no futuro também existem muitas coisas como também carros, motos, computadores, etc. por exemplo, na internet, jogos, aplicativos, televisão, rádio de vídeo, etc. como, (carros), motos, celulares, quadriciclos, etc.

E também será que a vida não será a mesma, a vida será a vida de laboratório.

E também as pessoas serão que são hoje, um futuro melhor e um mundo bem porque muitas pessoas não tem tudo o que precisam para viver.

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

Amundo e seu futuro.

Um dia (3) memeros, eles que
sugam seu jogadotes de futebol
e os stas jogavam bola muito
bem, so que um e goleiro um
dells se chamava Bruno. Bbaa
e o outro se chamava dos Santos da
par e o terceiro Edi Bruno. Santos.

Eles um dia se ajuntaram
para trabalhar um dia.

— Su quero que no futuro

se seja muito feliz e um
jogador profissional. Um dia
de futebol e assim foi!!!

Elas descrevem, mas eles
pensavam que a vida e se
ganhava, mas não a vida
e não e se ganhava um que ter
muito trabalho para viver
a vida. No final, muitos
parte muita coisas ruins

como a violência, as drogas,
as brigas, desemprego, falta de
misericórdia, papéis, amarelos,
gêneros, fofos e bairros morte
de fumos que são passarinhos
e amarelos.

Nos queremos um país um
mundo melhor que nos nos
samos ter respeito educação e
habilidade nos queremos mais
liberdade para a tecnologia
avancada e muitas coisas
diferentes que todos nos praticamos
que todos saibamos economizar
e um bom salário para professores
em geral e cada um blando a
sua palavra vai acontecer
nao a vontade de cada um
vai trabalhar sua arte seu
deberho tomar que tenha muito
esporte, mas o futebol bem vá
ga eu acho que o nosso futuro
vai ser assim eu também
espero que seja uma boa republica
e mais prefetos e presidentes
e todo mundo tem que
ter muita liberdade
até pode acontecer se o
lto e países verdadeiros imagine
eu espero que todo mundo
seja feliz e alegre neste mundo
e no nosso futuro.

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!O mundo e o futuro

O nosso mundo hoje tem muitas pessoas. É lá que um país que é a nossa terra onde nós mesmos moramos nela temos o futuro onde nós temos liberdade, educação, tecnologia, respeito, lazer, economia etc. É vida e muito importante para todas as pessoas porque lá é quando eles vão começar a se desenvolver melhor, eles não fazer respeito, não começar a ter trabalho e assim não ganhar seu dinheiro.

O mundo hoje é uma terra onde nós vivemos por que sem ela nós não também vida. No mundo temos vida, água, terra, comida e brisa que nós temos vida, melhoria, paz, liberdade amor etc. nós mesmo cuidamos da nossa vida porque nós temos responsabilidade

ATENÇÃO!

- Não esqueça do título da sua produção de texto;
- Utilize caneta azul ou preta;
- Não borre, não rasure e não use borracha;
- Utilize as folhas números 4 e 5 para passar a limpo a sua produção de texto escrito da língua.

BOA SORTE!

Mundo futuro

Quero que no futuro haja nos carros
 não circulas em não áreas, quero que na
 escola não existia cordões em sala, não
 computadores. Quero que, mas qual? Eu acho
 que vai ter um belo jardim igual ao do
 Eden. Quero que as felizes não sejam na
 laboratório as não continue a da família
 de mãe. Vai existir alimentos bons, como
 banana, melancia, laranja, uva, etc...
 Toda comida feita que não seja que é
 saudável? Não, quero que existam
 jardins. Quero que não existam televisão
 rádio não seja que existam as coisas de
 que não que haja no mundo a
 tudo isso. Quero que a palavra seja
 feliz.

ANEXO 4

CURRÍCULO BÁSICO SOCIOINTERACIONISTA

**RADIOESCOLA COMO PROJETO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO DE CURITIBA**

CURRÍCULO BÁSICO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CURITIBA

COMPROMISSO PERMANENTE PARA A MELHORIA
DA QUALIDADE DO ENSINO NA ESCOLA PÚBLICA



Gestão
1997 - 2000

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO

CURRÍCULO BÁSICO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CURITIBA

COMPROMISSO PERMANENTE PARA A MELHORIA
DA QUALIDADE DO ENSINO DA ESCOLA PÚBLICA

1998

**PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO**

CASSIO TANIGUCHI
Prefeito Municipal de Curitiba

PAULO AFONSO SCHMIDT
Secretário Municipal da Educação

VERA LÚCIA SIGWALT BITTENCOURT
Superintendente Técnica

BERENICE VALENZUELA DE FIGUEIREDO NEVES
Diretora do Departamento de Educação

LIDIA NEDBAJLUK
Gerente de Currículo

REGIANE BANZZATTO BERGAMO
Gerente de Educação Especial

ROSA MARY ISFER CALLUF PICCOLOTTO
Gerente de Educação de Jovens e Adultos

MAURA MORO BARBOSA
Gerente de Projetos Educacionais

MARIA ODISSÉIA CASAGRANDE D'ANGELIS
Diretora do Departamento de Tecnologia e Difusão Educacional

TEREZA ORLOWSKI ARTIOLLI
Gerente de Capacitação Profissional

ITÁLIA BETTEGA JOAQUIM
Gerente de Tecnologia Educacional

SANDRA REGINA DE CARVALHO
Gerente de Pesquisas Educacionais

V LÍNGUA PORTUGUESA

LINGUAGEM: Espaço e Resultado da Interação Humana

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O caráter histórico e, portanto, mutável da sociedade gera transformações teóricas nas diversas ciências. A articulação dos conhecimentos teóricos produzidos, nas diferentes ciências, nos últimos anos, tem promovido as condições para alterar a concepção de linguagem, o que, conseqüentemente, impõe uma mudança no fazer pedagógico.

Quando se propõe uma reflexão da prática pedagógica, é necessário explicitar a fundamentação teórica que a embasa. Portanto, na elaboração desta proposta, procuramos apresentar os pressupostos teóricos e os princípios metodológicos básicos para o redirecionamento do ensino da língua materna.

À luz da concepção sociointeracionista de linguagem, esta proposta aborda, na fundamentação teórica, as seguintes questões:

- LINGUAGEM, SOCIEDADE E ESCOLA
- VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA
- TEXTO

1.1 LINGUAGEM, SOCIEDADE E ESCOLA

A prática pedagógica da escola, especificamente no que tange ao ensino da língua materna, tem sido realizada sem a reflexão numa perspectiva social.

É indispensável que esse ensino se fundamente no conhecimento sobre as relações entre linguagem e sociedade, revelando os pressupostos sociais e lingüísticos dessas relações, para que seja um ensino, realmente, competente e comprometido com a Escola Pública.

Há uma evidente inter-relação entre linguagem e sociedade, já que são realidades inseparáveis. De um lado, é o trabalho que constitui o homem como um ser social, e sua relação com a sociedade se constitui pela linguagem, ao mesmo tempo que a constitui. Por outro lado, a linguagem é também trabalho, resultado de um processo das atividades humanas, sociais e históricas dos sujeitos.

Os processos de linguagem são processos histórico-sociais, conseqüentemente, sociedade e linguagem não são vistas de forma independente: elas se constituem mutuamente.

Nesta perspectiva, a apropriação da linguagem pelo sujeito se dá de forma interativa. Não se trata, porém de um sujeito abstrato ideal, mas de um sujeito mergulhado no social, e na contradição que o envolve.

"A linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências. (...) Por outro lado, é ainda na interação social, condição do desenvolvimento da linguagem, que o sujeito se apropria desse sistema lingüístico, no sentido de que constrói com os outros os objetos lingüísticos sistemáticos que se vão utilizar, na medida em que se constitui a si próprio como locutor e aos outros como interlocutores".¹

Convém salientar que a linguagem possibilita ao homem a apreensão do mundo exterior e lhe dá condições para entendê-lo e se posicionar criticamente perante os outros, tornando-se o agente transformador na sociedade. É na interlocução, espaço de produção de linguagem e de constituição de sujeitos, que a linguagem se renova, se altera, garante sua existência e sua significação.

Deve-se entender que a linguagem reproduz a realidade e que a realidade é reproduzida pela mediação da linguagem. Não poderia existir sociedade e indivíduo sem linguagem, pois ela reproduz o mundo, submetendo-o a sua própria organização.

Função simbólica da linguagem

Na interação com o mundo e com os outros, o indivíduo estabelece a função simbólica da linguagem, que é a possibilidade de representar mentalmente por símbolos o que ele vivência sensivelmente no real.

O homem se relaciona com a natureza e com os outros homens pela

1. FRANCHI, 1982, p. 12.

mediação dos signos. Nesse sentido, as relações homem-natureza e homem-homem se estruturam simbolicamente.

O sujeito tem a faculdade de evocar objetos ausentes, de representar o real por um signo, de estabelecer relações de significações entre o objeto e objetos distintos através de substitutos variados: símbolos, conceitos, retratos, construções lingüísticas, sinais, etc.

Os instrumentos e sistemas de signos, criados pelos seres humanos, permitem-lhes conhecer e transformar o mundo, comunicar suas vivências e desenvolver outras funções psicológicas. É pela mediação dos signos que o sujeito se insere progressivamente na comunidade, incorporando sua cultura e tornando-se um indivíduo social.

Nesta perspectiva, ainda VYGOTSKY (1984:11) fala que na atividade produtiva, nas relações de trabalho, o homem cria instrumentos orientados para regular as ações sobre objetos e signos, e para viabilizar a organização social e o controle do próprio indivíduo.

O que difere o animal do homem é exatamente a capacidade de simbolização: origem do pensamento, da linguagem e da sociedade.

Segundo uma visão materialista dialética, os sistemas simbólicos — desenhos, números, signos verbais, etc. — foram criados pela sociedade ao longo do curso de sua história e proporcionaram amplamente o desenvolvimento cultural. Em sua análise, Vygotsky considera que a atividade simbólica tem uma função organizadora capaz de produzir novas funções de comportamento, e estabelecer novas estruturas da atividade prática do sujeito. Assim, os mecanismos de mudança individual têm suas raízes na sociedade e na cultura.

Convém salientar que a função simbólica tem sua expressão máxima na linguagem e dela derivam os outros sistemas de comunicação. E, graças ao caráter mediatizante da linguagem, pode haver a revelação da vivência interior de uma pessoa a outra. Portanto, não há relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o próprio homem.

Linguagem e Escola

A função da escola tem sido a de colaborar para manter e perpetuar a estrutura social, suas desigualdades e os privilégios para alguns em prejuízo de muitos. Contudo, ela tem apregoado que promove a igualdade social e a superação das discriminações e da marginalização. Para isso, tem selecionado seus

objetivos segundo os padrões culturais e lingüísticos das classes dominantes, enquanto desqualifica clara ou dissimuladamente os padrões das classes dominadas. Reforça, impondo a cultura e a linguagem das classes dominantes às classes dominadas, legitimando-as em saber escolar. Dessa forma, a escola tem colaborado com a divisão de classes, fracassando na função de levar às camadas populares o conhecimento produzido pela humanidade.

O processo formal e intencional de aquisição de conhecimento (cultural, científico e lingüístico) é atribuído especificamente à escola.

As atividades que constituem, em geral, o ensino de língua na escola — o ensino da gramática, o ensino da leitura e o ensino da expressão oral e escrita — são realizadas para levar o aluno ao reconhecimento da língua padrão. Assim, os alunos são levados a reconhecer que existe uma maneira de falar e de escrever diferente daquela que dominam, porém essa escola não lhes permite conhecer essa maneira de falar e escrever, isto é, saber produzi-la e consumi-la.

Trabalhando apenas com o reconhecimento da língua aumenta-se a distância entre a variante dos alunos e a variante cristalizada pela escola. Tem-se percebido, então, que essa escola fracassa na tentativa de assegurar o domínio da língua de prestígio.

Convém esclarecer que, para designar como classe determinado grupo social, é utilizado o critério econômico: a posição no processo de produção. Nesse sentido, as classes dominantes possuem os meios de produção ou detêm o controle deles; as classes dominadas possuem a força de trabalho. Conseqüentemente, as classes dominantes se apropriam do trabalho das classes dominadas.

As classes dominantes não detêm apenas o domínio material, mas também a força política e a imposição ideológica.

"Na escola, espelho da sociedade, estão presentes esses mesmos antagonismos e contradições, e por isso é que ela, não podendo ser redentora, também não é impotente: os antagonismos e contradições levam-na a ser, apesar de determinada pela estrutura social em que se insere, um espaço de atuação de forças progressistas, isto é, de forças que impellem em direção à transformação social, pela superação das desigualdades sociais".²

2. SOARES, 1989, p. 73.

Os antagonismos e as contradições constituem o germe da transformação social; portanto, a escola assume maior importância, sobretudo para as classes dominadas. Para estas, a escola fornece os instrumentos necessários para obtenção dos privilégios — participação cultural e política e reivindicação social — os quais têm sido reconhecidos como legítimos apenas das classes dominantes.

Dentre os instrumentos fornecidos pela escola, o domínio da variedade padrão da língua é fundamental, não para que ela substitua a variedade lingüística do aluno, mas para que se acrescentem a ela novas formas de produções discursivas, permitindo ao aluno o uso da língua nas diferentes situações sociais.

1.2 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

A linguagem humana é uma atividade histórica e social; portanto, as línguas não são sistemas acabados. Elas se constroem e se reconstroem no processo interlocutivo. Uma comunidade lingüística opera com os recursos de linguagem resultantes de processos históricos, aliados aos recursos do contexto social atual. Isso significa que uma língua se transforma no tempo e se diversifica no espaço, sofrendo mudanças constantes, que muitas vezes não são percebidas pelos falantes. Além disso, os indivíduos, dependendo das circunstâncias, se utilizam de formas de expressão diferentes, adequadas à situação.

Assim, podemos inferir que a variação dentro da língua se manifesta em quatro dimensões — temporal, geográfica, social e estilística — que coexistem, interpenetrando-se.

Como variação temporal, entendem-se as modificações sucessivas de uma língua ocorridas diacronicamente. As variantes, substituta e substituída, coexistem num mesmo plano temporal, existindo primeiro num determinado grupo de falantes. Quando se propaga e é adotada pelo grupo socioeconômico de prestígio passa a fazer parte da variedade padrão. Nesse tipo de variação, podemos incluir palavras, expressões ou construções que modificaram sua forma ou significado na língua.

Como variação geográfica, entendem-se as diferentes variações de pronúncia, vocabulário, construção sintática que coexistem numa mesma época em diferentes regiões do País. Essas variações são notadas à medida que o falante se afasta de seu ponto de referência em direção a outro.

Além dos aspectos temporal e espacial, a variação lingüística pode ser decorrente das diferenças culturais geradas pela **estratificação social**. A estrutura de classes produz valores, falas e significados, normas de conduta e padrões culturais que são próprios de cada classe; conseqüentemente, as camadas sociais produzem falas diferentes. A classe social, o grau de escolarização, a idade, o sexo dos indivíduos determinam as variações da atividade verbal dentro de uma comunidade lingüística; isso não significa que haja dificuldade de compreensão, mas que são marcas próprias dos grupos que as utilizam.

Apesar de todas as variações lingüísticas terem seu valor, algumas têm prestígio social, outras não. O desprestígio de certos modos de falar usados por alguns grupos sociais, muitas vezes, cria preconceitos que reforçam a desigualdade econômica.

Há ainda a **variação de estilo** que é resultante da diferenciação de uso de linguagem pelo sujeito situado no mesmo espaço geográfico e dentro do mesmo grupo social, dependendo das circunstâncias em que se processa a atividade verbal. São variantes que se podem observar num mesmo indivíduo, resultantes de seu grau de reflexão para selecionar a forma lingüística. Daí decorrem os estilos denominados formal e informal, a depender do cuidado que o falante tem ao selecionar as formas lingüísticas.

A Variação Lingüística e a Escola

Do ponto de vista do uso da Língua nas atividades escolares, no ensino tradicional, os alunos devem adequar sua variedade lingüística à norma culta, que, geralmente, não é usada pelos alunos, mas é a "correta" para a escola. Tudo o que, na linguagem corrente da clientela que freqüenta a escola pública, não corresponde à norma culta, é corrigido e estigmatizado pelo professor.

O desempenho do docente para levar as crianças a usarem a Língua segundo os padrões da norma culta vem acompanhado, freqüentemente, de um processo de desprestígio e desvalorização das formas dialetais empregadas pela criança. "O fracasso da escola na democratização do saber e da cultura é devido ao fato de que esse saber e essa cultura se expressam numa variedade padrão que não é de domínio do aluno que as escolas, principalmente as de periferia, vêm recebendo."³

3. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Documento "Diretrizes para o aperfeiçoamento do ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa."

Sem dúvida, a discriminação social, motivada por uma visão elitista do ensino da língua materna, é uma das causas da evasão escolar do ensino de 1.º grau, pois o processo de ensino não consegue eliminar certas variedades que a própria escola considera "incorretas".

"A deficiência básica do ensino-aprendizagem deve-se principalmente ao cultivo de uma gramática normativa em essência, deixando de lado o cultivo de habilidades importantes como a percepção da diferença entre duas variantes e o conhecimento do valor social de uma sobre a outra, habilidades que dariam ao adolescente a capacidade de selecionar o grau relativo à formalidade da situação."⁴

Embora algumas variedades não possuam prestígio social, não deve ser ignorado que todas elas têm sua organização, têm suas regras, isto é, uma gramática, entendida, nessa perspectiva, como conjunto de regras que todo falante aprende e das quais se vale ao falar. Vale ressaltar aqui que uma variedade é eleita como padrão numa sociedade devido ao prestígio social, político e econômico dos que utilizam essa variedade.

A criança já traz consigo a prática oral de uma variedade e vem à escola para se apropriar também de outra — a variedade padrão — para que, assim, possa ter acesso à cultura letrada da sociedade e, como sujeito nas interações sociais, possa optar dentre as variedades que coexistem na sua consciência, dependendo do contexto em que se encontra.

Ao lado do trabalho do professor com o aluno, na aquisição da variedade padrão, salientamos o respeito e a tolerância que a escola deve ter em relação ao modo de falar dos seus alunos para não acabar por inibi-los nas suas produções, com o que, fatalmente, a escola estaria contribuindo para cercear seu direito de cidadania.

Assim, a visão preconceituosa da escola deve dar lugar à formação de um cidadão que, através do domínio efetivo da linguagem oral e escrita, possa compreender, repensar e participar de transformação da realidade.

A Oralidade e a Escrita

A oralidade e a escrita são modalidades que apresentam semelhanças e diferenças, dependendo das suas condições de produção.

Textos orais e escritos se diferenciam por características que se fazem mais presentes numa do que na outra modalidade. Na oralidade, como a situação de interação acontece com o interlocutor presente, o planejamento vai se processando concomitantemente com a interação. A produção oral se apresenta com redundância, repetições, pausas e nela toleram-se desvios em relação à norma culta. Na linguagem oral, o caráter informal é o mais freqüente, porém, dependendo da natureza da situação, esta modalidade pode se apresentar num grau maior de formalidade, haja vista a diferença entre um discurso em solenidades e uma conversa entre amigos.

Nas situações de uso de escrita, o interlocutor se encontra distante, o que permite um maior planejamento e elaboração anteriores ao momento da leitura pelos interlocutores. Esse planejamento vai determinar uma estruturação característica do texto escrito e um rigor maior no uso da norma culta. Salientando-se que, embora a informalidade seja mais freqüente no texto oral, ela também ocorre na escrita, porém seu grau de formalidade será determinado pelo propósito do texto. Por exemplo, anotações em um diário exigem menor rigor na forma do que um texto para ser publicado.

Quanto aos recursos utilizados pelas duas modalidades, a oralidade dispõe de recursos prosódicos (por exemplo, entonação) e paralingüísticos (por exemplo, gestos) além dos recursos lingüísticos, enquanto que a escrita dispõe exclusivamente de recursos lingüísticos.

Historicamente, sabemos que a escrita servia de auxílio à memória para assegurar, através das gerações, o conhecimento essencial do grupo. Hoje, além dessa função, entendemos a escrita enquanto lugar de reflexão de uma experiência vivida, da realidade percebida, da nossa cosmovisão.

O ponto de partida para se repensar a função da escrita é ter presente, no ato de escrever, a noção de interlocutor virtual, lembrando que essa modalidade de linguagem exige maior reflexão lingüística no momento da produção. Assim, tanto escrever como falar, são atos de construção de significados que se estabelecem na interação entre autor e interlocutor.

1.3 TEXTO

Uma determinada visão do sujeito e do objeto da aprendizagem, no caso, a linguagem, necessariamente orientarão o professor na condução do processo ensino/aprendizagem. As concepções de sujeito e objeto da aprendizagem estão intimamente ligadas, pois decorrem de uma visão de como se processa a aquisição do conhecimento pelos sujeitos.

Um encaminhamento de ensino orientado por uma concepção estruturalista que vê a língua como um objeto com existência própria, independente do seu uso e utilizado para transmitir mensagens entre emissor e receptor, coerentemente dará ênfase ao treinamento das estruturas gramaticais da língua.

Porém, norteadas por uma concepção sociointeracionista que vê a **interlocução como um espaço de produção de linguagem e de constituição dos sujeitos**, a condução do processo ensino/aprendizagem toma o **texto** como unidade significativa da língua.

Inúmeros conceitos de textos têm sido formulados por lingüistas; essa variabilidade é consequência do ponto de vista em que a questão é abordada. Aqui, **"texto significa todo o trecho, falado ou escrito, onde as seqüências lingüísticas estão articuladas entre si e com a situação"**⁵, envolvendo necessariamente quem o produz e quem o interpreta. Sendo assim, o sentido do texto não poderá residir em si mesmo. O **interlocutor** está presente não só no processo de produção de sentidos na leitura já a partir do momento da produção do texto, pois sabe-se que o outro é condição necessária para que exista texto.

Quando formulamos um enunciado oral ou escrito, selecionamos as formas lingüísticas para que ele seja bem sucedido. Um dos fatores que determinam nossa escolha é o leitor a quem se destina: é a imagem do interlocutor que determina a opção. Por outro lado, quando interpretamos um texto, usamos estratégias para identificar as intenções do autor, o que ocorre na medida em que interagimos com o texto, tornando-nos membros cooperativos de uma interação comunicativa. Assim, podemos dizer que a constituição do texto se dá num processo cooperativo entre produtor e interlocutor.

Considerando que uma seqüência lingüística se constitui em texto na medida em que as partes se articulam entre si e com a situação, a unidade de significado é garantida pela **coerência**, pelo uso dos elementos coesivos e dos recursos de **argumentação**.

5. KOCH 1987.

- "Para haver coerência é preciso que haja possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos".⁶ No texto coerente, todas as partes se articulam harmoniosamente; a coerência ocorre tanto entre texto e a realidade a que se refere, como entre as partes do texto;

- os elementos de coesão (certos advérbios, pronomes, conetivos, repetições, relações semântico-lexicais, elipses) são recursos que têm finalidade de interligar as partes do texto;

- os procedimentos argumentativos se constituem em recursos para persuadir o interlocutor e obter a sua adesão. A conscientização da existência e do valor das marcas argumentativas implícitas nos textos, permitem-nos fazer uso delas para dotar nosso discurso de maior poder persuasivo, além de não nos deixarmos manipular pelo discurso de outrem. Essas marcas manifestam-se através de recursos lingüísticos tais como: os tempos e os modos verbais, a exemplificação, as redundâncias, o posto, o pressuposto e o subentendido, a entonação (língua falada), os sinais de pontuação (escrita), além de outros.

6. KOCH, 1990.

2 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Na Pedagogia Histórico-Crítica fica evidenciado o papel da escola como instituição responsável pela transmissão/assimilação dos instrumentos de acesso ao saber elaborado, produzido coletiva e historicamente por toda humanidade.

O objeto da educação é a socialização do saber, e cabe à escola identificar os elementos culturais que se constituem como essenciais para que o homem exerça conscientemente sua cidadania como agente de transformação da realidade; cabe, também, a ela identificar a maneira de atingir essa meta. Isso vale dizer que a escolha de um encaminhamento metodológico traz subjacente uma opção política e, no ensino da língua materna, além desta opção, uma concepção de linguagem.

Esta proposta é permeada pela concepção sociointeracionista de linguagem, cujo enfoque fundamental é a interação verbal como lugar de produção de linguagem e dos sujeitos. As explicitações do encaminhamento metodológico, que virão a seguir, apontarão como objeto de estudo o TEXTO, "quer como objeto de leitura, quer como produto de atividade discente".⁷ Tal afirmação reside no fato de ser no texto que a língua se revela na sua totalidade.

Assim, o texto (ver abordagem anterior) determinará atividades lingüísticas, as quais se desdobrarão em práticas, pois no ensino de língua, o conteúdo é a própria língua. Dessa forma, nas aulas de Português o professor deverá trabalhar com os usos da linguagem (atividades lingüísticas) e com atividades de operação e reflexão (atividades epilingüísticas) para, posteriormente, chegar a um trabalho de sistematização gramatical (atividades metalingüísticas).

Comumente, confunde-se o ensino da língua com o ensino da gramática normativa da língua, com a expectativa de que, através da memorização de conceitos e regras, os alunos passem a dominar a forma padrão da língua. Por um lado, devemos convir em que apresentar a metalinguagem (a linguagem explicando a própria linguagem) só faz sentido no momento em que o aluno souber operar com a linguagem de modo eficaz, isto é, "dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados, percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e outra".⁸

7. GERALDI 1991.

8. GERALDI 1981, p. 47.

Por outro lado, constatamos a ineficácia que vem apresentando o ensino tradicional, centrado em gramáticas normativas ou pedagógicas, “tais gramáticas têm sido elaboradas deixando de lado muitos fatos da língua, além de que os fatos apresentados e as regras gramaticais ditadas são, muitas vezes incompletos, pouco claros, incoerentes entre si, enfim, nada fiéis à realidade da língua”.⁹ Acrescenta-se a isso, ainda, o fato de o aluno não dominar a variedade da língua padrão em que são apresentados tais conceitos.

Tendo em vista os princípios teórico-metodológicos expostos, como redirecionar a metodologia para que o ensino de Língua Portuguesa possa realmente se efetivar e assim contribuir para a formação do cidadão crítico consciente do seu papel na luta para transformação social?

Trabalhar a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da concepção sociointeracionista é concretizar no ensino o sentido histórico da produção do conhecimento. Tal encaminhamento leva-nos a reafirmar que o “trabalho lingüístico é contínuo, realizado por diferentes sujeitos, em diferentes momentos históricos, em diferentes formações sociais...”.¹⁰ É preciso, durante todo o processo de ensino aprendizagem, uma reflexão sobre a linguagem, isto é, sobre as ações lingüísticas praticadas nas interações. Nesse sentido, caberá ao professor se valer dos usos lingüísticos que a criança já manifesta na sua produção oral e escrita, para promover essa reflexão, visando à ampliação da competência lingüística dos alunos.

Os textos produzidos pelos alunos expressam, obviamente, seus saberes e suas formas de expressão. Pela mediação, o professor se utilizará dos saberes anteriores do aluno para ancorar os novos saberes, e, para tanto, colocará o texto do aluno como centro e como ponto de partida para outros trabalhos. Num movimento dialético, ponto de partida é o conhecimento que o aluno já domina e de que se utiliza para expressar sua visão sobre a realidade, e é o ponto de chegada provisório, pois se transforma num novo ponto de partida — é o acréscimo de novas determinações que enriquecem as anteriores. Todo aluno, após um período de escolarização, traz consigo um conhecimento lingüístico adquirido nas séries anteriores, bem como a interação com seu grupo social.

9. FIAD, 1986, p. 22.

10. GERALDI, 1991, p. 14.

O conteúdo de ensino, a utilização de princípios teórico-metodológicos e a escolha de procedimentos adequados serão decisivos para a incorporação de novos saberes pelo aluno.

Um encaminhamento metodológico é eficaz na medida em que oportuniza o trabalho com o saber de maneira diversificada, isto é, permite a realização de atividades que possibilitem a vivência, pois é através dela que se dá a construção dos significados do conhecimento. Outra condição que se impõe é a constante retomada do conhecimento, através de instrumentos variados: falando, ouvindo, lendo, dramatizando, produzindo nas diferentes linguagens, individualmente, em pequenos e grandes grupos. O texto do aluno é visto em constante elaboração, permitindo modificações e reformulações. Por sua vez, os textos dos autores consagrados, que também passaram por reformulações, revelam um produto acabado.

No ensino de língua, o texto do aluno revela o processo existente na produção, desvelando a construção e a elaboração presentes na escrita. Nesse processo, não apenas o professor “fala” sobre a língua, mas professor e aluno operam sobre as operações linguísticas.

São, pois, tanto as interações assimétricas — professor/aluno(s) ou aluno mais experiente/aluno(s) — quanto as interações simétricas — aluno(s)/aluno(s) — que vão ampliar as experiências com a língua.

No processo de produção escrita estão presentes as práticas de leitura e análise lingüística. A leitura é o grande suporte para a produção textual, na medida em que oportuniza ao aluno ampliação de seu conhecimento e compreensão crítica da realidade. Pela análise lingüística, possibilita-se a explicitação dos mecanismos que regem a língua e, através dessa prática, dão-se as condições para o domínio de tais mecanismos. É no exercício da linguagem que o aluno vai fundamentando-se para, gradativamente, ir incorporando as normas que regem sua língua.

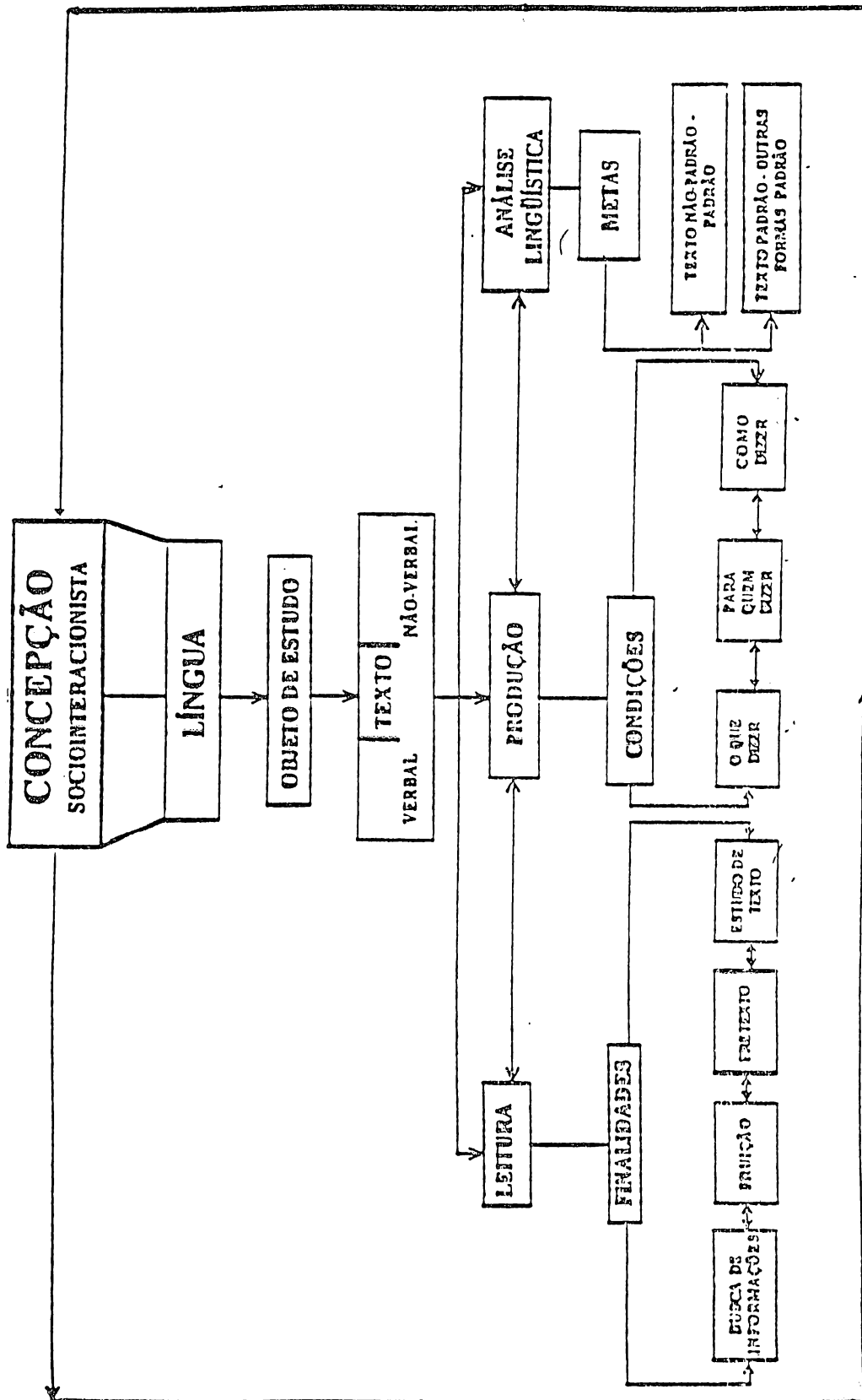
Essas três práticas — Produção, Leitura e Análise lingüística — devem ser entendidas como práticas interativas, que, na sua dinâmica, possibilitam os atos de ler, ouvir, falar, produzir e analisar textos. Para efeitos meramente didáticos, apresentaremos considerações sobre cada uma separadamente, mas salientamos que ocorrem inseparavelmente na língua, uma vez que são partes de um mesmo processo.

Através dessas três práticas, o ensino da língua privilegia o trabalho com a linguagem verbal. No entanto, a relação do aluno com o universo sim-

bólico não se dá apenas pelo verbal, ele opera com todas as formas de linguagem na sua relação com o mundo. O processo de compreensão de um texto, incluindo a articulação entre várias linguagens que constituem o universo simbólico, possibilita ao sujeito a compreensão da realidade.

Não pode ser excluída do espaço escolar a linguagem não-verbal, pelo fato de estarmos mergulhados no dia-a-dia em diferentes formas de linguagem. A sala de aula está se transformando num lugar onde a realidade dos cruzamentos intersignificos ocorre com frequência cada vez maior; deve o professor, portanto, incorporar nos seus trabalhos a pluralidade das linguagens. Por essas linguagens transitam valores, idéias, estereótipos com proposições de concepções de mundo.

A seguir, o quadro esquemático da proposta pedagógica para o ensino da Língua Portuguesa.



PROCEL - PROJETO DE LÍNGUA PORTUGUESA
8.º V.º - 1998 - 1999

2.1 O TEXTO E SUAS RELAÇÕES

O trabalho com o conteúdo de ensino de Língua será feito através do estudo de textos e suas relações:

2.1.1 ESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS:

- **presença de intertextualidade** (remessa a outros textos): pelo tipo de texto, pela temática, pela citação:
 - a) pelo tipo de texto (narrativo, informativo, poético, publicitário, etc.);
 - b) pela temática: o posicionamento do autor em determinado tema;
 - c) pelas citações: uso de discurso direto ou indireto.

- **marcas formais da intertextualidade:**
 - a) nas características próprias de cada tipo de texto;
 - b) no tratamento das diferentes temáticas;
 - c) no desvelamento das marcas ideológicas;
 - d) nos recursos utilizados para marcar os discursos direto e indireto.

2.1.2 ESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES TEXTUAIS:

- **a organização do texto:**
 - a) nos diferentes tipos de texto (narrativo, informativo, publicitário, jornalístico, cartas, poesias, etc.);
 - b) nas características comuns a todo tipo de texto: clareza, coerência, coesão, argumentação.

- **marcas formais dessas relações** (conforme os diferentes tipos de texto):
 - a) paragrafação;
 - b) relações intersentenciais e intra-sentenciais:
 - procedimentos de coesão;
 - procedimento de coerência;
 - adequação vocabular;
 - sintaxe de oração: coordenação, subordinação, etc.;
 - sintaxe de concordância (verbal, nominal, etc.);
 - uso das regências;
 - sintaxe de colocação;
 - morfologia: conjugação verbal, flexões.

2.1.3 CONTRAPONTO ENTRE LINGUAGENS:

- **A linguagem verbal e não-verbal:** características próprias de cada linguagem.
- **A linguagem verbal:**
 - a) **variação linguística:**
 - variedade padrão;
 - variedade não-padrão.
 - b) **recursos prosódicos:**
 - entonação, intensidade, altura, timbre, etc.
 - c) **recursos gráficos:**
 - ortografia;
 - sinais gráficos (aspas, parênteses, grifos, etc.);
 - tamanhos e tipos de letras;
 - disposição gráfica do texto.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEXTO E SUAS RELAÇÕES

Se afirmamos o caráter dialógico da linguagem, é porque constatamos a existência da relação interdiscursiva da relação textual e do contraponto entre a linguagem verbal e a linguagem não-verbal.

Entendemos melhor com a explicação dos quadros anteriores.

2.1.1 Estabelecimento das relações interdiscursivas

A relação interdiscursiva diz respeito à presença de outro(s) textos(s) num determinado texto. A intertextualidade realiza-se quando o sujeito recorre ao conhecimento prévio de outros textos, tanto na produção como na recepção. Ela pode ocorrer pelo tipo de texto, pela temática, e/ou pelas citações.

A intertextualidade tipológica (pelo tipo de texto) permite aos sujeitos perceberem que existem, ao seu dispor, diferentes estruturas textuais para a elaboração discursiva, segundo suas intenções.

Assim, ao interagir com textos narrativos, a criança irá internalizando essa estrutura, o que lhe permitirá reconhecer e produzir narrativas. Ocorre o mesmo processo de internalização em relação aos outros tipos de texto; é evidente que alguns desses vão ser incorporados através de aprendizagem sistemática na escola. Não obstante, um sujeito que não teve escolaridade poderá ser capaz de narrar, de escrever, de argumentar ou de escrever (ou ditar) uma carta porque essas aprendizagens podem ocorrer nas interações lingüísticas fora da escola.

O conhecimento dos diferentes tipos de texto — informativo, narrativo, poético, publicitário, etc. — permitirá ao leitor perceber as marcas formais, isto é, as características próprias de cada tipo, o que lhe revelará pistas importantes para o entendimento do texto.

A intertextualidade temática revela as diferentes relações dos sujeitos quanto à ideologia. Desse modo, o dizer indicia o posicionamento do autor no momento da produção dos sentidos do texto.

As idéias produzidas na sociedade, numa certa época, num determinado tempo, circulam nos diversos textos, apresentando os conflitos, as contradições dos diferentes grupos sociais sobre os mesmos dados da realidade. Aquelas idéias que predominam sobre as demais refletem os interesses dos grupos sociais dominantes. Assim, a intertextualidade permite aos sujeitos analisarem criticamente essas idéias, refletindo até que ponto elas têm apoio na realidade.

Os textos dialogam uns com os outros constantemente, de maneira direta ou indireta. No primeiro caso, quando o enunciado representa exatamente a palavra alheia, temos o discurso direto.

Ao fazer citações do discurso do outro, marcamos o discurso com recursos que a própria linguagem oferece. Pela simples entonação de voz, transmitimos o nosso ponto de vista: concordamos, discordamos, ironizamos, duvidamos... Na linguagem escrita, os recursos geralmente usados pelo discurso direto podem ser: o uso de verbos "dicendi" (dizer, ordenar, responder, concordar, pedir, etc.), cuja função é indicar o interlocutor que está com a palavra; o uso das aspas e o uso do travessão ou da vírgula.

A maneira indireta de o enunciado incorporar na sua linguagem a fala do outro, transmitindo apenas a essência do pensamento a ele atribuído, é chamada de discurso indireto. Esse discurso apresenta, também, algumas marcas importantes como: o uso de verbos "dicendi", as partículas que ou se usadas

para separar a fala do narrador, e as frases interrogativas, exclamativas e imperativas no discurso direto, que passam para a forma declarativa no discurso indireto.

Discurso direto

Chegaram as férias, disse Paula.

— Fale alto! — pediu Gilberto.

Ontem, Pedro perguntou:

— Amanhã, irei viajar?

Discurso indireto

Paula disse que chegaram as férias.

Gilberto pediu que falasse alto.

Ontem, Pedro perguntou se hoje iria viajar.

Vale dizer que os discursos direto ou indireto asseguram a clareza do texto, pois o leitor pode separar a palavra de quem escreve e a palavra de quem é citado.

2.1.2 Estabelecimento das relações textuais

O produtor de textos tem determinados objetivos ou propósitos, que vão desde a simples intenção de estabelecer ou manter o contato com o outro, até a de levá-lo a partilhar de suas opiniões ou a agir ou comportar-se de determinada maneira. Assim, o sujeito/autor opta por tipos de textos para buscar e concretizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos pretendidos.

Ao produzir um texto, ele se utiliza de estruturas diversas próprias para cada tipo, por exemplo, textos narrativos têm estrutura diversa de textos dissertativos, poesias são diferentes dos textos em prosa. Além desses, os subtipos também diferem: entre os narrativos, por exemplo, romances, contos, crônicas, fábulas têm características próprias.

Todo esse conjunto de conhecimentos sobre a tipologia textual vai sendo adquirido pelos usuários na língua à proporção que têm contato com os textos e estabelecem relações entre eles.

Os diversos tipos de textos, têm assegurada, de modo geral, a unidade de significado através dos elementos que garantem coesão, coerência, a cla-

reza e força argumentativa. Isso significa dizer que, na verdade, esses mecanismos lingüísticos estão presentes no discurso, na tentativa de garantir a adesão por parte do interlocutor.

Conforme os diferentes tipos de texto, as relações textuais vão se relevando através das marcas formais. Entre essas marcas lingüísticas encontram-se a paragrafação e os mecanismos lingüísticos que realizam as relações entre as sentenças (intersentenciais) e no interior das mesmas (intra-sentencial). A partir dessas marcas e dos demais elementos que se relacionam entre si é que se constitui a textualidade. Para tanto, é preciso que o virtual produtor domine todos os recursos para que o texto seja reconhecido como **uma unidade de significado**, e não como um conjunto aleatório de fragmentos isolados.

O domínio no campo das **convenções** ou **normas** que regem a escrita deve ser conseguido num processo de **reflexão** sobre o uso das diversas formas do dizer. Os alunos, ao operarem sobre a linguagem, revêem e transformam seus textos e, neste trabalho, percebem a riqueza das formas lingüísticas disponíveis para suas mais diversas opções para, depois, nas séries mais adiantadas, descrever esses processos, falar deles e identificá-los. Antes de saber o que é um substantivo, um adjetivo, um advérbio, etc., é necessário saber fazer uso efetivo dessas diferentes classes gramaticais no trabalho de produção e compreensão de textos.

2.1.3 Contraponto entre linguagem

É tão habitual o uso da linguagem verbal com a qual o falante interage que ele tende a não se dar conta de que esta não é a única e exclusiva forma de linguagem. Muitas vezes, o sujeito não toma consciência de que, sendo sócio-histórico, é mediado por um sistema plural e complexo de linguagens, constituindo-se como ser simbólico, isto é, ser de linguagem.

Vale dizer que o caráter ilusório de exclusividade da língua, como única forma de linguagem, é devido a um condicionamento histórico que conduz à crença de que as formas de conhecimento são veiculadas unicamente pela língua, nas suas manifestações oral e escrita.

Simultaneamente à linguagem verbal, existe uma enorme variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo.

Através de outras formas de linguagem, como a pintura, a música, a dança, o cinema, a televisão, etc., os sujeitos também representam a realidade, exprimem sua cosmovisão, comunicam e influenciam os outros.

Tanto a linguagem verbal, como a não-verbal se utilizam de signos, embora diferenciados.

Enquanto na linguagem verbal os signos lingüísticos ocorrem linearmente tanto na escrita como na oralidade, na linguagem não-verbal os vários signos podem ocorrer simultaneamente, por exemplo: o cinema, o teatro e a televisão exploram o verbal, as imagens, a música, a luz, as cores, as formas...

Num texto de história em quadrinhos, por exemplo, além do uso da linguagem verbal e da imagem, o diálogo aparece nos balões; seus apêndices (nome dado ao prolongamento do balão) nos indicam quem fala, sua intenção e suas emoções.

Como as diferentes linguagens se utilizam de mecanismos diferenciados, a compreensão só se torna possível porque, no processo de atribuição de sentido, apela-se para outros referenciais, estabelecendo-se relações entre uma nova forma de linguagem, as experiências e o conhecimento prévio.

Por outro lado, há características importantes que se revelam na linguagem verbal.

As variações linguísticas, que são resultado das experiências históricas e socioculturais do grupo que as usa, desvelam a heterogeneidade da linguagem verbal. A diferença da valoração das variedades é criada socialmente e adquire marca de prestígio por ser usada por grupos dominantes na sociedade. São as variedades prestigiadas que irão ocorrer na escrita e serão ensinadas, em particular, na escola. A escrita tende a neutralizar as diferenças de pronúncia existentes nas diferentes regiões e em várias situações que envolvem a fala.

No enunciado oral, dispomos de recursos prosódicos que se tornam fundamentais no processo de comunicação. Podemos pronunciar a mesma palavra com entonações diversas, cada uma delas significando coisas diferentes e/ou absolutamente contrárias. Além da entonação, entram nesses recursos a intensidade, a altura, o timbre e a duração visando sempre à persuasão sobre o interlocutor. Por sua vez, o domínio da escrita implica o conhecimento das normas que regulam o uso específico de recursos gráficos, como: a ortografia, os sinais gráficos, tamanho e tipos de letras (para marcar por escrito esta ou aquela intenção), disposição gráfica do texto e a acentuação.

O trabalho com o texto e suas relações, aqui propostos, permite aos alunos operarem sobre a própria linguagem: comparando as expressões, transformando-as, experimentando novos modos de construção, dando às formas lingüísticas novas significações.

E o encaminhamento com o texto contemplado nas três práticas a seguir, vê o conteúdo da língua como prática com a própria língua.

2.2 PRÁTICA DE PRODUÇÃO

A função da escola, no ensino de língua, tem sido a de introduzir a criança no mundo da escrita, para que ela se desenvolva cognitivamente e para atender às exigências de uma sociedade como a nossa, que privilegia a linguagem escrita.

Tem-se constatado, porém, que o ensino privilegia ora a leitura, ora a escrita, atreladas a um normativismo renitente, e ficando constantemente esquecida a oralidade. Tem faltado uma reflexão crítica quanto ao que se entende por processo de produção: não basta substituir os pressupostos teóricos que apóiam a tradição gramatical, nem exercer uma prática sob um verniz de uma metodologia avançada.

Na crença de estar desenvolvendo a competência no uso da língua escrita, a escola tem dado relevância a atividades de cópia: escrita do que já está escrito. O aluno faz escrita-cópia de palavras e frases soltas, das quais se pretendem realçar aspectos periféricos, como: treino ortográfico, uso de palavras em frases para o enriquecimento vocabular, traçado correto para uma caligrafia primorosa, exercícios repetitivos para fixação da estrutura sintática da língua. Essa escrita conduz à elaboração de frases artificiais, descontextualizadas, que falseiam o caráter expressivo e comunicativo da língua. Ainda mais, é uma escrita sem leitor, sem intenções e sem contexto — escrita para nada e para ninguém, concebida fora dos padrões naturais em que toda a comunicação humana acontece.

Partindo dessas constatações — nada alentadoras — convém atentar para a ligação estreita que há entre escrita e escola. E essa maneira de se ver a escrita é decorrente da atuação da escola pela qual passamos. As "tarefas" decorrentes dessa atividade, esporadicamente realizada na escola, têm sido para que se diga o que a escola quer que seja dito e não para se dizer o que se quer. E a artificialidade dessa situação é percebida pelo aluno como um meio para obtenção de nota.

Quanto ao desenvolvimento da oralidade, a escola tem entendido que falar bem é falar bonito, isto é, falar conforme se escreve. Esquece-se que o oral e o escrito são duas realidades diferentes da língua, pois cumprem finalidade específicas.

Por outro lado, ao deixar à margem o trabalho com a oralidade, por entender que essa modalidade já é dominada pelo aluno, a escola comete outro equívoco. Com tais atitudes, não desenvolve no aluno essa competência e limita sua capacidade de exercício da linguagem, o que implica a redução das possibilidades do sujeito de exercer uma interferência ativa, dinâmica e transformadora na sociedade.

Não teria a escola, portanto, a mesma responsabilidade de desenvolver na criança a **competência lingüística** tanto na forma escrita quanto na oral, já que são duas modalidades da mesma língua, com especificidades próprias?

Com a linguagem oral está tão presente no cotidiano das pessoas, imagina-se, à primeira vista, que ela não envolva nenhum trabalho por parte dos interlocutores. Porém, para que a linguagem oral seja eficiente, é necessário utilizar adequadamente os recursos que a caracterizam, isto é, o falante deve ser capaz de adaptar as estratégias da fala ao **interlocutor** e ao **contexto**. Essa flexibilidade no uso da oralidade irá assegurar o entendimento e o controle das intenções do outro, bem como a negociação dos significados, muitos dos quais estão implícitos.

Tanto na produção oral quanto na escrita, o grau de formalidade é determinado pelas condições de produção. Esse grau vai variar do casual (espontâneo, improvisado, não-planejado) até o formal (estruturas mais elaboradas, planejadas).

A oralidade, como parte imprescindível da educação lingüística constituir-se-á em objeto de estudo, visando à ampliação e enriquecimento da fluência da expressão oral na criança, entendida como **competência em adequar o ato verbal à situação de comunicação**.

O espaço para a oralidade, em sala de aula, não pode ser encarado como uma oportunidade para a "revelação" dos erros de linguagem, mas como o momento em que o aluno se expressa e constrói seu próprio discurso, numa determinada interação discursiva. O professor, enquanto interlocutor de seus alunos, subsidia-os para a reflexão e a construção desse discurso. Além disso, num movimento de retorno, a fala da criança oferece o referencial para o encaminhamento do trabalho do professor.

Para tanto, não basta pedir ao aluno que fale — é preciso que se instaure um ambiente propício ao ato de falar.

Esse ambiente impõe que o exercício da linguagem se efetive em situações concretas de produção discursiva, isto é, situações em que o aluno vivencie concretamente a linguagem, quer como produtor (expondo, narrando, debatendo, entrevistando), quer como interlocutor (ouvindo, lendo, parafraseando, resumindo).

O professor deve valer dessas situações a fim de que o aluno perceba os diferentes usos da linguagem, fazendo-o refletir e operar sobre a própria linguagem. Analisando as situações de interação, o aluno buscará interpretá-las, identificando as estratégias utilizadas pelos interlocutores na negociação dos significados, avaliando o sucesso ou não da comunicação, e, no caso de insucesso, propondo estratégias alternativas ou complementares.

"O falante sabe a sua língua, mas nem sempre tem o conhecimento do seu dizer: o que diz (ou compreende) tem relação com o seu lugar, com a dinâmica de interação que estabelece".¹¹ Mediando procedimentos de análise de discursos, o professor explicita os mecanismos de produção do sentido, para que o aluno reconheça o seu dizer e o dizer dos outros, desvelando as ideologias subjacentes ao discurso.

As condições de produção da escrita são bem diferentes das da modalidade oral; por isso, é necessário, por parte do aluno, um progressivo esforço para apreender as características próprias de um texto escrito.

O desenvolvimento da competência oral da criança é promovido nas diversas situações de interação (família, escola, grupos e meios de comunicação); entretanto, a sistematização da escrita é de responsabilidade da escola, pois ela depende de um trabalho contínuo e intencional.

Hoje não se acredita mais que escrita seja uma simples questão de inspiração ou emoção, mas sim resultado do trabalho. Sob a ótica dessa concepção, a produção de textos é pensada como processo de construção que envolve uma fase de pré-escritura e também uma de pós-escritura. Isto é, um momento de planejamento, um de escrita propriamente dita e um momento de(re) leitura e, concomitantemente de reescrita. Esses momentos não se constituem em etapas sequenciais, pois eles ocorrem recursivamente, isto é, interpenetram-se.

A escrita deve ser pensada como a construção de um objeto simbólico a ser partilhado com os outros. Para tanto, no ensino de língua o professor

11. ORLANDO, 1988.

deve considerar que uma produção precisa ser significativa, pois ninguém escreve (fala ou lê) sem motivo. Haja vista que a função da escrita é ser objeto de leitura, mesmo que seja para o próprio autor; nesse caso, constitui-se em recurso mnemônico, de organização do pensamento ou algo semelhante.

Outro ponto é que somente se escreve se houver algo a ser dito. Deve-se, também, levar em consideração a escolha das estratégias para a realização do texto escrito. Ressalta-se, mais uma vez, que a escrita não é uma reprodução da fala, nem ocorre nas mesmas circunstâncias, pois fala e escrita são diferentes instrumentos de ação social. No texto escrito é maior o grau de consciência e planejamento; por isso, ele exige um aprendizado no qual o aluno, através do desenvolvimento de sua competência linguística, passa a ter condições de optar conscientemente entre o uso das diferentes variantes, segundo as intenções e a destinação do texto.

Como pode a escola desenvolver a competência do aluno no uso da linguagem escrita?

A primeira condição para que o aluno produza um texto é que ele tenha o que dizer. Na sua ação pedagógica, o professor deve valer-se das experiências já vivenciadas pelos alunos, estabelecendo relações, discutindo-as, ampliando-as através do confronto com outras visões. Cabe aqui ressaltar a importância da leitura de diversos textos sobre um mesmo assunto, oportunizando, assim, o contato com vários pontos de vista e com as diferentes formas de expressá-los. Quanto mais oportunidades de ler e discutir, maior será o referencial para o aluno ter o que dizer, e, por conseguinte, tornar-se o sujeito de sua produção, diferenciando-se, assim, da condição de mero reprodutor das formas cristalizadas de dizer.

O aspecto dinâmico e interlocutivo da produção textual impõe outra condição: que se tenha para quem dizer. O que ocorre tradicionalmente com a redação escolar é que o aluno não tem uma razão que justifique a escrita, a não ser cumprir uma tarefa para receber nota. Uma alternativa para pôr fim a essa artificialidade da escrita na escola é o encaminhamento do trabalho através de projetos de escrita que dêem um destino real para a produção do aluno. Levar a público os textos, através de jornais escolares, livrinhos da turma, exposição em mural e correspondências diversas garantirá a existência de interlocutores para a escrita.

Há um terceiro ponto importante que concretiza os dois já apontados acima: o como dizer. Se o autor tem algo a dizer a alguém, ele precisa selecio-

nar as estratégias desse dizer. Essa seleção não se dá ao acaso, mas em função daquilo que vai ser dito, bem como da situação e do interlocutor. São essas condições que determinam o grau de formalidade, a escolha dos recursos expressivos e o tipo de texto.

Após o momento da escrita do texto, que já envolveu um momento de planejamento e um de escrita propriamente dita, deverá ocorrer sua leitura, para realização das modificações necessárias — a reescrita. Nessa ocasião, o professor e colegas, como interlocutores, interferem na produção, questionando, sugerindo, apontando caminhos que possibilitem ao aluno aquilo que pretende, na forma escolhida. Essas modificações, realizadas no texto, envolvem basicamente as operações lingüísticas de acréscimo, supressão, deslocamento e substituição de elementos do texto. Nesse processo, o papel do professor como mediador é o de operar sobre as operações realizadas pelos alunos.

Após terem sido efetuadas todas as operações lingüísticas, o processo de produção não está esgotado. Um texto é sempre passível de modificações, pois ele é resultado de um processo, ou é o próprio processo.

Convém lembrar que as três condições — o que dizer, para quem dizer e o como dizer — não são isoladas, elas ocorrem simultaneamente, ou seja, uma serve de auxiliar à outra.

A função da escola, enquanto lugar de reflexão, deve ser a de formar autores, embora não se negue a possibilidade de formar escritores. Ao desencadear um processo de formação do autor, ela estará propiciando, através da escrita, uma das formas de representação do sujeito. Entretanto, a elaboração da experiência da autoria depende da relação da linguagem com a escola e fora dela.

"O autor é, pois, o sujeito que, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, apresenta, pela linguagem, esse papel, na ordem social em que está inserido".¹²

12. ORLANDI, 1988, p. 79.

2.3 PRÁTICA DE LEITURA

Ao concebermos a leitura como prática social, precisamos, sem dúvida, analisar de que modo ela tem sido produzida na escola para a formação de leitores críticos. Além disso, devemos ter em mente que a nossa clientela, na grande maioria, não tem uma tradição social de leitura.

Temos, para tanto, que apontar o sentido que normalmente vem sendo dado à leitura. Evidentemente, aqui, levaremos em consideração só práticas que convivem paradoxalmente nas escolas.

O ensino de língua na escola vem conferindo à leitura um funcionamento mecânico, devido à concepção que vê a Língua como código, na qual a leitura de texto é mera decodificação.

Como decorrência, a escola geralmente privilegia, nas suas atividades com o texto escrito, o significante, em detrimento do significado: a forma, em detrimento do conteúdo; os símbolos, em detrimento da mensagem nele contida; a decodificação do que está escrito, em detrimento das idéias, sentimentos, atitudes e ideologias acerca do que foi lido. Então, o aluno passa a "ver", no texto, as letras, palavras e frases como acontecendo fora do sujeito, sendo reproduzidas automaticamente sob a forma de sons articulados e/ou exercícios de "interpretação".

Freqüentemente, percebe-se que a leitura fica aprisionada por leituras-padrão, vozes autoritárias que insistem na interpretação rígida, como se fosse possível determinar com exatidão o que quis dizer; assim, a leitura se torna dolorosa e desanimadora.

Percebe-se ainda, nesta abordagem mecanicista, que o texto se torna pretexto para atividades secundárias, voltadas para o controle do sentido do texto: leitura silenciosa (visando exclusivamente à formação de hábito para a leitura), identificação do vocabulário, síntese das idéias do texto, questionário de interpretação, exercícios gramaticais e de redação. A leitura vai da decifração do texto à sua paráfrase - explorado na sua "totalidade". Lição dada, dever cumprido!

Dentro de uma concepção sociointeracionista, a leitura é vista como prática social para formação de leitores críticos.

"Ler é a interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros: o autor, seu universo, seu

lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros; entre os dois: enunciação; diálogo?"¹³

Por sua natureza dialógica, a leitura vai além do texto e começa antes do contato com ele. O leitor traz a sua experiência sociocultural no momento da leitura, e este aspecto é básico para a compreensão do texto, pois entram em jogo os referenciais contextuais externos ao texto, advindos da interação social do leitor.

"O texto faz a mediação para a comunicação ou interação entre os dois contextos: o do autor e do leitor. Através do texto, o autor evoca, instiga e indicia referenciais que o leitor também transforma ou recria por meio de um processo de atribuição de significados".¹⁴

Com isso, o leitor não parafraseia o significado do outro, mas insere na sua formulação o seu modo de perceber o discurso: quem lê acriticamente obtém informações isoladas; mas, o leitor maduro interage com o texto, construindo significações a partir de suas outras leituras. Esse leitor encontra, nas entrelinhas do texto, vozes de outros textos lidos pelo autor, cuja intertextualidade se soma com a do leitor. Percebe-se, então, o leitor não como um simples decodificador, mas como aquele que assume um papel atuante, que busca significações.

Assim, a leitura torna-se uma relação discursiva onde professor e aluno exercem alternadamente a função de sujeito: estabelecem trocas entre si e se enriquecem mutuamente. Admite-se, pois, a pluralidade de interpretação, o desvelamento de significados implícitos, a ampliação da consciência de mundo, estabelecendo, por meio da leitura, uma relação dialética com o texto.

Nas aulas de leitura, é necessário que o aluno seja alertado sobre a existência, em cada texto, de diversos níveis de significações. Contudo, a atribuição do sentido não pode ser aleatória. Na interpretação, não pode haver espaço para o "achismo". Convém alertar para o fato de que as variações de sentido só se dão a partir da análise dos elementos que compõem o discurso. Senão, todos os textos equivaleriam a quaisquer sentidos — ninguém lê num texto o que quer e do jeito que quer.

O autor se utiliza de elementos adequados à obtenção dos efeitos desejados. É por essa razão que ele procura geralmente elaborar seu texto de modo coerente e dar pistas ao leitor que lhe permitam construir o texto desejado. É por

13. SOARES, 1988, p. 18.

14. SILVA, 1991, p. 25.

isso que todo texto abre a possibilidade de várias leituras. Corroborando tal asserção, **ORLANDI** afirma: "Ler é saber que o sentido pode ser outro"¹⁵

A leitura crítica é primordial para a educação libertadora; a sua implementação deve ser feita em instituições preocupadas pela disseminação da cultura. E há exigências com que o leitor crítico se defronta, que são, a "constatação, o cotejo e a transformação".¹⁶ Essas exigências não são habilidades compartimentalizadas a serem desenvolvidas; pelo contrário, trata-se de amplos e complexos atos da consciência que são desencadeados na atividade interacional da leitura.

No processo de leitura, o professor deve ser aquele que viabiliza as situações para instigar os alunos, permitindo-lhes que constatem os significados, reflitam coletivamente sobre os significados atribuídos e transformem os significados. Desse modo, no processo de constatação, os alunos desvelam significados indiciados pelo autor. Ao reconstruírem ou recriarem as idéias do autor, os alunos são levados ao cotejo (reflexão) das idéias, concluindo que há sentidos no texto, porque eles interrogam, criticam e propõem, tendo em vista os referenciais de suas experiências discursivas. E, na transformação, os estudantes geram mais sentidos para o texto, produzindo novos textos, novos conhecimentos e/ou evidenciando outras possibilidades de produção.

Neste processo aberto e partilhado, em que a leitura não se constitui em mera repetição ou em adivinhação de significados, os alunos são elevados à condição de sujeito. E o professor, aí, deve ouvir o que os alunos têm a dizer sobre os sentidos do texto, conduzir, sistematizar as idéias produzidas, aprender com elas e apresentar outros significados que os leitores, por serem menos experientes, não conseguiram alcançar.

A consolidação da competência do leitor não é uma obra do acaso; ela depende de um trabalho pedagógico bem fundamentado e bem conduzido. Em termos de prática pedagógica, é importante o professor perceber as finalidades da leitura: busca de informações, estudo de textos, pretexto e fruição.¹⁷

Tais finalidades não se propõem segmentar nem esgotar as possibilidades de leitura; vale observar que todas elas são possíveis, no processo de interlocução autor/texto/leitor, num mesmo texto, independentemente da especificidade do gênero.

15.0 ORLANDI, 1988, p. 16.

16.0 SILVA, 1991.

17.0 GERALDI, 1984, p. 81.

Podemos ter as seguintes posturas diante de um texto:

a) Na leitura busca de informações, o leitor vai ao texto para extrair uma informação. Essa informação pode estar tanto na superfície do texto como num nível mais profundo.

Essa busca se prende à necessidade de compreender mais sobre algo e de perceber os diferentes posicionamentos e modos para sustentar uma posição ante um fato.

Em termos metodológicos, pode haver um roteiro previamente elaborado ou não, dependendo da complexidade da questão que se pretende atingir.

b) Na leitura estudo-do-texto, o leitor vai retirar do texto tudo o que este pode oferecer. Desse modo, apresentam-se possibilidades de o leitor (re)fazer continuamente o seu sistema de referências e se constituir como sujeito do discurso.

Para tanto, deve prevalecer a preocupação com idéias, e não com palavras, levantadas através de perguntas ou roteiros, para se observar o assunto, a organização das idéias, os argumentos que envolvem o texto e as maneiras de se garantir a coerência e coesão entre as partes do texto.

c) Na leitura do texto-pretexo, o leitor vai ao texto, não para extrair informações ou repetir tudo o que ele pode oferecer, mas para produzir outros textos (verbais ou não-verbais). Em qualquer texto, oral ou escrito, há sempre uma relação de sentidos: todo discurso nasce de outro e aponta para outro.

Há, portanto, a possibilidade de se dramatizar uma narrativa, transformá-la em história em quadrinhos, elaborar uma poesia após a leitura de texto narrativo, etc. Esses são apenas exemplos, sem a intenção de sugerir aqui alternativas "criativas". Outros textos serão produzidos, dependendo da interlocução estabelecida entre professores e alunos.

d) Na leitura fruição de texto, o leitor e o texto estabelecem uma relação de gratuidade: o prazer gratuito de estar informado.

Não há, nesse momento, o controle do resultado ou, a imediata concretização em alguma forma de atividade. O professor oferecerá aos alunos textos variados (literário, poético, de informação, em quadrinhos, etc.) e garantia de espaço e tempo em sala de aula para que eles selecionem as leituras de acordo com suas intenções e interesses. Nesse sentido, estará a escola cumprindo seu papel de possibilitar a abertura de caminhos para aumentar o interesse pelos livros, uma vez que estes, historicamente, têm sido um bem cultural acessível apenas a uma pequena parcela da população.

A seleção de obras literárias bem elaboradas, sedutoras, que desenvolvam o senso artístico e estético, que integrem o aluno em sua cultura e o levem a conhecer outras, certamente serão decisivas para despertar o gosto pela li-

ratura. Acrescenta-se a isso a postura do professor perante a leitura: se ele não for um leitor, ou se encontrar desmotivado e/ou desinteressado sobre a importância política da leitura para a organização de uma sociedade mais democrática, não a perceberá como sendo uma porta aberta para o mundo.

A leitura de textos literários — aqueles que dão tratamento artístico ao signo verbal — provoca no leitor a **reflexão**, o **questionamento** e, por isso, a é capaz de dar voz ao cidadão e propiciar uma melhor **compreensão das relações humanas**, da vida e da própria literatura. Sendo assim, compete à escola um trabalho que assegure aos alunos o contato com a literatura de forma a possibilitar-lhes crescimento nos aspectos criativo, crítico e intelectual, além do aprimoramento da própria competência no uso da linguagem, tanto na modalidade oral quanto na escrita.

O despertar do interesse pelos livros passa, necessariamente, pela escolarização uma vez que o professor como mediador do processo poderá marcar essa iniciação com a leitura um prazer ou desprazer, o que dificilmente será revertido. Uma criança que ouve, conta, reconta, inventa, discute, lê histórias, irá desenvolvendo o interesse pela leitura. Também o respeito por sua história de leitor, permitindo-lhe eleger as obras que quiser ler, cativará a criança para desvendar o mundo do imaginário; não é pela imposição que o aluno se tornará um leitor. Cabe à escola oferecer opções de leitura para que o aluno escolha ou rejeite um texto, construindo, assim, a sua própria caminhada. Textos jurisignificativos, aqueles que exigem a mediação do professor, serão oferecidos paralelamente às leituras individuais de livre escolha, para serem discutidos e terem seus significados partilhados no grupo. Tal procedimento permite ao aluno ampliar, modificar suas experiências de leitor, tornando-se cada vez mais crítico.

Em relação à **poesia**, o papel da escola não é o de formar poetas, mas, sim, proporcionar ao aluno a descoberta desse gênero. Para tanto, é necessário que o professor seja sensível à leitura desse tipo de texto e, além disso, selecione poemas de qualidade para apresentar à turma — poemas que brinquem com as palavras de um jeito gostoso de ler e ouvir. A criança já chega na escola com experiências vividas com o aspecto lúdico, através da sonoridade das palavras (cantigas, trovas, parlendas). E essa experiência linguística deve ser aproveitada pela escola para incentivo da leitura e da tentativa de escrita de textos poéticos, numa apropriação das possibilidades da palavra.

As finalidades aqui relacionadas oferecem ao professor alternativas para o trabalho com o texto, objetivando o processo de ensino/aprendizagem, num movimento contínuo e dinâmico que tem como centro a prática de produção e textos.

2.4 PRÁTICA DE ANÁLISE LINGÜÍSTICA

A análise lingüística é entendida aqui como a **reflexão sobre os fatos da língua**. O texto, objeto de nosso estudo, possibilita ao professor e alunos essa reflexão explícita da língua. É a partir das e dentro das práticas de leitura e de produção que se dão essas reflexões, suportes para o processo de produção de conhecimento (em lugar de reconhecimento) sobre a língua.

Esse encaminhamento deve ocorrer tanto em textos publicados como nos textos produzidos pelas próprias crianças; porém, a análise de um e de outro se processa de modos diferentes. Na leitura de textos publicados, a análise objetivará a (re)construção do significado do texto, pois é pela detecção dos recursos empregados pelo autor que se desvelam suas intenções. Já nas reflexões dos alunos, objetiva-se a reescrita de tais textos, com a finalidade de adequá-los aos propósitos a que se destinam.

É pela comparação das diferentes construções textuais que se apreende a diversidade da tipologia de textos e se percebem as variações lingüísticas, permitindo, assim, o conhecimento de diferentes padrões de texto. A prática de análise lingüística, entendida como algo mais abrangente que uma simples correção gramatical, permite ao aluno recuperar suas intuições de falantes, aumentá-las, conscientizar-se delas e produzir conhecimento sobre a linguagem.

Como viabilizar essa prática em sala de aula?

2.4.1 Em caso de textos publicados

Num processo dialógico entre professor e aluno, são desvelados os recursos expressivos utilizados pelo autor — elementos de coesão, escolha dos vocábulos, recursos gráficos, argumentação, seqüência lógica e temporal — visando à compreensão do texto.

Numa discussão coletiva, são explicitados os mecanismos que regem a organização, a clareza, a coerência interna e externa, isto é, a própria gramática em funcionamento no texto. Nesse sentido, toda a manifestação lingüística traz subjacente uma gramática.

A língua é vista como algo dinâmico, que se (re)constrói a cada momento. Sendo assim, todos os usos da linguagem se configuram como atos criativos. "Há uma atividade criativa mesmo quando a linguagem se sujeita a suas próprias regras e há criatividade na construção das expressões mais simples e diretas em cada um de nossos atos comunicativos..."¹⁸

18. FRANCHI 1988.

Embora a linguagem seja uma atividade regulada, no sentido de que não se pode dizer aquilo que se quer, de qualquer maneira, em quaisquer situações, podemos dizer que ela permite a criatividade: construção de expressões pelo falante, a liberdade de escolha num leque de opções para adequar a produção às circunstâncias e aos efeitos que pretende causar, o modo de colocar-se em relação a um tema, além, é evidente, das manifestações lingüísticas que rompem com as regras padronizadas; todas são atividades criativas. Nesse sentido, na análise lingüística do texto, professor e aluno realizam um trabalho criativo e não a mera aplicação de normas ditadas pelos gramáticos.

A reescrita de textos publicados (paráfrase de textos narrativos, informativos, instrucionais, etc.) propicia o exercício reflexivo, na medida em que permite a compreensão de que a escrita é regida por imposições de ordem normativa e convencional e que, por sua fixidez, exige um planejamento criterioso. Pela paráfrase de textos, gradativamente, a criança vai aprendendo as especificidades da escrita, porém, convém salientar que esse é um processo lento no qual o redator iniciante não se dá conta de que o texto escrito envolve um planejamento global para adequação das suas intenções; é preciso que a escola crie condições para que a criança desenvolva esse senso.

2.4.2 Em caso de texto de alunos

Se a escrita de textos na escola ainda for vista como ato de inspiração, as produções dos alunos são consideradas como fatos acabados. Na concepção sociointeracionista, a linguagem é uma atividade histórica, dinâmica e social, produto da interação dos sujeitos. Nessa perspectiva, as produções dos alunos são vistas como ponto de partida para o trabalho sobre a linguagem, e a reescrita desses textos, sendo parte do processo da produção, permite a reflexão lingüística.

Então, é fundamental que o autor volte ao texto para revisá-lo não apenas objetivando fazer correções estritamente gramaticais, mas para conferir se suas intenções ficaram claramente expressas, pois, na hora da escritura, ele não conta com a cooperação do interlocutor (na oralidade o ouvinte coopera), portanto, toda explicitação fica a seu cargo. Isso implica, necessariamente, que ele se coloque no papel de leitor do texto e confronte o que está escrito com o que quiz dizer. Caso não tenha conseguido, há necessidade de reelaborar, reescrever o texto. E, para condução desse processo, há a necessidade da mediação do professor.

Como desencadear essa prática?

Prever todas as situações possíveis numa sala de aula é tarefa inimaginável; por isso, apontamos, abaixo, alguns indicativos que podem nortear essa prática:

- após a produção, o aluno deve fazer a revisão do próprio texto;
- ao professor cabe ler os textos dos alunos e indicar os aspectos que necessitam de revisão para torná-los bons textos;
- um (ou mais) textos devem ser analisados e reescritos coletivamente (os critérios para escolha desse(s) texto(s) são estabelecidos entre professor e alunos);
- os demais textos devem ser devolvidos para os alunos, para continuidade do trabalho coletivo: individualmente ou em equipes, os alunos reescrevem os textos, procurando os problemas apontados pelo professor; faz-se o confronto entre o texto original e a reescrita.

Que aspectos devem ser observados na reescrita para se obter um bom texto?

- clareza no assunto;
- boa apresentação e coerência nas idéias;
- seqüência lógico-temporal dos fatos;
- argumentação consistente;
- uso de recursos de coesão;
- uso da variedade padrão (concordância, regências, conjugação, grafia oficial, etc.);
- eliminação de redundâncias desnecessárias e "chavões".

Esse encaminhamento objetiva dar condições aos alunos para que, gradativamente, vão tornando-se revisores dos seus próprios textos.

3 AVALIAÇÃO

A presente concepção de avaliação em Língua Portuguesa está fundamentada nos pressupostos teóricos do sociointeracionismo e coerente com o encaminhamento metodológico já definido nesta proposta. Nesse sentido, ela é parte integrante do processo ensino/aprendizagem e tem função diagnóstica, entendida como processo contínuo de informações, análise e reflexão sobre o desenvolvimento e desempenho dos alunos nas práticas linguísticas.

Avaliação como instrumento de controle e poder da escola é aqui desprezada para dar lugar a uma avaliação que permita ao professor, em função do ensino/aprendizagem, repensar os métodos, procedimentos e estratégias de ensino, buscando solucionar as dificuldades encontradas pelo aluno na apropriação do conhecimento. Deixa-se, portanto, a simples verificação, para se fazer, de fato, avaliação, ou seja, deixa-se de classificar o aluno, para diagnosticá-lo.

Em Língua Portuguesa, a avaliação se realiza no processo de interação professor/aluno(s) no decorrer das aulas, sendo **sistemática e contínua**. Nesse entendimento, ela torna-se elemento indissociável do processo ensino/aprendizagem.

O uso de um sistema de registro escrito se apresenta ao professor como recurso para ir anotando dados relevantes a respeito de cada aluno: os conhecimentos de que o aluno se apropriou, as transformações geradas pelos novos conhecimentos, além dos aspectos de que ele ainda está por se apropriar.

Não se trata, pois, de atribuir nota a cada atividade feita pelo aluno, mas, sim, de registrar avanços e dificuldades que vem apresentando nas suas produções.

O registro informará, tanto o professor como o aluno, sobre o progresso que esse vem apresentando, além de se tornar o subsídio para traduzir em nota o resultado do processo.

Devido ao caráter dinâmico da avaliação, os dados obtidos pelo professor sobre o rendimento de cada aluno servem para detectar os aspectos que precisam ser retomados e para uma tomada de decisão a respeito do encaminhamento que possibilite o aprimoramento da competência lingüística do aluno. Vale dizer que essa competência não se apresenta de modo definitivo, mas se revela diferentemente em cada momento histórico do sujeito nas situações diversas.

O estabelecimento de critérios bem definidos que funcionem como parâmetros para analisar os dados observados na aprendizagem do aluno, evitam que haja arbitrariedade por parte do avaliador. É importante que tais critérios, estabelecidos entre educadores e escola, fiquem bem claros para pais e alunos. Dessa maneira, a avaliação se desenvolve em bases legítimas e possibilita a conscientização do aluno a respeito do que se espera em termos de aprendizagem.

A avaliação em Língua Portuguesa deve estar centrada no seu objeto de estudo – o TEXTO – em situações de PRODUÇÃO, nas modalidades oral e escrita da língua.

E pelas diferentes produções textuais, ao longo de um período, que o professor acompanha e medeia o trabalho de elaboração de cada aluno. Nesse processo de comparação textual, torna-se observável o que o aluno já domina e o conhecimento de que ainda precisa se apropriar para o domínio da escrita.

3.1 AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO

Na análise da produção de um texto deve-se observar:

- a adequação do texto:
 - ao interlocutor (jovem, criança, adulto, autoridade)
 - à intenção
 - à situação (mais formal/menos formal);
- ao processo de seleção das informações;
- à predominância das características próprias de cada tipo de texto;
- à estrutura textual.

3.1.1 Critérios de Avaliação do Texto

3.1.1.1 - Quanto à estrutura textual

Observar:

A) Clareza:	
- O que assegura a clareza:	- o que compromete a clareza:
<ul style="list-style-type: none"> - unidade temática; - presença de argumentos; - pontuação; - paragrafação; - seqüência lógica; - clareza nas idéias. 	<ul style="list-style-type: none"> - fuga ao tema; - ausência de argumentos ou uso de argumentos gastos; - falta de informações; - falta ou inadequação dos sinais de pontuação; - idéias não ordenadas cronologicamente ou logicamente; - idéias contraditórias, falta de precisão na apresentação da idéia, redundâncias e repetições desnecessárias, ambigüidades.

B) Coerência:	
- o que assegura a coerência:	- o que compromete a coerência:
- texto sem contradições.	- Falta de coerência entre o título e o desenvolvimento do texto; - falta de coerência interna.

C) Discurso direto e discurso indireto:	
- o que assegura o discurso direto e discurso indireto:	- o que compromete o discurso direto e discurso indireto:
- adequação desse emprego.	- discurso direto sem pontuação adequada: travessão; interrogação; exclamação; dois-pontos. - inadequação ao tipo de texto

D) Coesão:	
- o que assegura:	- o que compromete:
- uso adequado dos recursos de coesão: - conjunção; - pronomes; - preposição; - sinônimo; - hiperônimo; - tempos verbais; - advérbios; etc.	- frases soltas; - repetições de palavras desnecessárias; - inadequações de uso do elemento coesivo.

3.1.1.2 - Quanto à sintaxe

- uso adequado quanto à:	- o que compromete:
- concordância verbal e nominal; - regências.	- concordância verbal: falta de concordância entre o verbo e o sujeito; - concordância nominal: falta de concordância das palavras em gênero e número; - regência: inadequação ou falta da preposição.

3.1.1.3 - Quanto à morfologia

- uso adequado quanto:	- o que compromete:
- ao vocabulário; - à ortografia; - à acentuação gráfica; - à divisão silábica.	- palavras empregadas inadequadamente na situação e ao interlocutor; - grafia incorreta das palavras (de acordo com a experiência da escrita da criança); - partição incorreta da palavra na mudança de linha.

3.1.1.4 - Quanto à apresentação

- o que assegura boa apresentação	- o que compromete:
- legibilidade; - disposição gráfica do texto;	- texto que não se apresenta legível ao interlocutor; - problema de traçado de letra; - falta de limpeza; - disposição incorreta das partes que compõem o texto.

3.2 AVALIAÇÃO DA LEITURA

A perspectiva defendida nesta proposta vê o trabalho com a leitura dos diversos tipos de textos (literários, informativos, poéticos, publicitários, etc.) como produção de sentidos, devido ao caráter dialógico e ideológico da linguagem. A compreensão do texto, portanto, não pode ser unilateral, mas sim, entendida como um trabalho realizado na interlocução, onde os sujeitos acionam sentidos de acordo com suas experiências com textos. Esses sentidos são dados através de pistas que o próprio texto oferece, aliadas às histórias de leitura que os sujeitos / leitores trazem consigo. Descarta-se, portanto, a idéia de que quaisquer sentidos são possíveis no texto — ninguém lê o que quer e do jeito que quer —, bem como não se pode esperar que todos os alunos dêem uma resposta que corresponda fielmente às expectativas do professor.

No processo de compreensão de textos, o professor há de considerar:

- o (s) sentido(s) que o aluno atribui ao texto;
- a argumentação utilizada pelo aluno para aderir ou contrapor-se às idéias do autor;
- a relação que o aluno faz entre o texto lido / ouvido / visto e outros — inter-textualidade.

3.3 AVALIAÇÃO DA ORALIDADE

Assumindo que a linguagem é constituída pela interação entre os sujeitos, entende-se que, na modalidade oral da linguagem, essa apropriação se dá na variação do grupo social ao qual a criança pertence.

A escola, ao discutir as diferentes variedades, torna consciente para as crianças o valor social relativo dessas variedades, e dentre elas, o da variedade padrão. O propósito do domínio dessa variedade não é de torná-la substituta da linguagem da criança, e, sim, propiciar ao sujeito mais uma forma de linguagem ao seu dispor, para adequação do ato verbal às diferentes situações de uso. É no confronto entre as variedades lingüísticas que o aluno percebe os valores sociais que são atribuídos a umas e outras, para compreensão dos usos nas diferentes atividades e dos diferentes propósitos sociais.

Portanto, o desempenho dos alunos — no duplo papel de consumidores e produtores orais — será avaliado em situações formais (relatos, apresentações, debates) observando-se os aspectos:

- objetividade;
- clareza;
- uso de elementos de coesão;
- coerência;
- consistência argumentativa na defesa de pontos de vista;
- adequação ao interlocutor;
- adequação à situação (altura, tonalidade, timbre, postura, grau de formalidade...).

Nesse enfoque, a avaliação se torna um instrumento valioso, que permite ao professor acompanhar o processo de apropriação de linguagem de seus alunos, com vistas a garantir a todos uma participação democrática na vida social.

4 GLOSSÁRIO

Adequar o discurso à situação: significa produzir um enunciado considerando o contexto histórico, os interlocutores, o lugar de onde se fala, a imagem (a idéia) que se faz de si e do outro e do referente.

Análise lingüística: reflexão sobre os fatos da língua.

Diacronia: mudanças nos fatos da língua, ocorridas através dos tempos.

Discurso: é a realização do ato lingüístico por sujeitos historicamente situados.

Enunciado: seqüência de palavras produzidas por um ou mais falantes numa da situação.

Interação: processo da ação entre os sujeitos.

Interlocução: processo de interação entre indivíduos, através da linguagem verbal ou não-verbal.

Interlocutor: sujeito que participa do processo de interação através da linguagem verbal ou não-verbal.

Intertexto: relação de um texto com outro(s).

Intertextualidade: remessa de um texto a outro(s) texto(s).

Língua: é o produto social da faculdade da linguagem.

A fala é a realização concreta da língua, aquela não existe sem esta (Brandão).

Linguagem: faculdade que distingue o homem dos outros animais. Na perspectiva discursiva, a linguagem é interação, um modo de ação social. Por ser realidade histórica, está intimamente vinculada à vida social e cultural dos falantes.

Linguagens não-verbais: são exemplos delas: música, desenho, cinema, mímica, etc.

Linguagem verbal: modalidade oral ou escrita da língua.

Linguística: estudo científico da linguagem.

Locutor: é o sujeito que produz um enunciado.

Marcas formais: são os aspectos de língua que caracterizam os discursos.

Marcas ideológicas: aspectos que revelam o posicionamento do autor diante do assunto.

Paráfrase: é a produção do mesmo sentido do texto, sob formas estruturais diferentes.

Posto, pressuposto e subentendido: o posto é a afirmação do locutor, subentendido é a conclusão do interlocutor, enquanto que o pressuposto é a informação explícita no diálogo, necessária para as inferências do interlocutor. Ex.: Se o time tivesse ganho, os jogadores receberiam medalhas.

Posto: A vitória do time asseguraria medalha aos jogadores.

Pressuposto: O time não venceu.

Subentendido: Os jogadores não receberam medalhas.

Recurso mnemônico: recurso de memória.

Relação inter-sentencial: relação entre as sentenças do texto.

Relação intra-sentencial: relação entre os elementos da sentença.

Símbolo: é a notação de uma relação — constante numa cultura dada — entre dois elementos. A relação é estabelecida através de uma convenção (a balança como símbolo da justiça, por exemplo).

Texto: é a unidade básica de manifestação da língua. Texto é muito mais do que um simples somatório de palavras ou frases que o compõem: a diferença entre a frase e o texto é de ordem qualitativa e não de ordem quantitativa. (Koch).

Variedade não-padrão: quaisquer variedades lingüísticas diferentes da variedade padrão.

Variedade padrão (norma culta, dialeto-padrão ou norma padrão/culta): é a denominação dada às variedades lingüísticas de prestígio. Falada pelas classes sociais privilegiadas, nas situações formais; usada pela "mass media" (jornais, revistas, noticiários de televisão, etc.), ensinada na escola e normatizada pelas gramáticas (daí decorre a falsa idéia de que só a variedade padrão pode ter uma gramática, quando qualquer variedade pode ter a sua).

5 LEITURA COMPLEMENTAR

- ① BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- 2 BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1976.
- 3 BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: UNICAMP, 1991.
- 4 CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.
- 5 CAMACHO, Roberto G. **A variação lingüística**. In: SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação. **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1.º e 2.º graus**. São Paulo, 1988.
- 6 CLEMENTE, Elvo; KIRST, Marta Helena (Org.). **Lingüística aplicada ao ensino de português**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- 7 CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. **Currículo básico: uma contribuição para a escola pública brasileira**. Curitiba, 1983.
- 8 DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- ⑨ DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- 10 FARACO, Carlos Alberto. **Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Ática, 1991.
- 11 FIAD, Raquel Salek. **Operações lingüísticas presentes nas reescritas de textos**. Campinas: IEL/UNICAMP. 9 f. Mimeografado.
- 12 _____. **Ensino da língua materna: gramática x leitura e redação**. *Rev. Semestral da ALB*, n. 7, p. 21-24, 1986.
- 13 FRANCHI, Carlos. **Criatividade e gramática**. *Rev. Trabalho em Lingüística Aplicada*, Campinas, n. 9; p. 5-45, 1987.
- 14 FRANCHI, Eglê. **A redação na escola**. São Paulo: M. Fontes, 1984.
- 15 FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

- 16 GERALDI, João Vanderley. **O texto na sala de aula.** Cascavel: ASSOESTE, 198.
- 17 _____. **Portos de passagem.** São Paulo: M. Fontes, 1991.
- 18 GNERRE, Maurizio. **Linguagem escrita e poder.** São Paulo, M. Fontes, 1985.
- 19 GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura na escola de 1º grau.** São Paulo: Loyola, 1988.
- 20 GOES, Maria Cecília Rafael de. **Avaliação e correção de erros na leitura e escrita.** Campinas: UNICAMP, 1989. 9 f. Mimeografado.
- 21 KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística.** São Paulo: Ática, 1986.
- 22 KLEIMAN, Angela B. A interface da leitura e redação no ensino e na pesquisa. **Rev. trabalho em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 16, p. 90-100, jul./dez. 1990.
- 23 KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem.** São Paulo: Cortez, 1987.
- 24 _____. **A coesão textual.** São Paulo: Contexto, 1989.
- 25 KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual.** São Paulo: Contexto, 1990.
- 26 _____. **Texto e coerência.** São Paulo: Cortez, 1989.
- 27 LEITURA: caminhos da aprendizagem. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1990. 92. p. (Série Idéias, 5).
- 28 LEITURA: perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1988.
- 29 LEITURA: teoria e prática. Porto Alegre, v. 9, n. 15, 1990.
- 30 LUCHESI, Cipriano Carlos. **Avaliação do aluno: a favor ou contra a democratização do ensino.** 9 f. Mimeografado.
- 31 LURIA, A. R.; YODOVÍCH, F. I. **Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- 32 MANDRYK, David; FARACO, Carlos Alberto. **Língua portuguesa, prática de redação para estudantes universitários.** Petrópolis: Vozes, 1987.

- 33 MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Primeiros Passos).
- 34 _____. **Questões de Linguagem**. São Paulo: Contexto, 1991.
- 35 ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- 36 _____. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.
- 37 OSAKABE, H. **Argumentação e discurso político**. São Paulo: Kayros, 1979.
- 38 PECORA, A. **Problemas de redação**. São Paulo: M. Fontes, 1983.
- 39 PINO, Angel. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. **Cadernos CEDES**, São Paulo, n. 24, p. 32-42, 1991.
- 40 POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: M. Fontes, 1980.
- 41 ROJO, Roxane Helna Rodrigues. O desenvolvimento da narrativa escrita: como são os textos que as crianças escrevem. **Rev. Trabalho em Lingüística aplicada**. Campinas, n. 16, p. 101-109, jul./dez, 1990.
- 42 SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta curricular para o ensino de língua portuguesa: 1.º grau**. 3. ed. São Paulo, 1988.
- 43 SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez, 1991.
- 44 SILVA, Ezequial Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Papyrus, 1991.
- 45 _____. **O ato de ler**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- 46 _____. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: M. Fontes, 1988.
- 47 _____. **O professor e combate à alienação imposta**. São Paulo: Cortez, 1989.
- 48 _____. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papyrus, 1991.

recebe ensino regular e, no outro turno, são trabalhadas as várias dimensões da cultura da sociedade contemporânea: corporal, artística, das mídias: informática e educação ambiental.
Abrangência: 21.022 alunos.

O Governo Federal construiu e a Secretaria Municipal da Educação gerencia o CAIC Cândido Portinari.

Tendo por princípio a pedagogia de atenção integral à infância e adolescência, oferta-se ensino de primeiro grau completo em período de quatro horas diárias e de programas de atenção às necessidades de aprendizagem no outro turno. Através da parceria com outros órgãos municipais, alunos e comunidade têm acesso a programas de saúde, aos bens culturais, ao lazer, à iniciação e qualificação profissional que visam dar condições para o exercício da cidadania participativa.

As competências básicas para o exercício da cidadania requerem o domínio cognitivo através das áreas do conhecimento e o domínio da sociabilidade representados por atitudes responsáveis, auto-determinação, senso crítico e ética. Através desse projeto, a Secretaria Municipal da Educação considera o processo educacional em todas as suas dimensões, trabalhando os aspectos do comportamento referentes às relações interpessoais e sociais, enfatizando-as como condições indispensáveis para a participação, representação e cidadania.

Na era da informática, unindo o telefone ao computador, o Disque Educação encaminhará ao setor competente as dúvidas e solicitações das escolas e comunidade para que sejam prontamente atendidas.

Abrangência: todos os setores da Secretaria Municipal da Educação pelo telefone 321-8774.

Estão sendo desenvolvidos dois projetos na área de informática:
- Projeto Horizonte: compreende a utilização dos programas (softwares - Logowriter e Linkay) para alunos de pré a 8ª série. Projeto-piloto em duas escolas.

- Projeto "Digitando para o Futuro": compreende a utilização de sistema operacional (MS-DOS), de editor de texto (Fácil), de planilha de cálculo (Super Calc) e através de "softwares" educacionais. Serão envolvidos os alunos da 5ª a 8ª séries de três escolas municipais.

Efetiva um programa sistemático de formação continuada aos profissionais da educação, ampliando espaços para a sua atuação competente no compromisso com a escola pública de qualidade.

Promove cursos de capacitação em sala de aula e a distância, assessoramentos e consultoria pedagógica.

Conta também com o Laboratório de Ensino e Aprendizagem, onde é desenvolvida a prática do Currículo Básico, com vistas a sua efetivação.

Características de atendimento - 1994

Escolas de Ensino Regular e extensões	075
Centro de Educação Integral (CEI)	036
Escola Especializada	001
Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC)	001
Centro Municipal de Educação Especial	005
Centro Municipal de Reeducação Visual	001
Laboratório de Ensino e Aprendizagem	001
Total	122

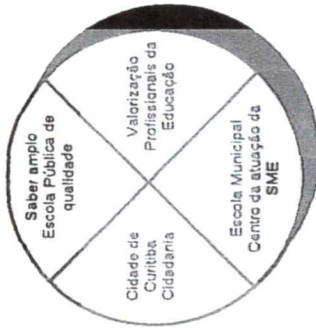
Número de	Turmas o	Alunos
Pré-escolar	151	3.716
1ª a 4ª série	2.081	62.624
5ª a 8ª série	188	5.315
Educ. de Jovens e Adultos	118	2.779
Supletivo Fase II	23	682
Educação Permanente		1974
Total	2.641	77.090

Fonte: Coordenadoria de Informática - SME em 30/06/94



SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO
RUA: ÁLVARO RAMOS, 150
CENTRO CÍVICO CEP 80530-190
FONE: (041) 321-8471 FAX (041) 252-3303
CURITIBA-PR





Este projeto representa um importante passo no sentido da democratização do saber e da melhoria da qualidade da escola pública. É um livro escrito por uma equipe de profissionais da educação da Secretaria Municipal de Educação, com o objetivo de abordar, interdisciplinarmente, os conteúdos das áreas do conhecimento, a partir de referências locais da cidade de Curitiba e ampliando-se nas dimensões do conhecimento universal, pois "só se ama o que se conhece". Visa, assim, ao preparo para o exercício consciente e participante da cidadania.

Abrangência: alunos de 1ª a 4ª série do 1º grau da Rede Municipal de Ensino, prevendo-se uma durabilidade para 6 anos.

Realizará produções educacionais a fim de complementar o trabalho do professor em sala de aula e também oportunizar a divulgação de trabalhos significativos às escolas.

Através de circuito fechado com emissão de uma estação geradora para outras receptoras, prevê-se a participação ativa e constante dos alunos como produtores, emissores e receptores de programas radiofônicos com o objetivo de oportunizar melhor compreensão da realidade onde estão inseridos, o envolvimento e a interação no processo educacional como agentes da comunicação.

Construção arquitetônica em forma de cone, lembra os faróis de sinalização marítima. O Farol do Saber, integrado às escolas, permite acesso tanto pela escola como pela comunidade. Engloba num só espaço dois serviços:

- minibiблиотеca, instrumentos de difusão cultural e democratização do saber.
- policiamento preventivo, pela presença da Guarda Municipal e pelo sinal luminoso no alto da torre.

Com o objetivo de tornar a cidade de Curitiba conhecida por todos os alunos da Rede Municipal de Ensino; são organizados roteiros de visita a locais públicos, parques, fábricas, Centro Cívico e outros.

Através de um cronograma anual, são colocados ônibus à disposição das escolas, que deslocam seus alunos para o local previamente agendado pela Gerência de Projetos Educacionais.

Abrangência: 115 escolas.

Oportuniza a alunos e professores visitas monitoradas a locais de preservação (Zoológico, Jardim Botânico, Bosque Reinhard Maack, Bosque Gutierrez, Bosque João Paulo II), a fim de obterem informações científicas sobre flora e fauna.

Abrangência: professores e alunos de 3ª série da Rede Municipal de Ensino.

Proporciona aos alunos visita ao setor histórico de Curitiba, percorrendo a linha pinhão, marcada em petipavê, que une os 51 pontos que contam a história desta cidade, frente ao burburinho do século XXI.

Abrangência: alunos de 3ª série da Rede Municipal de Ensino.

Fazendo uso das Jardineiras (ônibus panorâmicos), os alunos de 2ª série da Rede Municipal de Ensino terão oportunidade de conhecer os principais parques e bosques de Curitiba por meio de visitas monitoradas pelo professor da classe.

Abrangência: alunos de 2ª série.

Um espetáculo que tem a finalidade de proporcionar aos alunos o acesso ao mundo da música, do canto e da dança, numa promoção conjunta com a UFPR - Departamento de Atividades Culturais. O conteúdo desses espetáculos consta de: canto coral, orquestra e dança.

Abrangência: 10.500 alunos de 4ª série do ensino de 1º grau e 3.000 alunos de Educação Fundamental de Jovens e Adultos.

Tem por finalidade resgatar a cultura popular brasileira e regional, bem como dar oportunidade para divulgação do trabalho realizado com alunos da Rede Municipal de Ensino.

Abrangência: 115 escolas.

Na construção participativa da melhoria do ambiente físico da escola, o projeto de paisagismo conduz a uma reflexão sobre a importância da preservação dos espaços comuns, como sendo responsável de todos onde se efetiva a verdadeira educação ambiental.

Abrangência: escolas da Rede Municipal de Ensino.
Parceria: Secretaria Municipal do Meio Ambiente

Reciclagem de lixo é resultado de trabalho educativo numa população. Para torná-lo mais próximo de nossos alunos, propõe-se a troca de lixo que não é lixo por produtos hortifrutigranjeiros que enriquecerão a merenda escolar.

Abrangência: 115 escolas da Rede Municipal de Ensino.

Parceria: Secretaria Municipal do Meio Ambiente

Respeitando os valores religiosos e culturais da Comunidade, através de palestras, debates, treinamentos, peças de teatro, trabalhos de grupo e supervisão direta, busca propiciar uma ampla visão sobre sexualidade humana, ajudando o aluno a compreender e respeitar seu corpo e sentimentos dos outros, visando ao pleno exercício da cidadania.

Abrangência: 115 escolas.

Ciente da importância da educação infantil, a Secretaria Municipal de Educação organiza ações administrativas e pedagógicas, relativas à oferta de educação pré-escolar na faixa etária de 5 a 6 anos, em classes nas escolas da Rede Municipal de Ensino, nas creches oficiais da Secretaria Municipal da Criança e nas creches das Associações Comunitárias.

Proposta de Educação Permanente com a utilização dos espaços das escolas da Rede Municipal de Ensino, no período noturno.

Seu objetivo é atender às expectativas da comunidade com a oferta de conteúdos significativos que permita a elevação do padrão cultural e a inserção como cidadãos atuantes na sociedade através da dinamização das seguintes áreas: cursos de iniciação, qualificação e/ou aperfeiçoamento profissional; atividades de esporte e lazer e atividades culturais (música, teatro, artes plásticas, filmes). Para atender à significativa parcela da população que não teve oportunidade de escolarização de grau na faixa etária apropriada, a Secretaria Municipal de Educação oferta cursos de suplância com projeto pedagógico próprio.

Destina-se às pessoas portadoras de necessidades especiais por apresentarem deficiência física não sensorial, deficiência auditiva, deficiência visual, deficiência mental, distúrbios de aprendizagem e superdotação.

A Secretaria Municipal de Educação mantém:

- classes especiais e salas de recursos nas escolas de ensino regular;
 - a Escola Especializada Ali Bark para deficientes mentais;
 - centros especializados de atendimento terapêutico-educacional;
 - avaliação diagnóstica Psicoeducacional em Núcleos Regionais da Educação;
- a) Centro Municipal de Educação Especial.

Os Centros de Educação Integral, com a proposta de ampliação da carga horária (oito horas diárias), representam uma das alternativas de avanço em relação à qualidade do trabalho com o conhecimento, reforçando a natureza pedagógica na instituição escolar. O aluno

ANEXO 5

QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES

**QUESTIONÁRIO APLICADO JUNTO AOS PROFESSORES, COORDENADORES
E PESSOAS PARTICIPANTES DO PROJETO RADIO-ESCOLA**

1. Há quantos anos, i sr (a) acompanha a experiência rádio-escola?

- Menos de um ano
- Um a dois anos
- Dois a quatro anos
- Acompanhou os cinco anos de atividade

2. Qual a sua participação no projeto?

- Professor
- Participante
- Colaborador
- Outras

3. É possível identificar mudança na prática de ensino da escola, a partir da experiência com a rádio-escola?

- Sim
- Não

Por quê? na observação do crescimento e desenvolvimento principalmente oral, na cooperação em atividades de grupo entre os alunos participantes.

4. Quais os alunos que participam da rádio-escola? Por quê?

O projeto iniciou com 3: e 4: séries,
e atualmente envolve todas as
séries

5. Quanto ao envolvimento dos alunos participantes do projeto, qual a sua avaliação:

Muito boa

Boa

Regular

Por quê: A participação no projeto esti-
mula o aprendizado em sala
de aula.

6. Desenvolvimento da capacidade de expressão, participação e interesse dos alunos:

Muito Bom

Bom

Regular

7. Em termos didáticos, é possível avaliar o projeto rádio-escola como:

Muito Bom

Bom

Regular

8. A educação, como ato de exercício da cidadania, apresentou mais envolvimento e conscientização dos alunos a partir do projeto Rádio-Escola?

Sim

Não

Por quê? temas debatidos e opiniões

construídas após pesquisas e locuções nos programas de Rádio-Escola, organizam e incentivam o exercício da cidadania.

9. O interesse dos demais setores que acompanham as atividades de ensino na escola (associação de pais, comunidade e outras), é possível avaliar o projeto como:

Muito Bom

Bom

Regular

10. A participação, envolvimento e interesse do setor público (Secretaria da Educação de Curitiba) no projeto aconteceu?

Sim

Não

Por quê?

A escola tornou-se autônoma no caminho do projeto e possui admiração do setor público, confirmada pelo constante interesse na divulgação deste trabalho

11. A experiência em outras escolas. É possível, é viável?

Sim

Não

Por quê?

O projeto é de excelente qualidade,
com custo financeiro baixo, sendo
possível a sua manutenção

12. Que áreas do conhecimento é mais trabalhada na rádio-escola?

Português

História

Geografia

Todas do currículo básico

outras

Por quê? todas as áreas do conheci-
mento são envolvidas na
organização das programações.

13. Na sua opinião, o projeto proporciona que o aluno participante tenha uma visão mais crítica da realidade?

Sim

Não

Por quê?

Esses alunos possuem maiores oportu-
idades de pesquisar, troca de
opiniões o que favorece o desenvolvi-
mento crítico de seu conteúdo.
(de análise -

14. Existe resistência ou preconceito do professor utilizar a rádio-escola
Como instrumento de ensino?

() Sim

(+) Não

Por quê?

Reconhecem que as programações
incentivam o aluno no seu
auto crescimento

15. Faz cinco anos que o _____ vem trabalhando com a
rádio-escola como um meio de ensino. Existe interesse da escola continuar
com o projeto?

(+) Sim

() Não

Por quê?

A participação dos alunos
nas programações auxiliam
o desenvolvimento cognitivo físico -
social dos alunos.

QUESTIONÁRIO APLICADO JUNTO AOS PROFESSORES, COORDENADORES
E PESSOAS PARTICIPANTES DO PROJETO RADIO-ESCOLA

1. Há quantos anos, i sr (a) acompanha a experiência rádio-escola?

- () Menos de um ano
() Um a dois anos
() Dois a quatro anos
 Acompanhou os cinco anos de atividade

2. Qual a sua participação no projeto?

- Professor
() Participante
() Colaborador
() Outras

3. É possível identificar mudança na prática de ensino da escola, a partir da experiência com a rádio-escola?

- Sim
() Não

Por que?

Percebe-se que a R.E. embasa todas
as atividades da escola em termos de comunicação
social.

4. Quais os alunos que participam da rádio-escola? Por quê?

Basicamente, alunos de 3^{as} e 4^{as} séries, mas em nossa escola já é rotina o trabalho com alunos de pré a 4^a série.

5. Quanto ao envolvimento dos alunos participantes do projeto, qual a sua avaliação:

Muito boa

Boa

Regular

Por quê: É uma atividade interessante e que fascina os alunos. Isto faz com que busquem a perfeição no falar, na pesquisa e até na escrita:

6. Desenvolvimento da capacidade de expressão, participação e interesse dos alunos:

Muito Bom

Bom

Regular

7. Em termos didáticos, é possível avaliar o projeto rádio-escola como:

Muito Bom

Bom

Regular

" Não posso falar errado, pois estão me ouvindo! "

" Não posso escrever sem clareza, pois nos consigo ler! "

" Tenho que ler com eu falo e eu não falo em sílabas! "

8. A educação, como ato de exercício da cidadania, apresentou mais envolvimento e conscientização dos alunos a partir do projeto Rádio-Escola?

Sim

Não

Por quê? Quando o aluno vê o seu trabalho realizado e valorizado cada vez ele vai tentar superar seus próprios limites pesquisando e lendo mais. Com isso melhora sua visão de mundo.

9. O interesse dos demais setores que acompanham as atividades de ensino na escola (associação de pais, comunidade e outras), é possível avaliar o projeto como:

Muito Bom

Bom

Regular

10. A participação, envolvimento e interesse do setor público (Secretaria da Educação de Curitiba) no projeto aconteceu?

Sim

Não

Por quê?

Nos primeiros anos, aconteceu. Ultimamente tem valido o esforço da escola em manter o projeto em termos de manutenção.

Mas todos concordam que o projeto tem valor.

11. A experiência em outras escolas. É possível, é viável?

Sim

Não

Por quê?

Sim, com um professor para dedicar-se ao
projeto. É um instrumento excelente para
desenvolver leitura, escrita e envolvimento do
aluno.

12. Que áreas do conhecimento é mais trabalhada na rádio-escola?

Português

História

Geografia

Todas do currículo básico

outras

Por quê? Basicamente o português; mas em se
tratando de informação e pesquisa a rádio-
escola trabalha todas;

13. Na sua opinião, o projeto proporciona que o aluno participante tenha uma visão mais crítica da realidade?

Sim

Não

Por quê?

Acredito nisso porque o aluno percebe que os
meios de comunicação possuem uma ideologia
e o aluno acaba criando a sua própria
visão da realidade diante de tantos pontos de
vista.

14. Existe resistência ou preconceito do professor utilizar a rádio-escola
Como instrumento de ensino?

() Sim

Não

Por quê?

Pelo tempo de projeto e por estar disponível
a todos não há resistência e os que a utilizam
como instrumento de ensino reconhecem seu valor.

15. Faz cinco anos que o _____ vem trabalhando com a
rádio-escola como um meio de ensino. Existe interesse da escola continuar
com o projeto?

Sim

() Não

Por quê?

A rádio-escola faz parte do cotidiano deste
CEI. Seria uma grande perda se o projeto acabasse.

**QUESTIONÁRIO APLICADO JUNTO AOS PROFESSORES, COORDENADORES
E PESSOAS PARTICIPANTES DO PROJETO RADIO-ESCOLA**

1. Há quantos anos, i sr (a) acompanha a experiência rádio-escola?

- Menos de um ano
- Um a dois anos
- Dois a quatro anos
- Acompanhou os cinco anos de atividade

2. Qual a sua participação no projeto?

- Professor
- Participante
- Colaborador
- Outras

3. É possível identificar mudança na prática de ensino da escola, a partir da experiência com a rádio-escola?

- Sim
- Não

Por quê? observa-se uma acentuada mudança de caráter, melhoria na auto-estima e conseqüente melhora no aprendizado

4. Quais os alunos que participam da rádio-escola? Por quê?

3^{as} e 4^{as} séries, porque não houve possibilidade de uma única professora atender todas as turmas

5. Quanto ao envolvimento dos alunos participantes do projeto, qual a sua avaliação:

() Muito boa

Boa

() Regular

Por quê: Nem todos os professores aceitam mudanças na sua maneira de ser.

6. Desenvolvimento da capacidade de expressão, participação e interesse dos alunos:

() Muito Bom

Bom

() Regular

7. Em termos didáticos, é possível avaliar o projeto rádio-escola como:

() Muito Bom

Bom

() Regular

8. A educação, como ato de exercício da cidadania, apresentou mais envolvimento e conscientização dos alunos a partir do projeto Rádio-Escola?

Sim

Não

Por quê? A criança participante do projeto conscientiza-se do seu direito à comunicação e dos seus deveres e direitos enquanto cidadão, porque se descobre como tal

9. O interesse dos demais setores que acompanham as atividades de ensino na escola (associação de pais, comunidade e outras), é possível avaliar o projeto como:

Muito Bom

Bom

Regular

10. A participação, envolvimento e interesse do setor público (Secretaria da Educação de Curitiba) no projeto aconteceu?

Sim

Não

Por quê?

A princípio envolveram-se, mas em seguida ausentaram-se. Nunca entendi porque.

11. A experiência em outras escolas. É possível, é viável?

Sim

Não

Por quê?

Porque é um trabalho de cunho pedagógico e qualquer profissional consci-
ente e com vontade de melhorias poderá
desenvolvê-lo.

12. Que áreas do conhecimento é mais trabalhada na rádio-escola?

Português

História

Geografia

Todas do currículo básico

outras

Por quê? É um projeto abrangente e
qualquer assunto pode ser pesquisado
e transformado em programas de Rádio

13. Na sua opinião, o projeto proporciona que o aluno participante tenha uma
visão mais crítica da realidade?

Sim

Não

Por quê?

Após pesquisa, escrita e releitura de
texto, vivência de situações o aluno é capaz
de fazer comparações e tirar suas próprias
conclusões à cerca do que foi tratado.

14. Existe resistência ou preconceito do professor utilizar a rádio-escola
Como instrumento de ensino?

Sim

Não

Por quê?

Alguns pais e profissionais
têm dificuldade de aceitar e reconhecer
o novo.

15. Faz cinco anos que _____ vem trabalhando com a
rádio-escola como um meio de ensino. Existe interesse da escola continuar
com o projeto?

Sim

Não

Por quê?

Temos visto o quanto as crianças
progredem em sua formação total
após o trabalho.

Em poucas semanas é possível ver
o resultado.

QUESTIONÁRIO APLICADO JUNTO AOS PROFESSORES, COORDENADORES
E PESSOAS PARTICIPANTES DO PROJETO RADIO-ESCOLA

1. Há quantos anos, i sr (a) acompanha a experiência rádio-escola?

- Menos de um ano
- Um a dois anos
- Dois a quatro anos
- Acompanhou os cinco anos de atividade

2. Qual a sua participação no projeto?

- Professor
- Participante
- Colaborador
- Outras

3. É possível identificar mudança na prática de ensino da escola, a partir da experiência com a rádio-escola?

- Sim
- Não

Por quê? Ela desenvolve a melha desperta
no aluno o hábito pela pesquisa, o
gosto pela leitura.

4. Quais os alunos que participam da rádio-escola? Por quê?

Todos os alunos que demonstram interesse
em participar.

5. Quanto ao envolvimento dos alunos participantes do projeto, qual a sua avaliação:

Muito boa

Boa

Regular

Por quê: Eles demonstram o gosto e a res-
ponsabilidade com as atividades da
Rádio Escola.

6. Desenvolvimento da capacidade de expressão, participação e interesse dos alunos:

Muito Bom

Bom

Regular

7. Em termos didáticos, é possível avaliar o projeto rádio-escola como:

Muito Bom

Bom

Regular

8. A educação, como ato de exercício da cidadania, apresentou mais envolvimento e conscientização dos alunos a partir do projeto Rádio-Escola?

Sim

Não

Por quê? Porque através da Rádio o aluno pesquisa e faz o programa de acordo com os temas que são do seu interesse, fazendo com que o aluno se sinta melhor.

9. O interesse dos demais setores que acompanham as atividades de ensino na escola (associação de pais, comunidade e outras), é possível avaliar o projeto como:

Muito Bom

Bom

Regular

10. A participação, envolvimento e interesse do setor público (Secretaria da Educação de Curitiba) no projeto aconteceu?

Sim

Não

Por quê?

Sempre que possível buscamos a participação da S.M.E.

11. A experiência em outras escolas. É possível, é viável?

Sim

Não

Por quê?
Porque este projeto trabalha com o todo da escola, festas, comemorações, horas cívicas, campanhas de saúde, etc.

12. Que áreas do conhecimento é mais trabalhada na rádio-escola?

Português

História

Geografia

Todas do currículo básico

outras

Por quê? Porque os temas utilizados para os programas são os mais variados.

13. Na sua opinião, o projeto proporciona que o aluno participante tenha uma visão mais crítica da realidade?

Sim

Não

Por quê?
Porque ele é um aluno que lê, conversa e pesquisa mais.

14. Existe resistência ou preconceito do professor utilizar a rádio-escola
Como instrumento de ensino?

() Sim

(x) Não

Por quê?

15. Faz cinco anos que _____ vem trabalhando com a
rádio-escola como um meio de ensino. Existe interesse da escola continuar
com o projeto?

(x) Sim

() Não

Por quê?

*Porque a Rádio já faz parte do nosso
dia e se acreditamos num ensino de
qualidade quando é dado ao aluno
a oportunidade de participar de todos
os recursos a que temos acesso.*

QUESTIONÁRIO APLICADO JUNTO AOS PROFESSORES, COORDENADORES
E PESSOAS PARTICIPANTES DO PROJETO RADIO-ESCOLA

1. Há quantos anos, i sr (a) acompanha a experiência rádio-escola?

() Menos de um ano

() Um a dois anos

() Dois a quatro anos

Acompanhou os cinco anos de atividade

2. Qual a sua participação no projeto?

Professor

() Participante

() Colaborador

() Outras

3. É possível identificar mudança na prática de ensino da escola, a partir da experiência com a rádio-escola?

Sim

() Não

Por quê?

O rádio centraliza todas as atividades
ligadas a qualidade e informações na escola

4. Quais os alunos que participam da rádio-escola? Por quê?

O projeto precisa a participação de alunos de
3º/4º séries, mas já tem dois anos (+) está atuando
com todos os anos.

5. Quanto ao envolvimento dos alunos participantes do projeto, qual a sua avaliação:

Muito boa

Boa

Regular

Por quê: O aluno vêem que sua produção
tem valor e é utilizada (diferente de uma
produção em sala.)

6. Desenvolvimento da capacidade de expressão, participação e interesse dos alunos:

Muito Bom

Bom

Regular

7. Em termos didáticos, é possível avaliar o projeto rádio-escola como:

Muito Bom

Bom

Regular

8. A educação, como ato de exercício da cidadania, apresentou mais envolvimento e conscientização dos alunos a partir do projeto Rádio-Escola?

Sim

Não

Por quê? É um projeto que envolve a escola
e o aluno. Todas as campanhas desenvolvidas
pela rádio têm ampla participação.

9. O interesse dos demais setores que acompanham as atividades de ensino na escola (associação de pais, comunidade e outras), é possível avaliar o projeto como:

Muito Bom

Bom

Regular

10. A participação, envolvimento e interesse do setor público (Secretaria da Educação de Curitiba) no projeto aconteceu?

Sim

Não

Por quê?

Era parte. Nos primeiros anos do projeto, sim.
Ultimamente o apoio mudou e da escola
para que o projeto prosseguisse, embora a SME
reconheça o valor do trabalho realizado pela
rádio escola. Para que o trabalho se efetive
em prol do desenvolvimento dos alunos é necessário
que o professor permaneça com dedicação exclusiva
ao projeto e mais uma profissional (de estagiário,
voluntário) que cuide da parte técnica (edição,
gravação, produção, arquivo da rádio).

11. A experiência em outras escolas. É possível, é viável?

Sim

Não

Por quê?

Porque é um projeto que exige grandes investimentos e o retorno é incerto.

12. Que áreas do conhecimento é mais trabalhada na rádio-escola?

Português

História

Geografia

Todas do currículo básico

outras

Por quê? A informação e pesquisa abrangem todas as áreas.

13. Na sua opinião, o projeto proporciona que o aluno participante tenha uma visão mais crítica da realidade?

Sim

Não

Por quê?

Ele tem que analisar todas as informações sobre o tema que está tratando e ser absolutamente imparcial e verdadeiro.

14. Existe resistência ou preconceito do professor utilizar a rádio-escola
Como instrumento de ensino?

() Sim

Não

Por quê?

Acredito que na nossa escola nos haja
Talvez, indiferença nos casos de profissionais
que não se envolvem.

15. Faz cinco anos que o _____ vem trabalhando com a
rádio-escola como um meio de ensino. Existe interesse da escola continuar
com o projeto?

Sim

() Não

Por quê?

Mo falta da RE.
Provavelmente uma grande lacuna.
Neste último mês de novembro houve reversidade
de que a professora responsável assinasse um
termo. Algumas das organizações para
montar um abaixo-assinado exigindo a
volta do seu funcionamento.